FUNDADOR — JOAQUIM MANSO TERÇA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 1966 ANO 46.º — NÚMERO 15 726

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: DIBOA — TELEX.: 363
TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
NUMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA

O corte de relações do Congo com Portugal é de admitir

— afirmou hoje o dr. Franco Nogueira

O ministro dos Negócios Estrangeiros deu hoje uma nova conferência de Imprensa, estando presentes, além dos representantes dos órgãos da informação portugueses, muitos jornalistas estrangeiros.

O dr. Franco Nogueira começou por se referir á recente visita do seu colega brasileiro a Portugal e á importancia dos acordos assinados, dizendo que estes dão começo a uma nova fase nas relações luso-brasileiras, «jamais atingida». Acrescentou que, de forma nenhuma, ficarão afectados interesses com terceiros e que Portugal, devido á livre convertibilidade, estará em condições de proceder, com vantagens mutuas, á troca de produtos. Aludiu, ainda, aos vários aspectos dos acordos firmados, dizendo que a política seguida pelo Brasil nos quatro anos a seguir a 1960 não beneficiou os interesses do Brasil e prejudicou sériamente os de Portugal.

A propósito, confirmou que tanto um como outro país ficarão com a independência absoluta nas suas relações inernacionais com terceiros, acrescentando que, também nesse plano, os interesses luso-bra-

(Continua na 11.ª página)

O dr. Franco Nogueira no uso da palavra

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRÃO

A ASSEMBLEIA E OS BASTIDORES

Não é um caso inédito aquele que está a passar-se em Nova York. A Assembleia Geral da O. N. U. é cenário de importantes conversações diplomáticas e confrontações de pontos de vista que se desenrolam nos bastidores. É essa, presentemente, a missão principal do organismo que começou a funcionar há vinte anos, a qual basta para justificar a sua existência. Em circunstâncias diferentes, a deslocação do sr. Gromyko aos Estados Unidos levantaria suspeições e seria rodeada de ruidosa publicidade. Sem o pretexto da Assembleia, o ministro dos Negócios Estrangeiros francês não teria maneira fácil de explicar a sua presença nos Estados Unidos. O Governo americano disse que a sua política de intransigência em relação à China não se alterou ao fazer saber que vetará a entrada deste país na O. N. U. Quando a Imprensa soviética acusa os dirigentes de Pequim de, nos encontros de Varsóvia, prepararem um entendimento com os americanos, o qual seria pago pelo Vietnam do Norte, o sr. Goldberg desmente-a, anunciando que a China não entrará este ano nas Nações Unidas.

Por detrás do cenário da Assembleia Geral, desenvolve-se intensa actividade diplomática. A tribuna dos afro-asiáticos funciona ruidosamente enquanto se multiplicam focos de incêndio na África e na Ásia: árabes e israelitas, etíopes e somalis, africanos brancos e pretos, digladiando-se no plano jurídico por causa do Sudoeste africano, indianos e paquistaneses, chineses e anticomunistas asiáticos, indonésios de facções opostas. Nos bastidores, os problemas que se debatem são de outro nível. Discutem-se o futuro da Aliança Atlântica e o das relações americano-soviéticas, à volta do conflito entre as grandes potências comunistas, China e União Soviética, fazem-se cálculos e preparam-se golpes, fala-se em Nova York daquilo que não foi resolvido em Genebra, ou seja, do tratado para evitar a proliferação das armas nucleares.

VISADO PELA CENSURA

Nota do dia

O VALOR DA NOSSA TÉCNICA

Grande parte da superfície de Portugal é, como toda a gente sabe, de natureza rochosa deixando à vista, em extensas regiões, uma paisagem agreste e fria, caracterizada por afloramentos pedregosos que revelam bem a continuidade da meseta ibérica. A terra, carecida das propriedades indispensáveis para assegurar um bom rendimento agrícola, aparece predominantemente ocupada por diversas rochas, que tanto implicam uma ideia de firmeza inabalável, como constituem uma das causas da infecundidade do solo. Quanto mais não fosse, estas circunstâncias bastariam para justificar o interesse com que se deslocaram agora até ao nosso País os mais autorizados técnicos que cultivam o complexo ramo da ciência relacionada, precisamente, com as propriedades das rochas, assim como o seu comportamento perante a evolução natural do solo e a acção do homem na consolidação dos grandes trabalhos subterrâneos. Como se verificou logo na sessão inaugural desta magna reunião, os técnicos preocuparam-se com as incógnitas que comporta a manipulação das massas rochosas em muitas obras de vulto, procurando definir os princípios de uma nova especialidade denominada mecânica das rochas. O próprio presidente da sociedade internacional que promoveu este congresso, salientando a magnitude dos problemas que prendem a atenção dos cientistas, aproveitou a sessão inaugural para pôr de sobreaviso os seus pares contra «as perfídias e as propriedades ocultas» deste ingrato material. Evocando as duras lições de algumas realizações que iludiram demasiadamente a confiança dos melhores construtores, pôs em evidência as nefastas consequências que daí resultaram para tanta gente que não partilhava da responsabilidade desses categorizados obreiros e que acabou por ser envolvida em catastróficas derrocadas por falta de consistência das estruturas em que se alicerçam empreendimentos da mais sólida aparência. Os técnicos portugueses, que tanto se têm distinguido na aplicação prática deste ramo da ciência, não terão deixado de considerar a utilidade do amplo intercâmbio de ideias que esta reunião proporcionou, mas é justo acentuar que os temas propostos não possuem segredos para eles e que, por muito notável que se tenha revelado a participação estrangeira, também cá temos técnica aperfeiçoada e assente em bases tão firmes como as rochas com cujo comportamento tanto se preocupam estes homens que vieram agora reunir-se em Portugal.

Sob chuva inclemente

tropas luso-espanholas desfilaram hoje a caminho das zonas de operações

(Do nosso enviado especial **JOAQUIM LETRIA**)

CRATO, 27 — A direcção das manobras conjuntas luso-espanholas procede, desde hoje, a reconhecimentos, a fim de estabelecer a posição definitiva que enquadrará, 5 quilómetros para Sul e para Norte, esta localidade.

E' aqui que se resistirá ao «invasor».

Desde ontem á tarde que o total de efectivos espanhóis se encontra estacionado em Já Fogo.

Ao longo dos 33 quilómetros que separam Galegos de Alpalhão, estende-se uma coluna militar espanhola que, em marcha reduzida, avança para o seu destino, precedida pelos generais Amaro Romão e Garcia Rebull, os quais, no cruzamento para Já Fogo, assistiram ao desfile de todo o material, sob uma chuva impertinente, ladeados dos oficiais dos estados-maiores peninsulares.

Uma nota a salientar: as forças espanholas apresentam-se excelentemente equipadas, no entender de alguns oficiais portugueses que assim no-lo disseram.

O general Amaro Romão reuniu-se com oficiais dos dois exércitos, no posto de comando, em Alpalhão, e, na presença do seu camarada espanhol, relatou as operações levadas a efeito durante o dia de ontem, desde a partida das forças portuguesas até ao estabelecimento do Agrupamento Táctico 9.

Finda a exposição, durante a qual o general Romão deu a conhecer, evidentemente, a situação militar de uma área muito mais vasta do que aquela que engloba esta zona, oficiais portugueses e espa-

(Continua na página central)

A NOVA ESTRATÉGIA INDUSTRIAL DA FRANÇA

2 — MITOS E REALIDADES DAS CONCENTRAÇÕES

por PIERRE DROUIN

(Serviço combinado «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Devagar, quase sem se notar, vai-se modificando o quadro através do qual a opinião francesa formula os seus juízos sobre o mundo económico. Depois de haver apoiado durante muito tempo a protecção da pequena empresa, o homem da rua aplaude agora de preferência as alianças que conduzem aos grupos poderosos. Severos outrora para com o lucro, talvez porque este termo não está muito longe do de

(Continua na 7.ª página)

28 PÁGINAS HOJE

JUVENIL
QUATRO PAGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO
GUIA TURÍSTICO
VIDA CIENTÍFICA

Grandezas jamais perdidas

por VASCO DA GAMA FERNANDES

Quando a ansiedade de conhecer mundo nos levou, poucos anos depois do fim da ultima guerra, a atravessar a Europa, ainda aqui e ali devastada, cresceu-nos no peito a certeza que lá estava e que espero não nos abandonará nunca: *há grandezas que jámais se perdem.*

Até então mal conhecíamos a

(Continua na 10.ª página)

SOTERRADA VIVA DURANTE QUASE 60 HORAS

TÓQUIO, 27 — (R.) — Equipas de salvamento retiraram hoje, com vida, uma rapariga de 19 anos, das ruínas de sua casa, quase 60 horas depois de um desmoronamento de terras, no monte Fuji, a ter sepultado.

Entretanto, o numero de mortos em consequência dos tufões que assolaram o Japão, no domingo, subira para 214, enquanto são agora oficialmente indicadas como desaparecidas 101 pessoas.

O Governo declarou 56 cidades, vilas e aldeias como regiões sinistradas, por motivo do pior desastre causado por tufões, no Japão, nos ultimos seis anos.

Os furacões, que deixaram 90 mil pessoas sem lar, dissiparam-se ontem.

• • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • • •

De ontem para hoje

A CAMIONETA CAIU NA RIBANCEIRA

Uma camioneta de carga, conduzida pelo sr. António Martins de Oliveira, seguia pela estrada do Fundão á Covilhã. Depois de ter passado a ponte de Bem-Boa, perto do Fundão, despenhou-se na ribanceira junto á ponte. Um automobilista, que passava, deu o alarme e chegou a pensar-se numa grande tragédia. Acorreram ao local os bombeiros que tiraram do precipício, além do condutor do veículo, mais três pessoas que viajavam nele: Maria da Natividade Ferreira Martins, de 49 anos, casada; o menor José da Silva Mendes, de 9 anos, e Vítor Manuel Martins de Oliveira, que foram conduzidos ao hospital do Fundão, onde foram tratados de ferimentos sem gravidade, com excepção do ultimo que, devido a forte contusão, se encontra em estado de choque. Os feridos são todos naturais da freguesia de Alcongosta.

ACIDENTE MORTAL

O sr. António Henrique Adão, de 23 anos, é comerciante em Belém do Pará e estava a passar férias em Portugal, em casa de seus pais que vivem em Gois. Ontem, ia no seu carro, de Penacova para o Buçaco e, a certa altura, devido ao piso escorregadio, por causa da chuva, o automóvel despistou-se e embateu violentamente numa árvore, depois de sair da faixa de rodagem. Tanto o condutor como o pai, sr. Boaventura Henrique Adão, de 63 anos, ficaram muito feridos, tendo sido transportados aos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde o sr. António Adão faleceu, pouco depois de ali entrar. O pai ficou internado em perigo de vida.

SOB A CAMIONETA

O acidente deu-se perto de Atalaia de Baixo, Lourinhã. Quando descrevia uma curva, despistou-se e caiu numa terra lavrada junto á berma da estrada a camioneta conduzida pelo sr. Arnaldo Hugo dos Santos, de 45 anos, morador na Lourinhã. Seguiam com ele um seu irmão, José Hugo dos Santos, de 42 anos, residente em Lisboa, e António José Tourinha, de 20 anos, que está a prestar serviço militar em Mafra. O soldado, cuspido quando o veículo se virou, ficou sob um dos taipais da camioneta e teve morte imediata e os outros dois ocupantes da viatura ficaram feridos, mas sem gravidade.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o general Moura dos Santos, governador militar de Lisboa, e o sr. Manuel Correia.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunicou que morreram em combate, na província da Guiné, o soldado n.º 9210865, Almerindo Augusto Ferreira; e no Hospital Militar Principal (Estrela), em consequência de ferimentos recebidos em combate, na mesma província ultramarina, o furriel miliciano Agostinho Tavares Lopes Prata.

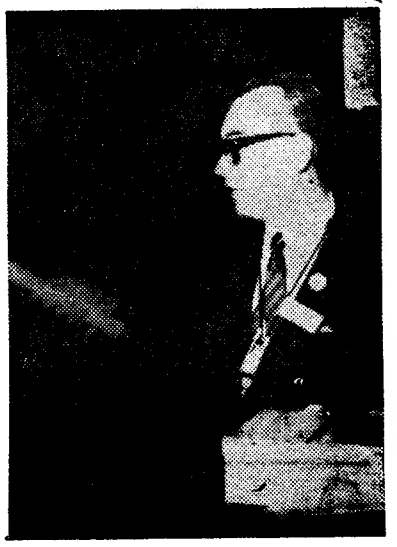
«Vamos intensificar o estudo de problemas específicos de túneis e centrais subterrâneas»

– disse hoje o director do L. N. E. C. no Congresso das Rochas

O I Congresso Internacional de Mecânica das Rochas, que se encontra reunido em Lisboa, na Aula Magna da Universidade, proporcionou hoje uma revelação que não pode deixar de assinalar, uma vez mais, a projecção e o prestígio de que usufruem alguns dos meios técnicos portugueses: a apresentação de investigações originais no domínio da técnica e da ciência, relacionadas com a mecânica das rochas, desenvolvidas no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Essa revelação foi feita no decorrer de uma conferência intitulada «A mecânica das rochas em Portugal», proferida, ás 9 horas, pelo sr. eng. Manuel Rocha, director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, e presidente da comissão organizadora da importante reunião, na qual participam mais de 800 especialistas de 42 nações.

— O desenvolvimento dos estudos e investigações no campo da mecânica das rochas — afirmou o sr eng.º Manuel Rocha — tem sido, sobretudo, estimulado pelos problemas postos pelas fundações de barragens de betão. No entanto, também temos tido a oportunidade de nos ocuparmos do estudo de problemas de centrais subterrâneas, túneis e taludes. Actualmente, dispõe o Laboratório Nacional de cerca de vinte pessoas, das quais dez universitárias, trabalhando, em «full-time», em problemas de mecânica das rochas. Além disso, outros sectores do Laboratório, tais como os que se ocupam do estudo e construção de novos aparelhos, da observação do comportamento de obras e da documentação, prestam a sua colaboração, no respectivo domínio de especialização. No respeitante á política de investigação, tem sido seguida no campo da mecânica das rochas a política geral do nosso Laboratório, como instituição de investigação tecnológica. Assim tem sido dada uma constante atenção á identificação dos problemas com real interesse prático, o que nos levou a dar especial desenvolvimento ao estudo «in situ» do comportamento dos maciços rochosos e á observação do comportamento das obras.



O prof. Manuel Rocha ao proferir a sua conferência

Na sua conferência, o sr. eng.º Manuel Rocha analisou ainda, desenvolvidamente, os índices de qualidade das rochas, referindo o caso particular do maciço de fundação granítico da barragem do Alto Rabagão, recentemente inaugurada. Referiu-se, também, ao desenvolvimento de um novo método para a determinação completa do estado de tensão ao longo de um furo de sondagem.

Por fim, o sr. eng.º Manuel Rocha, falando da actualidade futura, disse:

«Finalmente, desejava terminar esta exposição referindo as nossas intenções quanto ao futuro. Pensamos continuar a intensificar a nossa actividade, em especial em relação ao estudo de problemas específicos de tuneis e centrais subterrâneas. Além disso, consideramos aconselhável dedicar á investigação de base uma parte cada vez mais importante da nossa capacidade de acção, pois julgamos que a experiência e os conhecimentos já acumulados constituem uma garantia da eficiência de tal actividade».

Também apresentaram hoje comunicações os srs. Pierre Habib (França) e dr. H. Denkhaus (Africa do Sul).

O sr. eng.º Laginha Serafim interveio no debate que se seguiu á primeira destas comunicações.

Amanhã, proceder-se-á á eleição do novo presidente da Sociedade Internacional de Mecânica das Rochas, funções actualmente exercidas pelo professor Leopold Müller (Alemanha).

Passa amanhã por Lisboa um «Friendship» da Philips com serviço postal aéreo

...e 2000 bolbos de tulipas para o nosso País

Para comemorar os 75 anos de existência da N. V. Philips, Gloeilampenfabrieken em Eindhoven começou, no dia 24 do corrente (prolongando-se até ao próximo dia 29), uma volta aérea á Europa, com o avião Friendship PH-LIP, dos serviços de aviação daquela importante organização.

No dia 24, o referido avião partiu, para um voo de Amizade europeu, do aeroporto de Eindhoven, na presença de altos funcionários dos correios holandeses, bem como de membros do conselho de administração da Philips da Holanda. O aparelho não só transporta o correio aéreo Philips, como o correio normal de todas as partes da Holanda para todo o Mundo.

Pela primeira vez, é utilizado um novo selo aéreo-comemorativo dos 75 anos Philips — e tanto, selos como envelopes ou postais são autenticados com um carimbo postal especial, cujo texto é o seguinte: «Eindhoven-24 de Setembro 1966, Europese Rondvlucht».

Nesta viagem, o PH-LIP passou já pelos aeroportos de Schipol, Bruxelas, Eelde, Oslo, Helsínquia, Estocolmo, Copenhaga, Hamburgo, Viena, Zurique, Milão, Roma, Atenas, Barcelona e Madrid, chegando amanhã ás 8 e 35, a Lisboa, de onde seguirá para Paris (Le Bourget), Dublin e Londres (LAP).

Além do correio transportado para o nosso País, far-se-á a entrega de 2000 bolbos de tulipas, destinados á C. M. L.

A aguardar a comitiva deste voo, encontrar-se-ão no aeroporto individualidades civis e diplomáticas.

DIÁRIO escolar — INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

Abertura das aulas e inspecções médicas

Prosseguem nos liceus e nas escolas do Ensino Técnico Profissional os trabalhos relativos á abertura do novo ano escolar, designadamente, a organização de turmas e horários e as inspecções médicas.

No *Liceu Nacional de Gil Vicente*, começaram hoje as inspecções, tendo sido observados pelos médicos escolares os alunos que pela primeira vez frequentam o estabelecimento, de Abílio Luís Antunes a Francisco Xavier Ferreira Neto. As inspecções prosseguem amanhã, de Gilberto José Nobre da Conceição a João Vítor Correia Pires; no dia 29, de Joaquim António Ascensão Marques a Mário Sérgio dos Santos Bernardo; e no dia 30, de Nelson Manuel Ferreira a Vítor Manuel da Silva Anselmo.

No dia 1 de Outubro próximo, pelas 10 horas, haverá uma sessão só para os alunos do 1.º ano e respectivos encarregados de educação. Esses alunos poderão tomar conhecimento dos seus horários a partir das 9 horas do mesmo dia 1 de Outubro. Os restantes alunos só tomarão conhecimento dos horários a partir das 14 horas.

As aulas começam no dia 3 de Outubro.

No *Liceu de Camões*, a inspecção médica dos alunos do primeiro ano que pela primeira vez frequentam o liceu, efectua-se das 9 ás 12 horas, amanhã, de Abel António da Silva Marta a Francisco Manuel de Oliveira Sécio; no dia 29, de Francisco Miguel Borges Soares de Brito a José Maria Leite Teixeira Martins; e no dia 30, de José Mário Pereira Prata a Vítor Paulo Leite Ferreira de Melo. Também neste dia serão inspeccionados os alunos matriculados nos outros anos pela primeira vez neste liceu.

Na *Escola Comercial Ferreira Borges*, começaram ontem e prosseguiram hoje as inspecções médicas dos alunos do 1.º ano do curso diurno. Amanhã serão observados os alunos cujos nomes começam pela letra M; depois de amanhã, os que começam pelas letras M a Q; e no dia 30, os que começam pelas letras R a Z. Horário das inspecções: 10 ás 12 e 14 ás 18 horas.

Na *Escola Técnica Francisco de Arruda*, as actividades do ano escolar iniciam-se no sábado, dia 1, com o seguinte horário: ás 10 horas, reunião de todos os alunos com o director da escola; ás 15 horas, reunião com os novos professores e mestres; ás 18 horas, reunião com os encarregados de educação para se debaterem as linhas do programa escolar.

Os alunos a quem são emprestados livros (248) devem levantá-los nos dias 29 e 30 do corrente mês; as isenções de propinas (250) estão afixadas; todos os outros aspectos de acção social escolar têm que ser anotados até 1 de Outubro (ginástica médica, vendas a prestações, socorro social, compras a crédito, caderno-diário, equipamento de educação física e da M. P., refeitório, etc.).

No dia 3 de Outubro começam as aulas, actividades culturais e circum-escolares (escola de quadros).

TERMINOU O CURSO sobre Técnicas Modernas de Aprendizagem

Com um almoço num restaurante típico na Ericeira, terminou hoje o Curso sobre Técnicas Modernas de Aprendizagem, que, desde 19 do corrente, decorreu no Colégio Vasco da Gama, em Meleças, regido pelo dr. João A. Nabais, director do Centro de Psicologia Aplicada á Educação.

Durante este curso, foram analisadas as bases científicas da aprendizagem, a sua organização, planificação e «contrôle» de resultados, bem como as dificuldades, lacunas, diagnóstico e terapêutica pedagógicas. Foram ainda estudados os princípios básicos do ensino programado.

1.º Curso de Aperfeiçoamento de Medicina Desportiva

No salão nobre do INEF realizou-se hoje, ás 15 horas, a abertura do 1.º Curso de Aperfeiçoamento de Medicina Desportiva, com a presença do sr. director-geral dos Desportos, que proferiu a alocução inaugural.

A primeira lição deste curso que tem carácter essencialmente didáctico foi dada pelo sr. dr. Hondravella sobre «Psicologia Desportiva».

Seguidamente, o sr. dr. Aníbal Costa falou sobre «A Medicina Desportiva e o Plano de Fomento Gimno Desportivo». No curso, que tem o patrocínio do Ministério da Educação Nacional, estão inscritos todos os médicos do Centro de Medicina Desportiva e, facultativamente, quarenta e dois médicos dos quais 15 são médicos escolares, num total de 86.

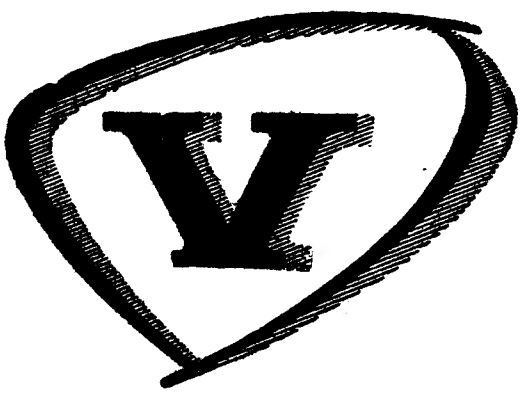
Mantêm-se os preços dos combustíveis líquidos

Foi hoje publicado o despacho do ministro da Economia que fixa os preços de venda ao público dos combustíveis líquidos (gasolina, petróleo, gasóleo e «fueil oil») a partir de 1 de Outubro próximo.

Os referidos preços são os actuais.

«Diário de Lisboa»

O presidente da Câmara Municipal de Tavira teve a amabilidade de agradecer ao «Diário de Lisboa» o artigo que publicámos recentemente sobre aquela cidade.



VALADARES

SÍMBOLO DA MAIS ALTA QUALIDADE EM CERÂMICA

Ora, diga-nos...

— É filho único?

● *O problema do filho único é um facto. Inumeros pedagogos têm-lhe dedicado a sua atenção, procurando analisar o especial comportamento do menino sem irmãos, sujeito a uma concentração de atenções, desvelos, exigências, proibições, avisos que vão vincar, de modo quase irrefragável, a formação da mentalidade. É um bem, é um mal ser filho único?*

Responderam-nos três entrevistados casuais: um homem de meia idade, uma senhora e um adolescente. A sua experiência pessoal contou muito nas breves declarações que nos fizeram. Disse-nos em primeiro lugar, o sr. José dos Santos, conhecido por sucessivas actuações como palhaço na Televisão:

— Por acaso sou filho único. Tive dois irmãos que morreram com pouca idade e cresci rodeado de certos cuidados que os meus amigos não recebiam. Mas dei-me bem com essa situação! O filho único não tem oportunidade para quizílias, para desavenças. Em miudo esperei sempre por um irmão. A brincadeira... Enfim, brincava: como toda a gente pequena. Só uma recordação penosa desses tempos — a morte de minha mãe. Era eu pequenino. O meu pai casou outra vez e a madrasta tratou-me como se eu fosse filho dela. Boa senhora! Se sou comunicativo? Sou palhaço, está tudo dito.

● *A sr.ª D. Silvina Marques Rosa, dona de casa, pôs reservas á condição de filho único:*

— Sou a quarta filha de uma família de seis irmãos. Filhos unicos? Ou nenhum ou um mínimo de dois. Ter muitos irmãos ajuda a viver. É certo que não me dei bem com todos — questão de feitio. Mas brincávamos bastante e os jogos faziam-se melhor em conjunto. O meu desgosto é ser casada e não ter filhos. Ao menos um...

— Dois, sr.ª D. Silvina!

— Exactamente: dois.

● *E por fim um adolescente, Manuel Lima Fernandes, empregado comercial. Filho unico? Era bom, era...*

— Somos sete irmãos e eu sou o terceiro. Tirando o mais velho e eu, os outros estão todos na terra. Em Barreiros, concelho de Viseu. Pois é bom ter irmãos, palavra! Brinca-se melhor, há mais confiança na vida. Os meus pais nunca nos puderam dar assim muitos cuidados. O meu pai é cavador, a minha mãe ocupa-se com os trabalhos de casa. Mas a gente divertia-se, reinava, ia aos pássaros, á fruta... Se eu fosse filho unico era um infeliz

Regressou de Moçambique o ministro das Obras Públicas

No avião da careira da TAP, regressou esta manhã a Lisboa o ministro das Obras Publicas, que, a convite do governador-geral de Moçambique, visitou aquela província, durante dez dias.

O sr. eng.º Arantes e Oliveira, que era acompanhado pelo seu chefe de gabinete, sr. eng.º José Maria Avilez, percorreu diversas localidades moçambicanas e fez uma exposição sobre a Ponte Salazar, perante professores e alunos dos cursos de engenharia dos Estudos Gerais.

No aeroporto, apesar da hora matutina, o ministro teve carinhosa recepção. Falando aos jornalistas, manifestou o seu entusiasmo por tudo quanto viu:

— Confesso — disse — que esperava ter as maiores sensações, mas agora, devo confessar que essas sensações foram largamente excedidas. Venho pois, cheio de admiração por essa bela gente portuguesa, que está escrevendo páginas de glória todos os dias em terras do Ultramar. Venho também com a mais firme confiança no futuro que se antevê para esta nossa África.

A RÚSSIA E A POLÓNIA

galardoadas no Festival Cinematográfico do Panamá

CIDADE DO PANAMÁ, 27 — (A. N. I.) — A URSS e a Polónia ganharam a maioria dos prémios do IV Festival Cinematográfico do Panamá. O grande prémio foi atribuído á película soviética «Hamlet» e diversos outros galardões foram ganhos pelo filme polaco «Soror Joana». «Ao Acaso, Baltazar», francês, recebeu o prémio especial do juri. Os prémios para as curtas-metragens couberam ao Canadá e á Holanda.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

O apostolado dos leigos

— tema principal das sessões de hoje da Assembleia do Clero

«Impõe-se um estudo urgente e completo da realidade sociológica dos vários meios, das condições concretas de vida e das necessidades e possibilidades pastorais, para planificar convenientemente todo o apostolado dos leigos e, dentro dele, reestruturar a Acção Católica».

Estas palavras proferiu-as hoje o padre Luís de Azevedo Mafra, assistente da Junta Diocesana daquele movimento, no decurso das sessões de trabalho da primeira Assembleia do Clero do Patriarcado, que está reunida na Casa de Retiros da Buraca com vista á renovação religiosa preconizada pelo Concílio.

O orador falava perante o sr. cardeal-patriarca, que preside ás sessões, os prelados auxiliares de Lisboa e cerca de 120 sacerdotes convocados ou eleitos em representação de todo o clero do Patriarcado.

A crise da Acção Católica

O padre Luís de Azevedo Mafra disse concordar que a Acção Católica está em crise, mas acrescentou entender que essa crise não é demonstração de que o movimento seja intrínsecamente inapto para a cristianização da sociedade. A crise é acidental e «apenas de meios para se desenvolver conscientemente e de desadaptação ás condições e exigências reais da vida». Apesar disso, no entanto, «graças á generosa dedicação de certo numero de padres e leigos, contra todas as incompreensões, oposições e faltas, a Acção Católica tem realizado e continua a realizar uma obra inestimável de formação e consciencialização cristã de muitos católicos, de penetração apostólica na maior parte dos meios e mesmo de renovação do espírito cristão num sentido mais autêntico e aberto».

Depois de acentuar que a Acção Católica não é substituível, o orador passou em revista a situação actual dos vinte organismos existentes no Patriarcado. Referiu-se ás dificuldades dos organismos do meio rural, que atravessa uma evolução que gerou «uma problemática complexa e de difícil resposta», mas acentuou que estes organismos podem considerar-se firmes, assim como os que se dirigem ao meio operário e os independentes femininos. Em contrapartida, os organismos jecistas estão num período particularmente difícil da sua existência. Por seu lado, os organismos universitários juvenis defrontam a problemática da democratização da Universidade, da crise institucional e da divisão vivencial desta, bem como da sua descristianização, embora beneficiem também dos aspectos positivos da Universidade, como os derivados do aumento quantitativo e qualitativo dos estudantes, da presença nela de «um grupo de cristãos melhor formados e com maior sentido da sua responsabilidade evangelizadora», etc.

Na sua comunicação, o padre Luís Mafra aludiu também aos problemas postos a organismos de adultos de formação universitária por discordancias no ponto de vista político, que constituem um factor de divisão dos seus membros, e fez ainda as seguintes verificações:

● **Tem sido muito prejudicial, sobretudo para os organismos menos definidos ou com maiores exigências intelectuais, a falta de doutrina clara sobre o apostolado dos leigos. E' ainda da maior importancia o esclarecimento pleno da missão que a A. C. tem a desempenhar.**

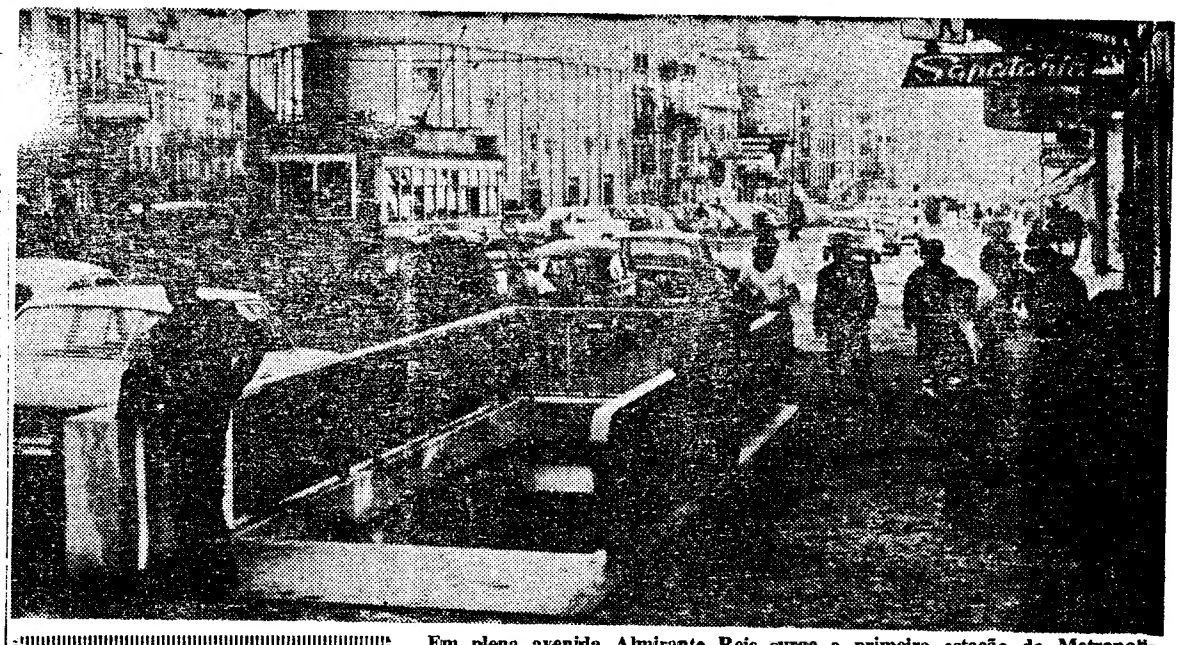
● Em vários casos será proveitosa a redução da multiplicidade de organismos, obtendo-se estruturas mais simples e com maior poder de actuação nos diferentes meios.

● A Acção Católica defronta-se, sobretudo nos organismos juvenis masculinos, com o grave problema da forte mobilidade dos seus membros, quer devido á emigração, quer por outros motivos que afastam os elementos mais responsáveis e capazes demasiadamente cedo.

Grande expansão dos Movimentos de Casais, Cursos de Cristandade e Centro de Preparação para o Matrimónio

A necessidade da especialização do clero, bem como de uma planifi-

(Continua na 11.ª página)



Em plena avenida Almirante Reis surge a primeira estação do Metropolitano naquela artéria

Marítimo encontrado morto num bote

O marítimo Manuel Pereira Ganso, de 64 anos, que residia no Casalinho da Ajuda, foi encontrado morto, por doença, num bote atracado ao Cais do Gás. Cumpridas as formalidades legais, o corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

Governador de S. Tomé

O governador de S. Tomé e Príncipe, sr. tenente-coronel Silva Sebastião, foi recebido, esta manhã, pelo ministro do Ultramar, com o qual apreciou, em demorada sessão de trabalho, assuntos que interessam á administração daquela província.

O primeiro troço (quilómetro e meio) da nova linha do metropolitano começa amanhã a funcionar

O publico da capital passa a ter amanhã á sua disposição, á hora habitual de começo de funcionamento do metropolitano, mais um troço daquela rápida via de comunicação, exactamente um quilómetro e meio de linha, ligando o Rossio aos Anjos, com estações no Socorro, Intendente e Anjos.

Este primeiro troço da nova linha inaugurada pela empresa do Metropolitano de Lisboa não é ainda especialmente importante, no aspecto de utilidade para o publico, mas é-o especialmente pelas dificuldades técnicas que foi necessário vencer para chegar a concretizar os cinco quilómetros que terá essa nova linha, que ligará o Rossio a Alvalade.

Como o leitor deve estar lembrado, o circuito metropolitano lisboeta préviamente estabelecido prevê quatro linhas, a saber:

1 — Rossio-Entrecampos, com bifurcação para Sete Rios (já a funcionar);

2 — Rossio-Alvalade, com passagem por Almirante Reis e Areeiro (primeiro troço a funcionar amanhã);

3 — Rossio - Alcântara, inauguração prevista para 1970;

4 — Rossio-Madre de Deus, inauguração prevista para 1975.

● A nova linha

A nova linha de Rossio a Alvalade terá, quando terminada, como se disse, cinco quilómetros de extensão.

O primeiro quilómetro e meio, até aos Anjos, foi esta tarde visitado pelo presidente da Câmara, pelos administradores do metropolitano de Lisboa e pelos representantes dos órgãos de Informação.

Trata-se da fase mais difícil da obra, pois foi necessário remover grandes dificuldades técnicas, entre as quais a da construção da estação da Praça da Figueira, e o desvio do Regueirão dos Anjos, um caudaloso «rio», de poderosa nascente, que corre sob a Avenida Almirante Reis em direcção ao Tejo.

Este quilómetro e meio de galerias e estações levou por isso um ano a construir. Prevê-se agora, com a experiência adquirida, que os troços seguintes, até Alvalade, estejam terminados no final do próximo ano.

● A obra prosseguirá ràpidamente

Assim, vão começar imediatamente as obras de construção das galerias e estações de Arroios, Alameda D. Afonso Henriques, Areeiro, Avenida de Roma e Alvalade, num total de três quilómetros e meio.

Para fazer face ao acréscimo de movimento que trará á entrada em funcionamento, amanhã, de mais três estações, a empresa concessionária da rede comprou mais 14 carruagens que, acrescidas das 12 já existentes, passará a constituir um parque de 26 carruagens.

Com o acabamento deste primeiro troço, agora verificado, mais de metade da Avenida Almirante Reis ficará desimpedida para o trânsito. Entretanto vão começar em breve as obras de urbanização das Praças da Figueira e de Martim Moniz.

Bem entendido que isso quer dizer que virá muito em breve, de novo, a primeiro plano, o problema da estátua de D. Nuno Álvares Pereira, que a Câmara pensou ou pensará colocar na Praça da Figueira, assunto que está em estudo, e, bem assim, o problema geral de arranjo daquela praça típicamente alfacinha, por onde se começarão, lógicamente, os arranjos urbanísticos que hão-de englobar, a seguir, a Praça Martim Moniz e a própria Avenida Almirante Reis, a qual para o ano poderá, pois, segundo as previsões mais optimistas, deixar de ter eléctricos em circulação.

Para já, também, a Câmara Municipal de Lisboa, agora liberta do problema da construção dos acessos á Ponte sobre o Tejo, começará a tratar do Largo Martim Moniz, onde uma das primeiras tarefas será a de remover as instalações do parque de material do metropolitano, que durante alguns meses ali funcionou. Outro assunto em que os serviços camarários vão ter de pegar vai ser no da *desmontagem* da velha capela da Senhora da Saude, que será integralmente aproveitada, embora tenha de mudar de local.

Mais um passo foi dado, pois, com a inauguração deste pequeno troço do metropolitano, no sentido de se ver completada a urbanização do centro da Baixa e sua ligação aos bairros novos da cidade, dando ao mesmo tempo a Lisboa, com a modernização da Avenida Almirante Reis, uma saída que seja em tudo digna de uma capital e que, entroncando na Avenida do Aeroporto, constitua um fácil acesso á auto-estrada Lisboa-Vila Franca de Xira.

Acometido de doença quando se banhava

Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, em estado muito grave, o empregado de mesa Adelino Antunes Ribeiro, de 19 anos, morador na Rua do Teixeira, 29-3.º, que, esta manhã, foi acometido de doença subita, quando se banhava na praia de Carcavelos.

LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE

AV. DUARTE PACHECO — TEL. 68 11 01

CURSOS DE FRANCÊS PRÁTICO

Cursos audio-visuais de conversação em nível superior com um número limitado de alunos e especialmente destinados a universitários.

Estão abertas as matrículas todos os dias úteis (excepto sábados), das 18 ás 20 horas.

OUTRO GRANDE ÊXITO DE ONTEM
QUE É UM GRANDE FILME DE HOJE

Á T I L A

● ADULTOS ●

ESTA NOITE NO MUNDIAL

EMOCIONANTE ESPECTÁCULO EM TECNICOLORIDO COM A EVOCAÇÃO DESSA FIGURA QUE FOI TERROR DAS GENTES E FLAGELO DE DEUS!

ANTHONY QUINN • SOFIA LOREN

OS DOIS MAIORES ARTISTAS DA ACTUALIDADE

INTEGRADO NO FESTIVAL DE FILMES ITALIANOS DE OUTROS TEMPOS

☆ Excl. MUNDIAL FILMES ☆

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *O último disco da artista Maria Rosa Rodrigues inclui as seguintes composições: «Saudades da minha aldeia», «Nossa Senhora do Leme», «A noite mais linda» e «O amor é vinho doce». O acompanhamento é do conjunto de Resende Dias.*
- *O conhecido poeta popular Domingos Gonçalves Costa está a escrever o reportório de Inverno da artista Fernanda Maria.*
- *Está a obter grande êxito na «Toca», de Carlos Ramos, o «Conjunto Folclore de Portugal», composto pelos bailarinos Mário Valejo e Lenny Sande, a cançonetista Mena Vidal e o acordeonista Túlio Pereira.*
- *Está em negociações para uma próxima deslocação ás Bermudas o conjunto «Os 3 de Portugal».*
- *O cantador Manuel Fernandes actua no próximo programa de fados da Emissora Nacional, estreando do poeta Carlos Conde o fado-canção «A moldura dos meus olhos». O autor da música é o acordeonista Túlio Pereira.*
- *Estreou-se com assinalável êxito na «Toca» o jovem cantador Manuel Luís.*
- *Regressou de férias o actor Álvaro Pereira.*
- *Tony de Matos regressa brevemente ao Variedades como atracção da revista «Zero, Zero, Zé (Ordem para pagar)».*
- *Termina no próximo dia 9, no Teatro Villaret, a carreira da peça «Quando é que tu casas com a minha mulher?».*
- *Parte dentro de dias para o estrangeiro o actor Carlos Sobral, até há pouco contratado da Empresa Vasco Morgado.*

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa

4.º MÊS DO ÊXITO
NOITE — Às 21 e às 23 horas
ÚLTIMAS SEMANAS

RAUL SOLNADO

QUANDO É QUE TU CASAS COM A MINHA MULHER?

PAULA ● CORTEZ ● NICHOLSON
● GLÓRIA ● ÂNGELA ● MILENE

CAPITÓLIO

«A mulher do roupão»

Continua a merecer do publico os melhores aplausos a magnífica comédia, em cena no Capitólio, já há cinco semanas. Na verdade, todos os dias acorre grande numero de publico á renovada sala do Parque Mayer, para ver e aplaudir «A mulher do roupão», original de Ted Willis, adaptado por R. Lobato de Faria. Laura Alves, num papel de grande relevo, tem mais um êxito a juntar ao seu palmarés, sendo muito bem coadjuvada por Rui de Carvalho, noutra portentosa interpretação da sua carreira, Alina Vaz, Manuela de Freitas, Rolando Alves, Leonor Poeira e Vasco Morgado Junior, também com interpretações de grande mérito.

VARIEDADES

O reaparecimento de Mariema

Primorosa intérprete, autêntica vedeta da simpatia e inegável expoente popular, Mariema — a jovem actriz que, de um salto, logrou atingir o topo do prestígio e da fama — reaparece ante as plateias na fabulosa revista moderna «Zero, Zero, Zé (Ordem p'ra pagar)», produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado e prestes a regressar ao palco do Teatro Variedades, em novo ciclo da sua carreira espectacular. Ao lado de Mariema, dividindo a responsabilidade de uma interpretação verdadeiramente primorosa do original de Paulo da Fonseca e César de Oliveira e da musica de Frederico Valério, Fernando de Carvalho e Carlos Dias, os produtores colocaram Eugénio Salvador, Ligia Teles, Luís Horta, Helena Vieira, o consagrado cançonetista Tony de Matos, que se estreia como actor, e, ainda, Vera Sanders, a notável actriz sul-americana dotada de plástica sensacional. Dentro de poucos dias, no Teatro Variedades, reaparecerá a revista que a crítica e o publico elegeram como «a melhor de todos os tempos»: Zero, Zero, Zé (Ordem p'ra pagar)», com montagem de Hernani e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa dos «ateliers» Paiva e direcção de coreografia por Mariano Franco.

ABC TEATRO telef. 36 67 45

RIA COMO DESEJA!
HOJE, Às 20.45 e 23 h.
EM 2 SESSÕES

JOSÉ MIGUEL apresenta

"mini-saias"

UMA REVISTA DE LUXO E GARGALHADA
(Adultos)

com
IVONE SILVA, ARTUR SEMEDO, LEÓNIA MENDES, ANTÓNIO ANJOS

E AS ATRACÇÕES
BEATRIZ DA CONCEIÇÃO e HERMANAS BENAVENTE

Bilhetes á venda para hoje e dias seguintes
A bilheteira abre ás 13 horas

MONUMENTAL

Um grande espectáculo

O Teatro Monumental reabriu, para inauguração da nova temporada, com uma produção de Vasco Morgado que obteve retumbante êxito na sua estreia: «Esta Lisboa que eu amo», com poema de Aníbal Nazaré, António Cruz e Fernando Ávila, musica de Frederico Valério e Fernando de Carvalho, uma magnífica montagem de Pinto de Campos e reunindo o maior e mais completo elenco. Sob a orientação artística de Paulo Renato desfilam neste espectáculo nomes como os de Camilo de Oliveira, Maria Dulce, Io Apoloni, Carlos José Teixeira, Nicolau Breyner, os «reis» da Rádio, Simone de Oliveira e António Calvário, o conjunto angolano «Os Rock's» com o vocalista Eduardo Nascimento, a revelação «Yé-Yé» Anabela, Linda Silva, Dora Leal, Delfina Cruz e, ainda, a colaboração de Aida Baptista e José Viana. Um grandioso corpo de «ballet», composto por bailarinos ingleses, franceses e portugueses, actuará sob a direcção de Águeda Sena. A direcção musical é de Fernando de Carvalho.

A B C

Um êxito popular

Espectáculo de acentuados característicos populares, a revista «Mini-Saias», em cena no Teatro ABC, situa-se em posição destacada, em confronto com as ultimas produções teatrais. Escrita pela equipa de autores Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, já premiada pela Imprensa, e musicada por João Nobre e Ferrer Trindade, «Mini-Saias» é o grande êxito do momento. A montagem e os figurinos têm a assinatura de Mário Alberto, a coreografia deve-se ao artista Carlos Alberto e o guarda-roupa foi executado nos «ateliers» Paiva. Ivone Silva e Artur Semedo comandam o elenco e as suas interpretações têm merecido calorosos aplausos. Leónia Mendes e António Anjos, dois nomes bem populares, são, igualmente, responsáveis pelo triunfo de «Mini-Saias». Completam o elenco Dina Maria, Orlando Fernandes, Maria da Nazaré, Carlos Miguel, as discípulas Mitó Ramos, Nina Flores, Alba Clington, Tânia Mota, Fernanda Rodrigues e as atracções Beatriz da Conceição, fadista de valor, e Hermanas Benavente, duo do «music-hall» internacional.

LESLIE PHILLIPS
JAMES ROBERTSON JUSTICE
SHIRLEY ANNE FIELD · JOHN FRASER
JOAN SIMS · ARTHUR HAYNES
ELISABETH ERCY

Que é isso... Dr.?!...

Doutor tenha maneiras
"Doctor in Clover"

Colorido

O último e mais hilariante de todos os "Doutores!"

Maiores de 12 anos

CONSULTAS A PARTIR DE 5.ª FEIRA ÀS 21.30 NO

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO BANK

Uma cura radical !!!

TEATRO VARIEDADES

BREVEMENTE
em continuação de
ESTREIA

A MELHOR REVISTA DE TODOS OS TEMPOS

ZERO, ZERO, ZÉ
(ORDEM P'RA PAGAR)

Um inolvidável espectáculo agora interpretado por
UM NOVO E SENSACIONAL ELENCO!

GIUSEPPE BASTOS • VASCO MORGADO apresentam

EUGÉNIO SALVADOR
um actor cómico de inesgotável fantasia

ADULTOS

FEIRA POPULAR de LISBOA

(A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»)

FALTAM APENAS QUATRO DIAS
PARA SE ENCERRAR A FEIRA DE 1966

PORTANTO MAIS DO QUE NUNCA, DEVE APROVEITAR TODAS AS DELÍCIAS QUE LHE SÃO OFERECIDAS

STANDS DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS, RESTAURANTES, RETIROS, SORTEIOS, ETC.

VISITE A FEIRA — RIA NA FEIRA — JANTE NA FEIRA
DIVIRTA-SE NA FEIRA

A FEIRA, QUE ABRE ÀS 19 HORAS, ESPERA-O

O FILME DO ANO

DOUTOR JIVAGO

ADULTOS

GERALDINE CHAPLIN · JULIE CHRISTIE · OMAR SHARIF (Dr. JIVAGO) · ALEC GUINNESS · TOM COURTENAY · ROD STEIGER
SIOBHAN McKENNA · RALPH RICHARDSON · RITA TUSHINGHAM

6 «OSCARS»

FILMES CASTELLO LOPES (20) apresenta

A SUPERPRODUÇÃO DA METRO-GOLDWYN-MAYER

O FILME DE DAVID LEAN

2.ª SEMANA MONUMENTAL

EM RIGOROSO EXCLUSIVO DA ÉPOCA

PANAVISION® 70 m/m METROCOLOR

AMANHÃ, às 21.45 no estúdio 444

ESTREIA da fantástica comédia

A «ESCOLA» só pode ser frequentada por ADULTOS — M. 17 anos

ESCOLA DE BEM GOZAR A VIDA

com JORGEN RYG - AXEL STROBYE
HANS W. PETERSEN

Uma «loucura» realizada por KNUD LEIF THOMSEN em maravilhoso EASTMANCOLOR

Um filme para fazer rir até que se compreenda que não tem verdadeiramente nada para fazer rir...

VÁ VER E TIRE AS SUAS CONCLUSÕES!

Distribuição de EXCLUSIVOS TRIUNFO

COLISEU

HOJE, ás 21.30
PODEM ASSISTIR CRIANÇAS A PARTIR DOS 6 ANOS

CIRCO

AS MAIORES ATRACÇÕES

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL

As crianças a partir dos 6 ANOS podem, durante as férias, assistir aos espectáculos á noite

O 1.º GRANDE ÊXITO DA NOVA TEMPORADA EM 5.ª SEMANA NO «ÉCRAN» GIGANTE DO EUROPA

A BATALHA DAS ARDENAS

(THE BATTLE OF BULGE)

com HENRY FONDA · ROBERT SHAW · ROBERT RYAN · DANA ANDREWS · PIER ANGELI · BARBARA WERLE
GEORGE MONTGOMERY · TY HARDIN · CHARLES BRONSON · HANS CHRISTIAN BLECH · WERNER PETERS · JAMES MacARTHUR
e TELLY SAVALAS

Produção MILTON SPERLING, PHILIP YORDAN · Realiz. KEN ANNAKIN · Argum. PHILIP YORDAN, MILTON SPERLING, JOHN MELSON · A SIDNEY HARMON em assoc. com UNITED STATES PICTURES, Inc. Production

MAIORES DE 12 ANOS

ULTRA-PANAVISION® TECHNICOLOR® UM FILME WARNER BROS.

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

«FLIPPER» — MOMENTO DESPORTIVO —

O «importante», é o «Flipper». Tudo o mais é acessório. Falta de imaginação, a história miudinha, o cordelinho demasiado á vista — tudo isso vale pouco. O golfinho nunca sai da piscina — e nem precisa, para viver as mais estrambóticas aventuras no alto mar. Mais truque, menos truque, mais ilusão, menos ilusão...

Reservei o meu interesse para o «Momento Desportivo» onde logo se ficou a saber que dois temas viriam á baila: o ténis e o futebol. «Momento Desportivo» atravessa um momento... de vacas magras...

Pelo ténis falou João Roquete. Que os jogadores estrangeiros eram de longe superiores aos nossos — eis uma verdade daquelas que se metem pelas raquetes dentro... E que sim senhor, os contactos internacionais muito uteis. «Sem contacto internacional não há progresso...»

Quanto ao ténis, haja a coragem de dizer: é um desporto caro; é entre nós um desporto «snob»; é um desporto de casta. Primeiro passo a dar: democratizar o ténis; abrir escolas ou clubes; levá-lo aos liceus e ás fábricas; semear «courts» e mais «corts»; baratear o material.

Quanto ao futebol? O Porto e o Sporting. Pavão, do Porto: as faltas foram bem apontadas. Que o Figueiredo fizera uma prisão de pernas ao Carlos Baptista...

Desgraça! A esperança de todo o mundo residia no documentário filmado. Logo, sim, logo, é que se vai ver quem tem razão! Esperança gorada: o documentário não documenta nada, só nos dá as jogadas na fase final. Assim, gregos e troianos continuarão em conflito, o operador da TV lavou daí as suas mãos...

E' verdade, houve ainda uma entrevista nos estudios do Porto, com Artur Quaresma, treinador do Beira-Mar. Primeiro objectivo: não descer de divisão. Depois, ver-se-á...

Falou a prudência. Falou pelos lábios de Roquete, de Pavão, de Artur Quaresma. E quando fala a prudência, o cronista cala-se. A felicidade não tem história; a prudência também não...

MUSEU DE CINEMA —

6.º episódio do folhetim «Os Fidalgos da Casa Mourisca» que começam a entrar no país encantado da lenda.

De facto, tendo sido indicado 1918 como o ano de produção e 1919 como o de exibição, afirmou-se depois ser este ultimo também o de produção. Acontece que Salvador Costa, actor que faz um dos primos do Cruzeiro na fita e ainda vivo, declara que o ano de produção deve localizar-se em 1920, pois em 1919 ainda ele se encontrava no Rio de Janeiro...

Mais ano, menos ano, pouco faz. Estes «Fidalgos da Casa Mourisca» atendendo ás necessidades do mudo e do meio social de 1920 — assentemos provisóriamente nesta data — estão na realidade organizados com muita inteligência e com inteira fidelidade ás intenções de Julio Diniz.

Para além disso, dois factos acessórios a sublinhar. Um, a sobriedade demonstrada ontem por António Lopes Ribeiro na apresentação e a sua boa disposição permanente (*«As legendas deste filme são como as palavras cruzadas: falta sempre uma letra...»*)

O outro, a incapacidade de António Melo para comentar musicalmente a obra de Julio Diniz. Lá porque a acção se localiza no campo, toca para a frente com a musica «folclórica» que alarga as suas fronteiras até ao «balhinho» da Madeira... E quer nas cenas risonhas em que participa a mãe do Clemente, quer nas amorosas, em que entram Jorge e Berta, quer nas dramáticas, com Berta e o fidalgo — a musica trolaró faz suas piruetas saltadas e com palminhas olaré palminhas...

Wienner, quanto á ilustração musical das fitas mudas, já ensinou como era. Nisto de musica, as lições nem sempre são fáceis de seguir.

SELECÇÃO POLICIAL —

Não. O filme não tinha grande — nem pequeno — interesse. Historieca patarreca: o «gangster» rapta a mulher do advogado patrono da mulher do «gangster» na acção do divórcio. O «gangster» maltrata fabulosamente a sua Lorena, mas no fundo, lá bem no fundo dos murros e dos sopapos, gosta dela, gosta dela até muito. Portanto, se o «lawer» quer reaver a sua amantíssima esposa, tem só de convencer Lorena a voltar aos sopapos de um lar feliz. E depressa, pois o tempo urge... Claro que a Lorena, para salvar uma vida, concorda. Mas no fim chega-se á conclusão que o «gangster», além de estupido, também é mauzinho, muito mauzinho, tem pensamentos absolutamente impróprios de pessoa decente, mesmo quando «gangster», e a Polícia vê-se na dura necessidade de o abater. A tranquilidade voltou ao mundo, ao lar do advogado e da esposa amantíssima e á Lorena, que ainda está muito a tempo de refazer a sua vida, coitadinha, apesar do que passou ás mãos do brutamontes ninguém diz a idade que tem!

O filme, então, não valia nenhum. Fica assente. Mas a emissão de ontem valeu principalmente pelo «aperitivo».

A propósito de filme há semanas exibido e em que se falava das difíceis relações entre jovens e adultos, Artur Varatojo teve a peregrina ideia de pedir a uns e a outros a elaboração de um decálogo de coexistência pacífica. Houve inundação de correspondência e o apresentador da rubrica, basto comovido, longamente apregoa algumas alíneas dos diversos decálogos, leitura entremeada com oportunas objurgatórias contra «os que gostam de dizer mal, por natureza...»

A «legislação» publicada ontem em «Selecção Policial» prima pela vulgaridade, pela banalidade, pela literatice indigesta de alguns jovens espertalhaços e de alguns adultos vivaços. Com alguns desses «artigos» far-se-ia uma curiosa antologia da inépcia e da leviandade com que certos problemas são aflorados. Recordemos dois: a daquela senhora, directora de colégio, se não estou em erro. A sua táctica consiste em pedir o auxílio dos jovens, mesmo quando esse auxílio não é indispensável — e tudo para aumentar a confiança deles em si próprios... Por sua vez, um jovem diz-se necessitado de muito amor e carinho e é pena que os pais não o castiguem de vez em quando, pois assim demonstravam que se interessavam por ele, etc. ... Infelizmente, a Lorena da fita policial não era da mesma opinião, senão inda hoje havia mais um lar feliz na companhia do seu «gangster» de estimação... E a propósito, recordo-me da história do romancista italiano: «Meu tio, com quem passei a infancia, batia-me por tudo e por nada, obrigava-me a passar fome, fazia-me trabalhar de manhã á noite. Em resumo, foi para mim um verdadeiro pai...»

Em que ficamos: selecção policial ou selecção humorística? — *M. C.*

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 35: Concerto**

Por um conjunto orquestral, sob a direcção do maestro Silva Dionísio: «Divertimento para instrumentos de sopro, tímpanos, bateria, violoncelos e contrabaixos», de Fernando Lopes Graça. Realização de Jorge Listopad.

● **Às 22 horas: Reportagem do exterior**

Corrida de gala à antiga portuguesa na Praça de Touros do Campo Pequeno.

BALZAC HERÓI de um filme russo

MOSCOVO, 27 — (A. N. I.) — Balzac é o herói de um novo filme soviético, extraído do romance de Nathan Rybach, «A Dívida de Honra de Balzac».

Dirigido por T. Lievtchuk, a película descreve o período que o célebre escritor francês passou na Ucrânia, em São Petersburgo.

A PELÍCULA «Átomos para a Paz»

PRAGA, 27 — (A. N. I.) — O realizador checo Kurt Goldeberg está a dirigir o filme «Átomos para a Paz», que deve ter a duração de quarenta e cinco minutos e é, sucessivamente, rodado na Áustria, em Inglaterra, no México, na Costa Rica, na Jamaica, nos Estados Unidos, em Hong-Kong, nas Filipinas, na Tailândia, na Índia, no Kowait e na Rau.

BREVEMENTE
O PRIMEIRO GRANDE ACONTECIMENTO CINEMATOGRÁFICO DA NOVA TEMPORADA!

SAUL E DAVID
UMA DAS HISTÓRIAS MAIS FASCINANTES E DRAMÁTICAS DA BÍBLIA!
Maiores de 12 anos
Um exclusivo FILMES OCIDENTE

MAIS UM FILME DE TONY PERKINS

HOLLYWOOD, 27 — (A. N. I.) «The Scandal», uma das novas produções cinematográficas de Holdywood, mudou de nome, passando a intitular-se «The Champagne Murders».

Anthony Perkins é o protagonista deste filme.

TEATRO CAPITÓLIO
TELEFONE 32749 B

TODAS AS NOITES, AS 21.45 h.
5.ª SEMANA TRIUNFAL
(Adultos)
DOMINGO: Á TARDE, ÁS 16 H.

AO PÚBLICO!
Para sua comodidade pode adquirir nas bilheteiras da A. B. E. P., PRAÇA DOS RESTAURADORES — Telefone 32 88 23 os seus bilhetes

LESLIE PHILLIPS
JAMES ROBERTSON JUSTICE
SHIRLEY ANNE FIELD · JOHN FRASER
JOAN SIMS · ARTHUR HAYNES
ELISABETH ERCY

Doutor... tenha maneiras
"Doctor in Clover"

O último e mais hilariante de todos os "Doutores!"
Maiores de 12 anos
CONSULTAS A PARTIR DE 5.ª FEIRA ÀS 21.30 NO
SÃO JORGE
Uma cura radical !!!

VASCO MORGADO APRESENTA
TEATRO MONUMENTAL
1. [illegible] (Adultos)
2 SESSÕES — 20.30 e 23 h.

MAIS DO QUE UMA REVISTA
com notável triunfo de um excepcional «cast» de estrelas
CAMILO DE OLIVEIRA
MARIA DULCE
IO APOLONI
CARLOS J. TEIXEIRA
NICOLAU BREYNER
os reis da rádio
SIMONE DE OLIVEIRA
ANTÓNIO CALVÁRIO
o conjunto angolano
OS ROCK'S
com o formidável cantor
EDUARDO NASCIMENTO
a colaboração de
AIDA BAPTISTA
JOSÉ VIANA
em estreia ANABELA e ainda LINDA ★ DORA ★ DELFINA
2 BALLETS
GRANDE ORQUESTRA
Direcção de Fernando Carvalho
coros e 23 figuras

M. Condessa

N. Martinho

D. Trindade

MÁRCIA CONDESSA
RESTAURANTE TÍPICO
PRAÇA DA ALEGRIA, 38 — TEL. 36 70 93

AMANHÃ — DIA 28 DE SETEMBRO
MÁRCIA CONDESSA FESTEJA O SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO
POR ESSE MOTIVO O SEU RESTAURANTE ESTÁ EM FESTA
Além do seu elenco privativo e de Julieta Reis, Albertino Vilar (guitarra) e António Pessoa (viola), estarão presentes outros artistas de FADO, RÁDIO, TEATRO e TELEVISÃO
MARQUE A SUA MESA — JANTAR ESPECIAL
MAIORES DE 17 ANOS

Teresa Nunes

A. Sobral

Lina Lopes

A NOVA ESTRATÉGIA INDUSTRIAL DA FRANÇA

(Continuação da 1.ª página)

«oportunista», são em número cada vez maior os cidadãos franceses a compreender que o benefício é o nervo do crescimento dos investimentos, e portanto do nível de vida. Sob pena de passar por bota-de-elástico, há que pensar duas vezes antes de agitar, junto dos partidos da esquerda que não utilizam uma linguagem pré-fabricada, o espantalho dos *trusts* e dos monopólios, ou apontar com o dedo aos trabalhadores, como de injúria se tratasse, os agradáveis balanços das sociedades.

Esta transformação da mentalidade comum é importante. Enquanto andava imerso numa atmosfera hostil ao êxito financeiro, não tinha o administrador de empresa tendência para proteger o seu património mais que para fazê-lo frutificar jubilosamente? No dia em que se admitir não ser mais infamante para um patrão do que para um Charles Aznavour a obtenção de rendimentos confortáveis, e sobretudo o facto de uma empresa ter o *dever* de constituir o maior número de riquezas possível, muitas coisas se modificarão.

UM LONGO CAMINHO

Na hora que passa não será boa política alimentar grandes optimismos só porque a França regista — finalmente — uma boa série de operações de concentração. A consciência da vulnerabilidade da indústria francesa está, em geral, muito pouco desenvolvida. Inúmeros estudos, largamente difundidos, tocaram, porém, «com o dedo» o perigo decorrente das diferenças demasiado acentuadas entre as firmas francesas e os seus principais concorrentes europeus e americanos. Disse-se — e repetiu-se — que o dinheiro movimentado pelas vinte principais sociedades americanas iguala o valor do produto nacional bruto da Alemanha Federal; que, se a General Motors distribuísse gratuitamente a sua produção anual de automóveis «Opel» (cerca de 570 mil), realizaria mesmo assim um lucro superior a um milhão de dólares; que a principal firma francesa, Rhône-Poulenc, está apenas no 75.º lugar entre as maiores sociedades do mundo; que a Companhia Geral de Electricidade francesa se situa no 25.º lugar entre as firmas mundiais da indústria eléctrica e electrónica, etc.

O lançamento do Mercado Comum deveria ter aberto os olhos a um maior número de industriais franceses, já que os punha em contacto com concorrentes de nível frequentemente superior ao seu. Houve, bem entendido, fusões, operadas sob pressão de dificuldades nascidas da diminuição das barreiras alfandegárias, mas não um longo caminho conforme á razão. De facto, como muito bem indica Alessandro Silj, alto funcionário da Euratom, num pequeno livro sobre «A Indústria Europeia frente á Concorrência Internacional» (1), «um grande número de empresas pecou certamente por optimismo: esperavam poder aproveitar-se, em exclusivo, da nova situação, e na expectativa destes resultados postergaram para mais tarde a solução exigida pelas circunstâncias, quer dizer, uma política de alianças».

O mesmo autor insiste, muito justamente, sobre o facto de os industriais do Velho Mundo não haverem compreendido a importância da inovação. Podem deplorar-se as provocações da publicidade, mas o certo é que a *novidade* se tornou, afinal, o elemento determinante da conquista de um mercado, relegando com frequência para segundo plano o preço e a qualidade. Setenta e cinco por cento dos produtos actuais da indústria química eram desconhecidos há trinta anos, em cada cinco produtos hoje vendidos, dois não têm mais de três anos de existência.

Se se acrescentar que os Franceses estão longe de possuir a experiência de mercados dos seus concorrentes americanos ou europeus, vê-se perfeitamente o caminho que resta para percorrer, mesmo que ele passe através de uma rede mais densa de fusões.

De resto, como poderemos caracterizar esta rede de fusões? O relatório da Comissão das Indústrias de Transformação do plano, ainda por publicar, contém um notabilíssimo capítulo VII dedicado aos «Objectivos e métodos do melhoramento das estruturas». Sem dúvida que este texto não pôde levar em conta, no momento em que foi redigido, as brilhantes operações de concentração dos últimos meses. Em compensação, porém, tem a vantagem de haver penetrado no âmago do problema, medindo melhor a importância da vaga de fundo coincidente com os primeiros anos posteriores á abertura do Mercado Comum.

CONSTATAÇÕES DOS PERITOS DO PLANO

São, como se seguem, as três constatações dos peritos do plano:

1) Se se repartirem as firmas em duas categorias, grandes (mais de quinhentos assalariados) e pequenas (seis a cinquenta), repara-se que *só em algumas indústrias* há um reforço do peso relativo das grandes firmas (automóveis e bicicletas, primeira transformação dos metais, mecânica geral, papéis e cartolinas). Em todos os outros ramos são as firmas médias a beneficiar da evolução, em detrimento das firmas pequenas.

2) O número total das firmas está a diminuir, exceptuado o caso de algumas indústrias (primeira transformação dos metais, fundição, grande caldeiraria, motores, construção de máquinas, indústrias poligráficas, indústrias diversas).

3) O volume médio das firmas está a aumentar, excepto na categoria das grandes firmas.

Embora prudentes nas suas previsões, os peritos da Rua de Martignac confirmam esta tendência para os anos que durará o Quinto Plano. «A situação actual caracteriza-se do modo seguinte», prosseguem os peritos, «nos cinquenta e cinco ramos que foi possível distinguir: numa dezena de ramos, pode considerar-se que o grau óptimo de concentração para as produções de série foi atingido, visto o problema apenas no mercado francês (três firmas representam, por si só, pelo menos 80 por cento da produção); noutra dezena de ramos notam-se progressos sensíveis; nos restantes, pelo contrário, a estrutura está dispersada a um ponto extremo, as grandes empresas são muito raras e as pequenas em grande quantidade: está tudo por fazer...»

Quanto á intervenção dos capitais estrangeiros, «foi sensível em vários ramos (semicondutores, automóveis, frigoríficos, peças soltas de relojoaria, transformação do papel), mas em geral não modificou as estruturas e só produziu efeitos de dominação em raros casos, normalmente antigos (calculadoras electrónicas, máquinas de costura, tractores agrícolas, rolamentos)».

O CONTÁGIO

A partir de um certo nível, o processo de concentração poderia acelerar-se, não só por efeito das exigências bem conhecidas do progresso técnico, mas na sequência até de um fenómeno de contágio. Os peritos notam, com um interesse cada vez mais acentuado, a formação de uma *concentração da clientela*. Já a integração vertical no sector da indústria automóvel levou os fornecedores de acessórios a um alto grau de concentração. Mas são agora o comércio de retalho (grandes armazéns e supermercados, associações voluntárias de retalhistas independentes) e a indústria da construção civil para certos sectores da clientela (educação nacional, encomendas conjuntas do Ministério da Construção) que passam, no que respeita ás suas aquisições, de uma dispersão quase crónica a uma apreciável concentração.

Estes associados, sublinha com inteligência o relatório da Comissão das Indústrias de Transformação, exigirão dos seus fornecedores algumas séries de fabrico importantes e a normalização dos produtos-tipo no sentido de uma baixa progressiva dos preços. São, em resumo, sectores inteiros da indústria francesa a necessitar de uma revisão completa das suas estruturas, para que possam finalmente entrar na era da produção em massa, da especialização e da racionalização.

O efeito de propagação far-se-á sentir em breve: a concepção de elementos de edifícios industriais exige a actuação de empresas ou grupos de empresas poderosamente equiparados; a indústria do calçado, na sua fase de concentração, obriga os curtumes a fazer outro tanto para lhe entregar as quantidades e as qualidades regulares de que necessita, etc.

A «MASSA CRÍTICA»

Mas, como as fusões de firmas estão na moda, seria perigoso considerar que estas alianças constituem um fim em si. Os avisos multiplicam-se hoje, e felizmente, sobre o tema de que uma empresa maior não é forçosamente mais rentável e de que a presunção nem sempre é menos perigosa que a timidez.

Entende o Quinto Plano que haverá de ser apoiada, num futuro imediato, a fusão de firmas concorrentes, para se atingirem em 1970-1975 as normas seguintes: a maior empresa (ou grupo industrial) em cada sector da economia francesa, ou a maior secção de empresa em cada ramo, deverão ser, em média, dez vezes maiores que a empresa ou a secção de empresa que parecem ter actualmente o volume óptimo no conspecto do mercado francês. As raras firmas que ultrapassaram este estádio não necessitariam de aumentar mais que três ou quatro vezes; as restantes, vinte ou trinta vezes.

Numa segunda fase, haverá antes de mais que favorecer as fusões que possam assegurar uma ampla polivalência ao grupo considerado, e simultâneamente permitam atingir a «massa crítica» necessária para a efectivação de todas as funções de uma firma ao nível mundial: presença em todos os mercados, quer por intermédio da rede comercial, quer por filiais de produção (uma repartição normal da actividade de tal empresa seria como segue — o máximo de um terço em França, o mínimo de um terço no Europa, um terço no resto do mundo).

Estes «pólos de crescimento» serão também «pontos de ancoragem da armadura industrial do país», os quais farão viver em seu redor, como nos Estados Unidos, uma grande quantidade de empresas especializadas, mantendo com elas certas relações de empreitada ou pondo á sua disposição certas funções que elas, como pequenas empresas que são, dificilmente levariam a cabo (rede comercial, entrepostos de exportação, por vezes centro de investigações).

Afastados determinados mitos relativos á dimensão das firmas ou á panaceia das concentrações, surge uma consciência mais clara das necessidades da «dimensão» do administrador de empresa. Atingimos aqui o cerne da questão. Uma pequena empresa bem gerida tem mais possibilidades na competição comercial do que uma grande firma cujos dirigentes se diluem. Infelizmente a ciência da boa gestão não está muito espalhada em França...

Um alto funcionário afirmava-nos há tempos ter ouvido, em data recente, as declarações cheias de franqueza do dono de uma empresa média, que lhe disse em substância o seguinte: «Não percebo: geri o meu negócio como um pai de família, não corri riscos escusados, e agora tenho de pôr a chave debaixo da porta. Porquê este castigo?» Há, infelizmente, muitos ingénuos do mesmo cariz na profissão patronal. De que maneira poderá provocar-se a aparição desta «nova idade», em que o dirigente reagirá *por instinto* segundo os critérios da eficiência?

MÚSCULOS OU GORDURA?

Octave Gélinier, que não se limitou a exercer a sua profissão de «organizador» industrial, mas reflectiu também sobre os comportamentos patronais franceses (e estrangeiros) e tentou deduzir princípios pela análise dos resultados, publicou há meses uma nova obra, «O segredo das estruturas competitivas» (2), que deveria servir de livro de cabeceira para os nossos homens de negócios. Descobrem-se na obra de Gélinier verdades duras mas saudáveis. «Na empresa particular tradicional», lê-se por exemplo, «os factores hipertrofiados são a estabilidade da estrutura, a independência dos dirigentes e a conservação do património: sacrifica-se-lhes frequentemente a adaptação, a inovação, o crescimento, o benefício». Mais precisamente, o autor sublinha os seguintes vícios: 1) a estrutura é essencialmente hierárquica. A centralização é extrema. Cada nível hierárquico principal constitui uma *casta*, dependente de um recrutamento autónomo por concurso, o que limita a mobilidade vertical; 2) no plano comercial nota-se uma certa indiferença para com o público, a clientela: esta constitui um mundo exterior por comparação com o sistema social fechado que é a estrutura burocrática. Prefere-se a concorrência para o aprovisionamento (*concurso* para o recrutamento do pessoal, *adjudicações* para a compra de material) e o monopólio para a venda ou para o serviço. Há um isolamento do meio ambiente, tomado como garantia.

A gestão moderna progride exactamente no outro sentido: descentralização, concorrência a todos os níveis, segurança menor de emprego a coincidir com maiores possibilidades de promoção, na sequência da eliminação (fácil) dos dirigentes pouco eficientes.

«É absurdo pretender que a dimensão leva á competição... pelo contrário, está apurado que é a competição que leva á dimensão», sublinha ainda Octave Gélinier, ao encontro da reflexão de um leitor de «Le Monde», o sr. Patrice Boissière: «De nada serve ter o mesmo peso que o concorrente alemão, se esse peso representa músculos num lado e obesidade noutro».

Ora, o ensino da gestão de empresas está ainda, em França, ao nível do balbuceio. Formam-se quadros administrativos e engenheiros, mas um número muito menor de *vendedores*, por exemplo, ou de especialistas altamente qualificados para o que os americanos chamam *management*, e que será, em resumo, a «organização interna». Haverá que enviar sistemàticamente, como meio de aperfeiçoamento, os futuros *managers* franceses aos Estados Unidos, onde desde os princípios do século existem cursos de gestão de empresas nas universidades? (3).

A Europa — pois é a este nível que deve agora discutir-se a estratégia industrial — não será capaz de criar os quadros e as instituições de uma «boa gestão»?

P. D.

(1) Edição do Centro de Investigações Europeias, Lausanne, 1966.

(2) Edições «Hommes et Téchniques».

(3) A Associação das Faculdades de Gestão de Empresas agrupa, nos Estados Unidos, cento e treze estabelecimentos de ensino, cuja repartição e cujo programa respondem a exigências elevadas. Estão inscritos nessas faculdades mais de 150 mil estudantes. Quarenta por cento das horas de aula são preenchidos com matérias não económicas (Matemática, História, Direito Constitucional, Literatura, Línguas); outros quarenta por cento são dedicados á gestão de empresas (Economia Política, Contabilidade, Direito Comercial, Estatística, Produção, Relações com o Pessoal, Estudo dos Mercados); o resto do tempo fica entregue ao livre arbítrio do estudante.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

A SEGUIR:
NO ESTALEIRO DA EUROPA

motor
SAI AS QUINTAS-FEIRAS

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

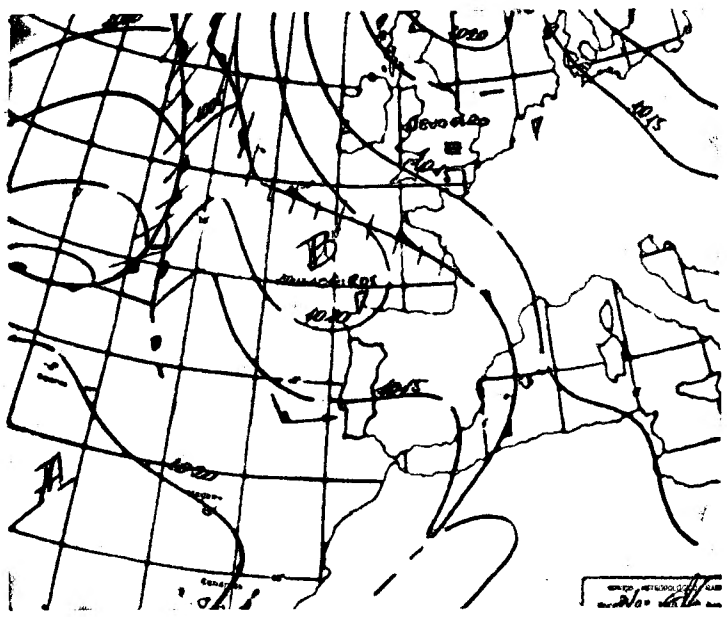
SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, o vento era fraco predominando de sul e chovia ou caíam aguaceiros em várias regiões do Norte e do Centro.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, ás 9 horas, 19°,2; na água do mar, ao meio-dia, 19°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 27°,5; mínima: Penhas da Saude, 6°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS—Coimbra, 18°; Faro, 22°; Funchal, 21°; Lisboa, 18°; Penhas Douradas, 9°; Porto, 17°.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje).

A — Anticiclone (alta pressão)
B — Depressão (baixas pressões)
— Isóbaras (1mb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 28 DE SETEMBRO — Diminuição da instabilidade associada à depressão localizada a oeste da baía da Biscaia. Enfraquecimento dessa depressão que se encontra na fase de enchimento.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de Oeste ou Sudoeste; aguaceiros diminuindo de frequência.

SOL — AMANHÃ
Nascer ás 7 e 29
Ocaso ás 19 e 26

MARES

PREIA-MAR: Dia 27 — Às 3 horas (3,6 m); 15 e 10 (3,9 m). Dia 28 — Às 3 e 22 (3,8 m); 15 e 35 (4 m). Dia 29 — Às 3 e 58 (3,9 m); 16 e 10 (4 m).

BAIXA-MAR: Dia 27 — Às 8 e 38 (1,4 m); 21 horas (1,3 m). Dia 28 — Às 8 e 58 (1,3 m); 21 e 20 (1,2 m). Dia 29 — Às 9 e 28 (1,2 m); 21 e 50 (1,1 m).

FASES DA LUA

Dia 29 — Dia 7 — Dia 14 — Dia 21

NECROLOGIA

FUNERAIS

Prof. Delfim Santos

Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral do sr. prof. Delfim Santos, que esta manhã saiu da igreja paroquial de Cascais, onde o corpo esteve depositado em câmara ardente, com destino ao Porto, a fim de ser sepultado no cemitério do Prado do Repouso.

Durante toda a noite e até á saída do féretro, os restos mortais do erudito professor e filósofo foram velados por muitos colegas, amigos, admiradores e alunos da Faculdade de Letras. Pouco depois das 9 horas, soldada a urna, o pároco da freguesia, rev. António Pereira de Almeida, procedeu á encomendação, na presença de muitas dezenas de individualidades dos meios intelectuais e universitários.

Estiveram presentes o ministro da Educação Nacional, prof. Galvão Teles; o vice-reitor da Universidade de Lisboa, prof. Kurt Jacoboshon; os directores das Faculdades de Direito e de Letras, respectivamente, prof. Adelino da Palma Carlos e prof.ª D. Virgínia Rau; o presidente da Fundação Gulbenkian, dr. Azeredo Perdigão; o secretário-geral da Academia das Ciências, prof. Pereira Forjaz; representações dos vários serviços daquela Fundação, da Sociedade Portuguesa de Psicologia e de outras instituições culturais e científicas, etc.

Cerca das 9 e 45, a urna foi colocada num carro funebre da Agência Barata, seguindo para a capital nortenha, acompanhada de familiares do prof. Delfim Santos, de representantes da Faculdade de Letras e da já citada Fundação, etc.

Em nome da Universidade Clássica de Lisboa acompanhou o corpo o respectivo vice-reitor. À chegada ao cemitério do Prado do Repouso, será celebrada, na respectiva capela, missa de corpo presente, após o que os restos mortais serão depositados em jazigo.

Entre muitas outras individualidades, estiveram, também, na igreja de Cascais, os srs. drs. Augusto de Castro e Fausto Lopo de Carvalho, directores, respectivamente, dos nossos prezados colegas «Diário de Notícias» e «Jornal do Comércio»; profs. Paulo Cunha, Reinaldo dos Santos, Barahona Fernandes, Monteiro Grilo, Sebastião e Silva, Ferrer Correia e Eduardo Coelho; drs. Teotónio Pereira, Rebelo de Sousa, Mário Dionísio, José Xara Brasil, Mário Soares, António Quadros, Francisco Avilez, António Leónidas, Augusto Sá da Costa, Bandeira Ferreira, Ribeiro dos Santos, Sousa Tavares e Manuel Tânger Correia; eng.º João de Korth, arquitecto Costa Cabral, actores Augusto de Figueiredo, Carlos Wallenstein e Jacinto Ramos; jornalistas dr. Urbano Tavares Rodrigues, Morais Cabral, dr. Avala Monteiro, Jorge Rodrigues, Luís Forjaz Trigueiros, dr. João Gaspar Simões, Eduardo Salgueiro, dr. Alvaro Ribeiro, etc., bem como as escritoras Natália Correia, Isabel da Nóbrega, Sofia de Melo Breyner e Matilde Rosa Araújo.

SUFRÁGIOS

Júlio de Almeida

Promovida pela família, celebrou-se hoje, ás 12 e 30, na basílica dos Mártires, missa do 7.º dia em sufrágio da alma do distinto jornalista Julio de Almeida. Oficiou o rev. padre António Rogério, coadjutor da paróquia.

Ao piedoso acto, além da viuva, filhos e mais família do falecido, assistiram muitos jornalistas e amigos, bem como altos funcionários publicos. Fizeram-se representar alguns membros do Governo.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 73 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 2772 - 28 00 27

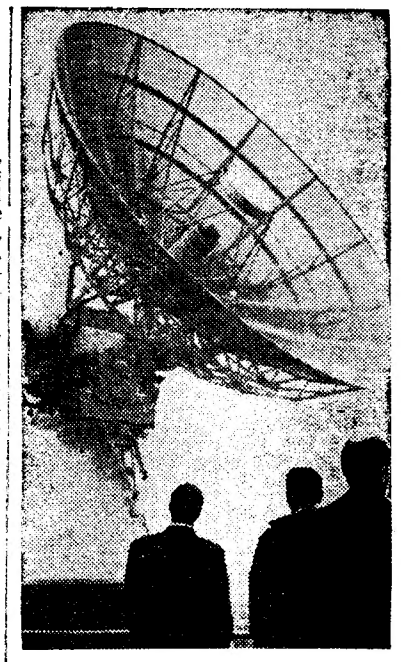
Rosa portuguesa premiada em Orléans

Reuniu-se o juri do Concurso Internacional de Rosas Novas, na cidade de Orléans, presidido pelo respectivo *maire*. O primeiro prémio ficou em França. Foi atribuído á roseira «Fidelio». O segundo prémio — «um primeiro certificado de mérito e um prémio oferta especial da Federação da Mutualidade Agrícola do Loiret» — coube á rosa «Lacre», apresentada pelos floricultores portuenses Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

O juri era composto por vinte e nove franceses, um austríaco, dois belgas, um espanhol, um inglês, um luxemburguês, três suiços, um norte-americano e mais dazassete membros da Comissão Floral Permanente.

Um empréstimo para o realojamento de famílias deslocadas

A Câmara Municipal de Lisboa foi autorizada a contrair na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência um empréstimo no montante de 20 000 contos, destinado ao realojamento de famílias deslocadas do vale de Alcântara, por motivo da construção dos acessos á ponte Salazar, á taxa de juro de 4,5 por cento, amortizável em nove anos e com o período de utilização de um ano.



Chama-se «Bearn» este novo radar francês que se destina a seguir automàticamente engenhos rápidos, equipados ou não com reflectores de eco. Tem um alcance de 300 quilómetros para um objecto que se desloque á espantosa velocidade de 18 000 metros por segundo, ou seja, cerca de quinze vezes a velocidade do som. Com reflector de eco, o seu poder de alcance é de 4000 quilómetros. Trata-se do mais moderno radar do mundo e, também, do mais transistorizado que se conhece, possuindo uma antena com o diâmetro de quatro metros

Começou o concurso para professor de Pintura da Escola de Belas-Artes

Começou esta manhã, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, o concurso para professor de Pintura daquele estabelecimento, a que e candidatam os pintores Manuel Lima, Luís Filipe e Teixeira Lopes.

Preside ao júri o director da Escola, arquitecto Paulino Montês, e fazem parte, como vogais, o dr. Artur Nobre de Gusmão, os pintores Armando de Lucena, Varela Aldemira, Augusto Gomes e Conceição Ferreira e os escultores Lagoa Henriques e Joaquim Correia.

A prova de hoje constou do esboceto de uma composição de pintura, cujo desenvolvimento se processará durante algum tempo. O concurso só terminará em 17 de Janeiro.

Dentro em breve, começará também o concurso para professor de Arquitectura, sendo candidatos os arquitectos Nuno Portas, Antero Ferreira e Gomes Ferreira.

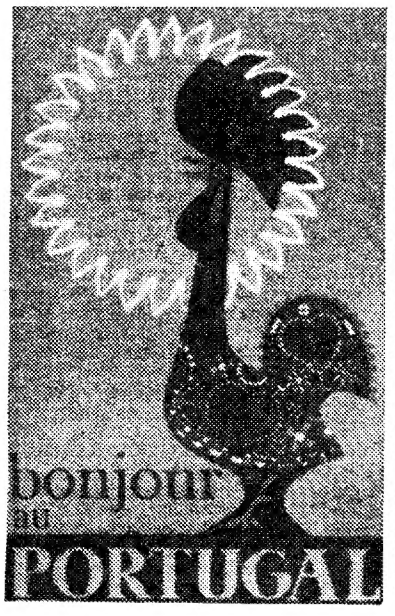
BEBA
Pinga Real
vinho puro sem rival
VIÚVA DE ANTÓNIO LUÍS DA SILVA, LDA.
Rua da Cascalheira, 7 — Telef. 63 82 61 — LISBOA

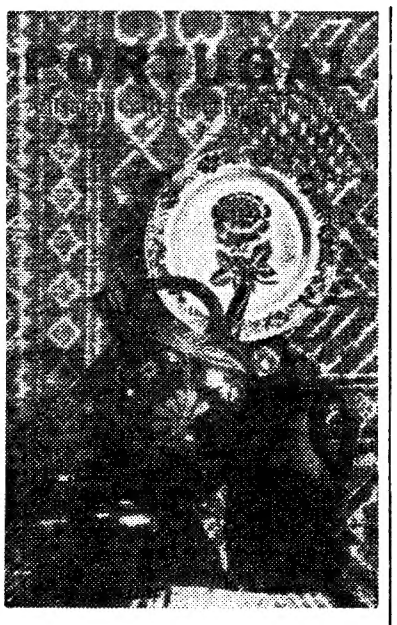
Vespa
50 e 50 SS
PIAGGIO

ISENTAS DE CARTA
* para toda a família
* para todos os fins
* beleza de linhas e perfeição técnica
em exposição
SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 21-C. - TELEF. 53 31 24
LARGO JOÃO VAZ, 7-H (ALVALADE)
TELEF. 71 11 48 - 71 32 48/9
E EM TODOS OS AGENTES DO PAÍS

GUIA TURÍSTICO

PARA NACIONAIS E ESTRANGEIROS





CARTAZES DE PORTUGAL TURÍSTICO ESPALHADOS PELO MUNDO

Numerosos são já os cartazes de propaganda turística de Portugal que se encontram espalhados um pouco pelos quatros cantos do Mundo. Da intensificação desta propaganda, devidamente dirigida, muito há a esperar em favor do progresso da industrialização sistemática do turismo português

Encontra-se abandonada a lagoa de Albufeira

Há zonas no nosso País que estão predestinadas a ocupar uma posição relevante na panorâmica turística nacional. A sua situação, o conjunto de motivos de interesse e de agrado que reúnem, a evocação histórica que envolve um monumento ou um velho edifício, tudo se conjuga para que o

Por VASCO CALLIXTO

turista, nacional ou estrangeiro, sinta prazer em visitar tais locais, não deixando de fazer, de sua iniciativa e por sua conta, uma propaganda que será sempre proveitosa. Pena é, porém, que, por vezes, a mão do homem tarde em colaboração com a obra pródiga da Natureza, o que, hoje em dia, é imprescindível ao turismo.

A dois passos de Lisboa, e agora ainda mais acessível, devido à construção da ponte sobre o Tejo, a lagoa de Albufeira é um «éden» maravilhoso, ainda por explorar, mas já procurado por grande número de pessoas, que ali passam algumas horas ou dias de infinito prazer, rodeadas de uma paisagem extraordinàriamente bela e fascinante, a que não falta ar puríssimo e agradável brisa marítima. Vegetação frondosa, espalhada por apreciável área, imenso e sereno espelho líquido e vastos areais que rodeiam a lagoa, constituem cenário de eleição, a que o visitante não pode ficar alheio. Tudo isto se encontra junto ao mar, que estreita faixa de areia separa das águas calmas do bonito pequeno lago.

Até há pouco tempo, era difícil, se não impossível, alcançar de automóvel a lagoa de Albufeira. A estrada de Alfarim apenas do lado nascente se aproxima de uma das margens, para logo a seguir se afastar. Só percorrendo a pé três ou quatro quilómetros se atingiam os mais aprasíveis locais, junto às águas. Embora agradável a determinadas pessoas, a

(Continua na página seguinte)

A «ILHA DO SOL» NO MAR DO NORTE

— ENCANTO DOS VISITANTES ALEMÃES E ESTRANGEIROS

HAMBURGO — A ilha de Sylt, uma estreita faixa no Mar do Norte, a onze quilómetros da costa, mereceu, mais uma vez, a preferência daqueles que, nas suas férias, procuram o mar e o sol. Ha já decénios que a «Ilha do Sol», que faz parte do Estado mais setentrional da Republica Federal da Alemanha, o Estado de Schleswigholstein, encanta não só os alemães de todos os pontos do país, mas também numerosos estrangeiros. Hotéis, pensões, casas particulares interessadas em receber hóspedes, restaurantes, uma casa de jogo, a vida animada nas extensas avenidas á beira-mar, mas também as aldeias de pescadores escondidas atrás das dunas, o paraiso dos adoradores do sol que, numa parte da ilha rigorosamente delimitada, se entregam ao nudismo integral, são os traços característicos da maior ilha alemã, de 94 quilómetros quadrados, ligada ao continente por um dique estreito, construido unicamente para a linha férrea.

Há cerca de cem anos a construção de um pavilhão nas dunas deu início á praia de Westerland. Hoje a ilha, de 40 quilómetros de comprimento, conta escassos trinta mil habitantes, mas nas suas estatísticas figuram 2,5 milhões de dormidas por ano. O célebre «Rochedo Vermelho de Kampen», de 46 metros de altura, a pique junto

2,5 milhões de dormidas por ano, numa ilha de 94 quilómetros de superfície.

ao mar, é um dos símbolos da ilha que de longe sauda os navios que se aproximam, pejados de turistas e varaneantes. Atrás das dunas, onde não faltam campos e prados férteis, agacham-se as casas típicas da região, em tijolo vermelho, cobertas de colmo. São testemunhos da cultura dos Frísios, que há séculos vivem nas ilhas do Mar do Norte, célebres pelas suas façanhas como navegadores intrépidos.

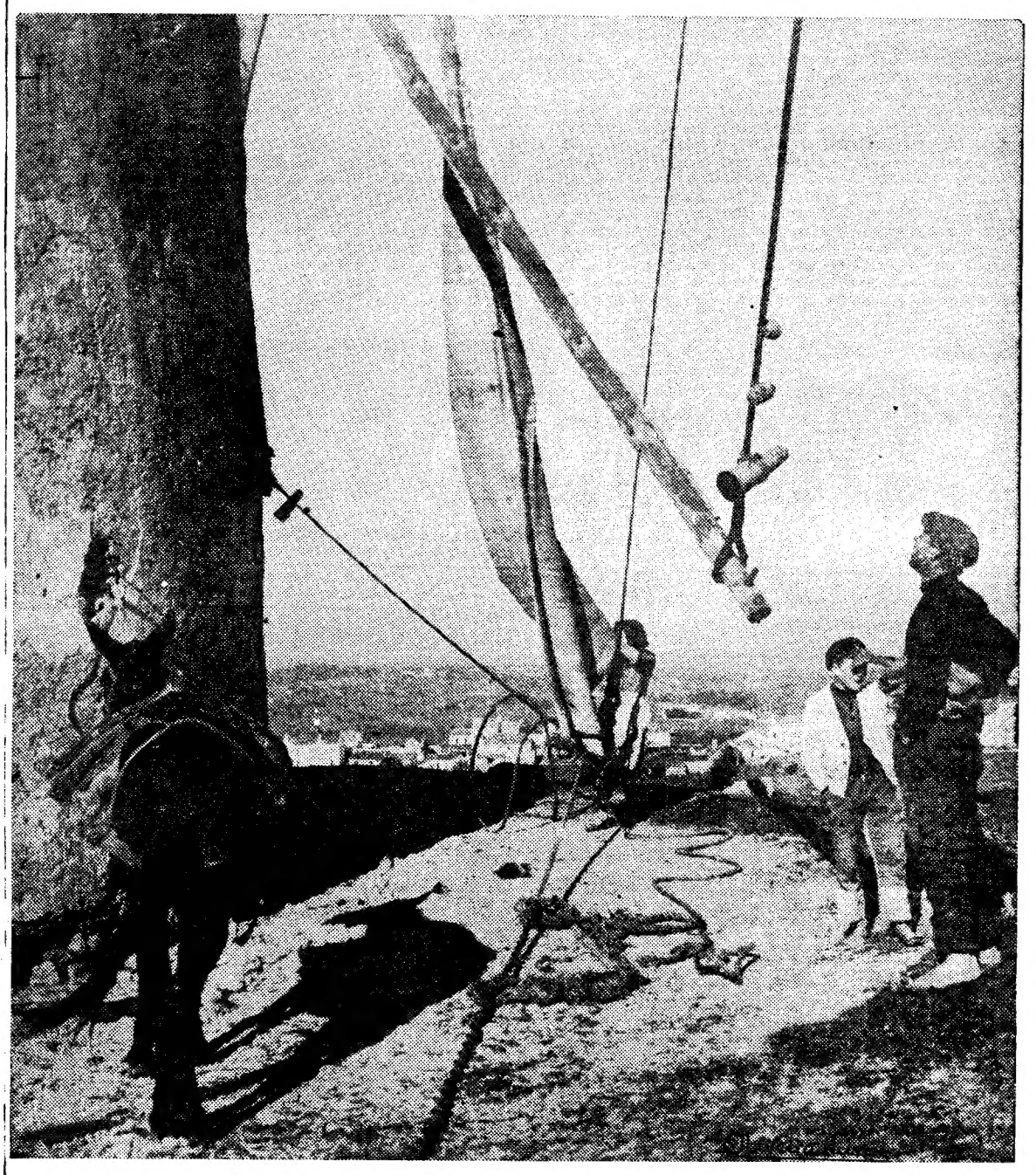
Balneologia moderna

Nos ultimos anos, Sylt transformou-se no mais moderno centro de varaneio á beira-mar. Dispõe de quatro extensas praias, centros de vilegiatura célebres pelos seus bons ares, dois grandes balneários com grandes piscinas de água do mar temperada e todas as instalações de balneologia moderna. Em Westerland, a maior praia, encontram-se industriais, comerciantes e políticos da mais alta categoria. A aldeia de Kampen é hoje uma colónia de pintores, escritores e poetas, onde reina sempre a maior animação. Entre outras altas individualidades, tem a sua casa em Sylt o ministro do Exterior, dr. Gerhard Schroder. Várias grandes firmas industriais e comerciais alemãs alugaram casas para os seus empregados e operários.

Pela linha férrea, que, graças ao «Hindenburg-Damm», liga Sylt ao continente, transportam-se, também, automóveis. Durante muito tempo, as comissões de turismo da ilha hesitaram em permitir a entrada de automóveis, temendo que viessem perturbar a calma e roubar o descanso aos veraneantes.

A ilha de Sylt orgulha-se da sua história. Os arqueólogos provaram que a ilha já era habitada há seis mil anos. A vida dos ilhéus foi, durante séculos, determinada pela luta contra o mar e contra as tempestades. No decorrer dos séculos, várias localidades desapareceram nas ondas do mar ou debaixo dos montes de areia que avançavam pela ilha adentro. Hoje em dia, os ilhéus combatem os seus dois grandes adversários com todos os recursos da técnica moderna.

FELIX ADZERSEN



O RECOLHER DAS VELAS...

O recolher das velas não é só uma faina típica dos bravos pescadores sesimbrenses e de tantos outros que trabalham ao longo do litoral. Também na piscosa vila — que virou, em boa hora, estância internacional de turismo — esta tarefa é comum entre a classe dos moleiros, nos poucos engenhos movidos a vento que ainda por ali existem, e constituem os últimos abencerragens de uma indústria primitiva, que se perde na névoa dos tempos (Foto de José Oliveira Nunes)

A lagoa de Albufeira abandonada

(Continuação da página anterior)

caminhada não podia, como é óbvio, agradar a muitas mais, por incómoda e fatigante.

Actualmente, porém, com a construção do pequeno ramal de estrada florestal que permitiu um fácil acesso à lagoa, o número de visitantes aumentou consideràvelmente. O turista ficou de parabéns e o local ganhou novos frequentadores. Há ali fascínio permanente, envolvendo cenário de maravilha, a que o elemento líquido empresta beleza e sedução.

Que há a fazer, então, para melhor se aproveitar, turìsticamente, a lagoa de Albufeira? Se a construção da estrada de acesso representou, sem dúvida, o primeiro passo para a valorização do local — sem estradas não pode haver turismo —, é inegável que algo mais poderá fazer-se. E se a Natureza foi generosa com tão valiosa dádiva, é justo que com ela se colabore, pois só assim será possível alcançar o desejado objectivo.

Não se pretende perturbar a paz de espírito que reina em volta daquelas águas, nem, tão-pouco, desfear com inestéticas construções a encantadora panorâmica da lagoa de Albufeira. O que a Natureza nos legou deve conservar-se, tal como está. Haverá, simplesmente, que valorizar o local, a fim de se proporcionar maior comodidade ao visitante.

Justifica-se plenamente que o ramal de acesso à lagoa seja quanto antes asfaltado. Depois, há que fazer prosseguir a estrada — mantendo as características de caminho florestal — para nascente e para poente, ao longo das margens, permitindo ao automobilista aproximar-se o mais possível do mar.

A velha «Casa do Infantado», na margem sul, que durante muitos anos foi a única edificação existente naquelas paragens, pelas suas tradições históricas e pelo estilo genuìnamente português da construção bem merecia ser salva da desoladora ruína em que se encontra. Paredes, telhados, portas e janelas, tudo está carcomido pela acção do tempo, tudo está prestes a desabar. De Inverno, a chuva cai no interior, quase como na rua; de Verão, as modestas famílias dos guardas-fiscais instalam-se como podem naquelas arruinadas divisões.

Com uma situação privilegiada em posição dominante sobre as águas calmas da lagoa e a curta distância do mar, a «Casa do Infantado», uma vez restaurada, sem se lhe alterar a sua traça primitiva, poderia ser adaptada a estalagem turística ou pousada. Não havendo qualquer instlação do género nas proximidades, os turistas que visitam a lagoa de Albufeira acolheriam de bom grado a iniciativa e os frequentadores não faltariam. Quando muito... poderiam lamentar não encontrar quartos vagos. Actualmente, porque a matéria-prima ainda não foi trabalhada, só os campistas podem passar um fim-de-semana em tão maravilhoso local. Os restantes, os que não se sentem inclinados para a prática do campismo, mais não podem fazer do que chegar de manhã e partir à tarde.

Mas a lagoa de Albufeira, mesmo para o campista moderno, não está devidamente preparada, pois falta ali um bem apetrechado parque de campismo, como acontece em Itália, na Suíça ou na Áustria, onde tais parques se sucedem uns aos outros, á beira dos lagos, estando quase sempre com a lotação esgotada. Em complemento da valorização turística desta bela parcela do nosso território, poder-se-ia criar um serviço de aluguer de pequenos barcos de recreio, para passeios na lagoa, o que muito agradaria na lagoa.

Uma paisagem idílica, onde há arvoredo, lago, mar e praia, só terá a lucrar se for sacudida do marasmo a que tem estado votada. Uma lagoa com quatro quilómetros de comprimento e quinhentos metros de largura, com sombras acolhedoras nas suas margens, é atractivo que não pode nem deve desprezar-se, numa época em que se procura desenvolver o turismo. Verdadeiro paraíso esquecido e inexplorado turìsticamente — insista-se —, a lagoa de Albufeira bem necessita que alguém olhe por ela.

VASCO CALLIXTO

PRESENÇA DO NOSSO JORNAL
NA CAMPANHA PUBLICITÁRIA DA «HEMISFAIR» DE SAN ANTONIO

Conforme oportunamente noticiámos, realizar-se-á, de 6 de Abril a 6 de Outubro de 1968, na cidade norte-americana de San Antonio — e para comemorar o 250.º aniversário da respectiva fundação — uma grande feira internacional designada «Hemisfair» e cujo tema é a «Confluência das Civilizações na América». Recentemente publicámos também um artigo especial para o nosso jornal, assinado por um jornalista natural de San Antonio, no qual se explicava a razão de ser do nome da cidade, ligado ao taumaturgo lisboeta.

A «Hemisfair» erguer-se-á no centro daquela cidade texana, ocupando para o efeito uma área de 37,5 hectares, urbanizada pela municipalidade. O próprio governador do Estado do Texas é o comissário-geral da Exposição, na qual estarão representados, pelo menos, 32 países.

Entretanto, e como é natural, a respectiva entidade organizadora envida todos os esforços para que — como aliás é de fácil previsão — o acontecimento se revista da maior expansão, correspondendo ao inegável interesse e projecção do certame. E é neste sector que muito nos apraz registar o facto de, no material publicitário da «Hemisfair 1968», constar em lugar de evidência — e até agora único no que diz respeito à presença de um órgão da Imprensa portuguesa — uma reprodução parcial de um artigo publicado no «Diário de Lisboa», referente ao certame em questão, com um relevo de inegável simpatia e significado.

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | DOMINGO, 17 DE JULHO DE 1966 | ANO 46.º — NUMERO 15654

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

LISBON, PORTUGAL

SPRINGFIELD, MO. NEWS D 27,385

END. TEL.: DIBOA — TELEX: 363 TELEFS 120271 · 120272 · 321154 e 321155
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57 1.º PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
NUMERO AVULSO ... EDITOR — J. CHRI...

LA PRENSA
el periódico que dice lo que otros callan

Jueves 30 de Junio de 1966

Un Escaparate con Proyección Hacia el Mundo

CPS

SAN ANTONIO, Texas.—La iniciativa privada mexicana, que dentro del clima de estabilidad absoluta que priva en el país vecino ha logrado dar impulso extraordinario a su economía, se propone tener representación sobresaliente en HemisFair 1968.

Al afirmarlo, ... su aserción sobre correspondencia recibida de personalidades destacadas de la industria y el comercio ... dirigentes de

Daily Morning News Dallas, Texas MAY 1 1966

...E DOIS PAÍSES PARTICIPARÃO NA «HEMISFAIR» DE SAN ANTONIO

«Confluência das Civilizações na América», tal é o tema escolhido para a *Hemisfair*, grande feira internacional a realizar na cidade texana de San Antonio entre 6 de Abril e 6 de Outubro de 1968. Passa nessa altura o 250.º aniversário da fundação da cidade, uma cidade ... lhe um aguda consciência do problema humano das Américas: terra onde as civilizações autóctones se viram submergidas por um Ocidente em expansão.

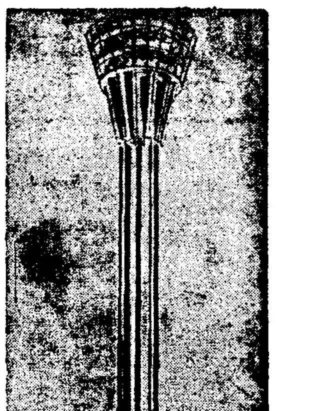
A *Hemisfair* erguer-se-á no próprio centro da cidade de San Antonio, ocupando para o efeito uma área de 37,5 hectares urbanizada pela Municipalidade. O comissário geral da exposição não é outro senão o actual governador do estado do Texas, John Connally. Foram dirigidos convites, pelos competentes canais diplomáticos, aos governos e a uma infinidade de possíveis expositores particulares.

Êxito assegurado

A situação privilegiada da cidade de San Antonio assegura o maior êxito á exposição. Basta dizer que, num círculo com raio de 750 milhas, estão situados onze estados ...

Plans Revealed For HemisFair

SAN ANTONIO (AP)—A huge dome encompassing 15 o 20 modome encompassing 15 to 20 motion picture screens will be the $4.5 million Institute of Texan Cultures to be built for HemisFair 1968



MAY 22 1966

Finally, a Real San Antonio Rose

SAN ANTONIO—This historic Texas metropolis will have a specially produced rose for its coming HemisFair 1968.

Name of the new flower, ordered into production recently by Walter Barth, chairman of the HemisFair Rose Committee, will be "San Antonio Rose," a name made famous by sonnet and song, but curiously enough, never officially registered as a name for a posy of this type.

San Antonio Rose will be one of the features at the six-month long extravaganza aptly titled ...

SPRINGFIELD, ILL. STATE JOURNAL D 53,290 S 68,405

HemisFair Lifts Permits

By CAROLYN PATRICK
Austin Bureau of The News

AUSTIN, Texas — Permits totaling $10,465,900 for buildings for the 1968 HemisFair at San Antonio contributed to a 25 per cent first quarter construction increase in 1966

Dr. Francis B. May, consulting statistician for the Bureau of Business Research ... University of Texas, reported the ... with a monthly decline ... March in the ...

nent structure. Dr May noted "Many of the exhibit buildings will not be permanent. Construction of exhibit buildings will be started at various times from now until ..."

PRESS CLIPS TEXAS PRESS ASSOCIATION

... also affected ... construction ... population ... ment in this post-World ... nted

college classrooms will almost double in the next 20 years."

A quarterly increase of 301 per cent in the construction of commercial garages was noted by Dr May

"The effect of a large volume of automobile sales in enhancing the overall rate of economic growth of a country is so marked that recently the Russians have been ... sted in enlarging their output ... inted out

IBM Announces Plans For HemisFair Exhibit

International Business Machines Corporation announced today it would have a major exhibit at HemisFair 1968.

F G Rodgers, vice-president and western regional manager for IBM's processing division, announced his company's decision ... cipate in the ...

it was his belief that HemisFair will be one of the outstanding events to be staged in the United States during the next decade.

Following the successful negotiations, Gaines said "It is a source of great pleasure and satisfaction ... IBM join HemisFair. We ... from preliminary di... early ...

Reprodução parcial de uma publicação-síntese da Imprensa mundial acerca da «Hemisfair» de San Antonio, e na qual o «Diário de Lisboa» ocupa luga r de relevo

Grandezas jamais perdidas

(Continuação da 1.ª página)

Espanha e só esta. A guerra, além das amarguras e sobressaltos vividos por quem não desistia de acreditar na vitória da legalidade, era um obstáculo intransponível para a curiosidade dos que procuravam conhecer as realidades da civilização, só possível pelos contactos além-fronteiras e esse além Pirenéus era um vasto campo de batalha indiscriminada, primeiro, e, depois, a noite cesarista da dominação e do opróbrio.

Tivemos, assim, que aguardar que os anos de desgraça passassem e que a vitória aliada reintegrasse as pátrias em eclipse no caminho comprometido da sua libertação. Começaram, então, as nossas jornadas pela Europa desde o norte á península apenina. A pouco e pouco fomos dando conta, como podíamos, das impressões dessas viagens alvoroçadas. Claro que ao natural alvoroço se seguiram as reflexões mais meditadas porque, em ultimo análise, interessava entregar mensagens contendo os positivos e os negativos das terras desconhecidas e não a emoção e só ela.

Seja como for o alvoroço ocupava o primeiro plano. Não era impunemente que um português, até então acantonado na sua nesga peninsular e, sobretudo, combalido pelas horas de incerteza que para trás ficavam, atravessava as cidades, as aldeias, os campos e as pontes de uma França, de uma Bélgica, de uma Holanda, de uma Itália ou de uma Grã-Bretanha, teatros sangrentos da mais hedionda das guerras e oferecendo á contemplação dos visitantes as belezas augustas do seu património autêntico e os sinais da sua missão civilizadora ao lado de feridas abertas ou mal saradas. Tudo aquilo, afinal se passara ainda havia tão pouco tempo, embora a recordação melancólica parecesse distaciar-se no espaço. É do mesmo modo, em perspectivas diferentes, a «feérie» nórdica com o seu *progresso social e político* que se respirava no próprio ar.

Poderia não ser, totalmente, um mundo diferente aquele que desfilava, em variados cambiantes, ante nossos olhos, ora entusiasmados, ora entristecidos. Mas em muitos aspectos um mundo inédito pela lição austera e viril que emanava da própria sobrevivência de uma civilização que esteve á beira da nivelação cemiterial, material e espiritualmente.

Mas o objectivo deste artiguelho são as «grandezas jamais perdidas» e são elas que ocuparão as considerações subsequentes, á face daquilo que *vimos* e *sentimos*, porque mais *veríamos* e *sentiríamos* se a fortuna e o tempo nos permitisse alongadas maiores.

A primeira *grandeza* que emergia do aparente caos e da inquietação demoniaca da guerra, ou da dominação nazo-fascista, era a afirmação que as pátrias continuam a ser o motivo mais aliciante e permanente em qualquer consciência livre. Precisamente porque o anti-espírito dos fascistas se deixou absorver pela fúria das conquistas e pelas atracções criminais do poder pessoal, as pátrias deixaram de contar, a começar pelas suas, expostas aos malefícios da hecatombe. O sentido da independência era minimizado pela certeza de uma absorção universal na qual se não inseririam as porções, histórica e moralmente válidas, argamassadas pelo sangue, suor e lágrimas das gerações transactas.

Ora era nos inimigos do fascismo que essa grandeza jamais se perdera. Por ela sem preocupações ideológicas, sem divisionismos religiosos ou éticos, morreram milhões de homens e mulheres: nas batalhas em campo raso, nas surtidas das Resistências, nos pelotões de fuzilamento, legando aos vindouros o testemunho unânime de um apego á terra-mãe, carne da sua carne.

A outra *grandeza* era o apelo da Inteligência para a sua livre expressão, a defesa sobrehumana dos princípios da convivência, a supremacia da Lei e o regular funcionamento das instituições herdadas dos arcanos greco-latinos e transformadas em razão de Estado sobretudo pela Grande Revolução de 1789. Entendeu-se, e admiràvelmente, que as pátrias só poderiam dignamente opor-se á barbárie pugnando pelo primado da liberdade política, mas entendia-se, também, que essa liberdade só se conceberia á luz de uma sócio-economia moderna, antimonopolista e anti-argentária, em ordem a dotar os combatentes e os seus filhos com ferramentas civilizadas para a *realização* de um estilo de vida conforme as exigências da espécie.

Quando, ao reflectir na presença das ruínas, das clareiras abertas pela metralha, dos sinais dos martírios e dos heroismos indescritíveis, nos deparamos com o mundo diferente, e por vezes inédito, as «grandezas jamais perdidas» tomavam corpo e cenvenciam-nos — e convencem-nos! — que só uma Pátria livre, e onde sejam, efectivamente, livres todos os seus filhos, representará a melhor resposta ás dores e amarguras dos que morreram e sofreram por todos nós.

...Vão-se distanciando, melancòlicamente, na nossa saudade, as primeiras horas das nossas primeiras jornadas pela Europa. Temos voltado e voltaremos enquanto pudermos. Verdade é, no entanto, que muita água tem passado sob as pontes das grandes capitais e, por vezes, parece-nos que as catástrofes das enxurradas acabarão por subverter as *grandezas* que são a respiração cívica de qualquer agregado civilizado. Os homens, as suas ambições, os racismos despóticos, a concepção obscena de novas fórmulas autocráticas ou o crescendo assustador das já existentes, a inversão dos valores morais, á sombra da fúria negocista, serão os *negativos* nesta encruzilhada demoníaca. Desconhecê-lo é, positivamente, fechar os olhos ou levar as mãos á cabeça e ir para o fundo como o macaco.

Mas vale a pena. Vale sempre a pena confiarmos nas «grandezas jamais perdidas». Mais tarde ou mais cedo elas chamarão os homens despistados para a senda das *humanidades* que procuram esquecer. — *V. da G. F.*

ALMIRANTE LOUVADO
pelo ministro da Defesa

Foi louvado pelo ministro da Defesa Nacional o contra-almirante José Fernando Teles de Castro Mexia Salema porque, «tendo deixado, por imposição da lei, o cargo de chefe da missão militar junto da Embaixada de Portugal em Washington, nele se houve sempre com o mais elevado espírito de servir, contribuindo com os seus extensos conhecimentos profissionais, com as suas altas qualidades de inteligência, bom senso e integridade de carácter e com a sua inexcedível formação militar para o encaminhamento e boa solução de assuntos de grande importância nacional».

A conferência de Imprensa do ministro dos Negócios Estrangeiros

(Continuação da 1.ª página)

sileiros estão acima das contingências ocasionais da política.

Igualmente os condicionamentos geográficos não limitam as relações luso-brasileiras e os seus interesses.

Disse, a propósito: «A nós, deste lado do Atlantico, afigura-se-nos que o apoio que o Brasil der a interesses portugueses em nada pode prejudicar, contrariar ou afrontar outros países com que o Brasil tenha relações íntimas, ou suscitar dos mesmos objecções, salvo se esses outros países acalentarem quanto a Portugal intuitos ou desígnios menos claros e sobretudo menos legítimos.

Apontou o ministro dos Negócios Estrangeiros a condição euro-africana de Portugal, que se integra nos acordos em causa.

Seguidamente, referiu-se á sua visita á Alemanha Ocidental, a convite do dr. Schroeder, visita que não teve em vista firmar acordos ou rectificar os existentes, pois nada há a modificar nas boas relações entre os dois países. Simplesmente, se discutiram questões internacionais e o dr. Franco Nogueira teve ensejo de verificar uma identidade de pensamento quanto a esses problemas.

Disse, a propósito:

«Quanto á nossa posição em Africa, os meios alemães mostraram nítida compreensão da nossa política, aderindo aos seus aspectos fundamentais».

Depois, o ministro falou da abertura da Assembleia Geral da O. N. U., dizendo que, uma vez mais, se assistiu ao exacerbar de paixões e ao avivar de conflitos, acrescentando que esse clima instável se deve ao espírito de demagogia que se infiltrou no seio das Nações Unidas.

Pretendem certos países, por si ou com apoios, que se alcancem soluções em determinado sentido — disse o ministro, para frisar que problemas, verdadeiramente importantes, esses não ousa a O. N. U. discutir.

Apontou as questões da Rodésia (a Grã-Bretanha afirmou ser problema seu), do Sudoeste Africano e da Africa do Sul (cuja situação é clara em face da sentença do Tribunal da Haia) pelo que também a O. N. U. não tem competência em tal assunto e, por fim, referiu-se ao Ultramar português. Estranhou que a Assembleia Geral permita que se tomem resoluções que não podem, nem deviam tomar-se, por constituirem ingerência em questões internas de um país.

Depois, disse:

«Não há em território português quaisquer forças, mercenárias ou semelhantes, para atacar o Congo. De resto, o Congo sabe que as Forças Armadas Portuguesas não utilizam mercenários; mas o mesmo não se pode dizer do Exército congolês, porque este utiliza-os, e de muitas nacionalidades. Não existem em território português quaisquer depósitos de munições ou armamento com destino ao Congo. Não há quaisquer concentrações ou campos de treino em Vila Luso, ou em Henrique de Carvalho, ou em Cabinda, ou em qualquer outra localidade, e que se destinem a ser usados contra o Congo. Já negámos tudo isto oficialmente, de forma categórica, e eu posso reiterar que o mais enfático desmentido a todas as acusações que nos são feitas em Kinshasa nesta matéria.

O dr. Franco Nogueira reafirmou o seu mais categórico desmentido a tais acusações, afirmando:

«O Governo do Congo sabe que não têm fundamento as suas queixas contra nós. A Assembleia Geral da O. N. U. sabe-o também. Ora, seria revoltante que o Conselho de Segurança viesse a aceitar sem fundamento essa acusação».

Acrescentou que essa queixa «explica» talvez, o assalto á Embaixada portuguesa na capital do Congo. Pensavam, possivelmente — disse — que encontrariam ali documentos que fizessem prova da queixa. Ora não existe o que não pode existir...».

Aludiu depois a notícias capciosas postas a circular, «para se justificar o ataque á Embaixada como uma reacção contra actos praticados por nós».

Também manifestou a sua estranheza perante notícias publicadas em certos países, impassíveis perante um acto de violência condenado pelo uso internacional.

A terminar, afirmou o ministro que seria boa altura para U Thant aceitar o convite e ir a Angola e Moçambique investigar e saber que não têm fundamento as acusações congolesas, acrescentando:

«Que vai resultar do incidente em curso suscitado pelo Congo? Não o podemos saber, e não será de excluir que o Governo congolês premedite o corte de relações diplomáticas. Caberá perguntar quais os benefícios que daí advirão para os interesses do Congo.»

A actividade dos portugueses no Congo é benéfica aos interesses congoleses

— afirmou o ministro

Entrou-se, seguidamente, no período dedicado ás perguntas, durante o qual o dr. Franco Nogueira esclareceu algumas questões postas pelos jornalistas.

A propósito do facto de milhares de portugueses viverem na República do Congo e ali exercerem a sua actividade, foi-lhe perguntado se a situação desses portugueses viria a ser afectada sériamente, em face dos presentes acontecimentos.

Resposta:

— Há no Congo uma numerosa colónia portuguesa, cuja actividade tem beneficiado o próprio Congo. Sucessivos Governos congoleses o têm afirmado. Ainda recentemente, o general Mobutu condecorou alguns portugueses há muito residentes no Congo. Não sabemos, agora, que medidas virá o Governo de Kinshasa (ex-Leopoldville) a tomar contra eles. Mas o incitamento ao ódio e á violência tem sido tal, ultimamente, que tudo será de esperar e, prevendo todas as eventualidades, dirigimo-nos já á Cruz Vermelha Internacional no sentido de serem salvaguardados esses cidadãos. Se forem tomadas disposições contra eles, é evidente que ficam afectados muitos interesses portugueses, mas muito mais ficarão os próprios interesses do Congo. A comunidade portuguesa desempenha no Congo um papel importantíssimo no comércio e nos transportes e consequentemente na economia do país. São de portugueses os principais veículos de comercialização no Congo e qualquer medida contra eles seria amputar grandes regiões congolesas, afectando-as económica e socialmente. Penso que devemos esperar que o Governo do Congo tenha a noção das responsabilidades e dos próprios interesses do seu povo. Se forem tomadas essas medidas, então só em face delas poderemos tomar a nossa acção.

O «caso dos mercenários»

— O assalto á Embaixada portuguesa poderá ser o começo de uma fase de intensificação de ataques dos grupos de terroristas? — perguntou um jornalista estrangeiro.

— Não estou habilitado a pronunciar-me sobre a forma como as coisas se originam no plano interno congolês.

E, a propósito, o dr. Franco Nogueira acrescentou que é grave, no momento, a crise política e publica que o Governo congolês tem de defrontar:

— Mas, no plano internacional, os factos apresentam-se de um modo diferente. Estamos no início da Assembleia Geral da O. N. U. e foi preciso criar uma determinada atmosfera favorável. Como não havia hostilidade contra Portugal, tornou-se necessário ressuscitá-la. Por isso, ele só ou com outros, o Congo terá utilizado nesse sentido o pretexto dos mercenários. Quanto ao assalto á Embaixada, o próprio Governo de Kinshasa confessa que a maioria dos assaltantes não era congolesa. Isto quer dizer que pode haver ali estrangeiros livres de cometerem acções violentas, o que, aliás, já não espanta. Sabe-se que terroristas de um grupo prendem, em cadeias privativas, julgam e executam terroristas de outros grupos e todo este atentado á soberania do Congo perante a impassividade dos chefes políticos de Kinshasa.

— U Thant foi completamente informado das circunstancias do assalto á Embaixada?

— Sim. O secretário-geral da O. N. U. acaba de enviar uma comunicação ao representante do Congo nas Nações Unidas.

Dez mil comerciantes portugueses no Congo

Outra pergunta:

— Quantos portugueses vivem, actualmente, no Congo?

— Alguns milhares, mas largos milhares. Quanto aos que desempenham papel essencial na comercialização nas várias províncias congolesas, poderemos calcular esse numero em 10 000. Há, no entanto, outros, que exercem uma actividade por conta de outrém.

— Tem V. Ex.ª conhecimento de uma notícia difundida pela B. B. C., segundo a qual o general Mobutu desfilou frente á Embaixada portuguesa assaltada?

— Também tive conhecimento disso. Mas não tenho qualquer confirmação de que o general Mobutu tenha participado na manifestação ordeira frente á nossa Embaixada. No entanto, parece-me que apenas se limitou a passar, de automóvel, defronte do edifício, para observar o local.

A admissão da China na O. N. U.

Depois de esclarecer um jornalista estrangeiro sobre a oportunidade de troca de impressões com U Thant («continua de pé a nossa disposição e o espírito e temas abordados na troca de correspondência com o secretário-geral»), o dr. Franco Nogueira foi interpelado sobre assunto diverso:

— V. Ex.ª disse, há um ano, quando se lhe perguntou se Portugal apoiaria a admissão da China continental na O. N. U., que «o assunto teria oportunidade no momento devido». Como o assunto está na agenda da Assembleia Geral, qual é a posição de Portugal?

— Continua a ter valor a resposta que então dei.

Quis-se saber, depois, qual tinha sido a reacção do Governo português quanto ás referências feitas a Portugal no comunicado final da conferência dos países da Comunidade Britanica. O dr. Franco Nogueira disse que o comunicado do Governo respondeu «oportunamente a esta pergunta». Acrescentou, porém, que era de admirar que havendo a discutir problemas transcendentes dos países participantes, e muitos, assim como grandes problemas do nosso tempo situados num ambito mundial, se tivessem preocupado com questões alheias e que não dizem respeito aos intervenientes. Tal atitude abre precedentes e, então, «também podemos vir a permitir-nos discutir os seus problemas e resolver sobre problemas dos países da Comunidade Britanica».

A hostilidade da Dinamarca

Um jornalista perguntou o que pensava o Governo português sobre a posição da Dinamarca quanto á política portuguesa. O dr. Franco Nogueira começou por afirmar que «desde há muito que a Dinamarca toma uma posição de grande hostilidade em relação a Portugal, como se se atribuísse um papel importante na resolução dos problemas internacionais, ou percebesse de assuntos africanos». Aludiu ao caso dos investimentos estrangeiros, dizendo: «Como a Dinamarca tem importantes investimentos em Portugal (metropolitano e ultramarino), o seu delegado repudiou uma tese que apoiava na generalidade».

Referiu a inconsistência dos dois critérios diferentes do delegado dinamarquês.

A propósito ainda da Dinamarca, afirmou que a questão da Gronelandia ficara «resolvida quando o Governo dinamarquês afirmou que se tratava de um território autodeterminado e com autonomia. Aceitaria a Dinamarca uma declaração semelhante da nossa parte e em relação aos nossos territórios? Se não aceita, então, não há dúvida de que a Gronelândia é uma colónia da Dinamarca».

O dr. Franco Nogueira esclareceu ainda um jornalista sobre recentes afirmações dos «guardas vermelhos» a propósito de Macau e Hong-Kong:

— Não tenho conhecimento de que o assunto tenha sido posto nos termos de independência.

Quanto ao auxílio norueguês a 1000 refugiados angolanos na Zâmbia, disse:

— Este gesto generoso não é movido, com certeza, por razões políticas. Acontece, porém, que há em Angola 2000 cidadãos da Zâmbia que fugiram ao regime do seu país e se refugiaram naquela nossa província.

A sorrir:

— Não quererá, também, a Noruega prestar-lhes auxílios, o dobro do auxílio, claro, uma vez que são 2000 pessoas...

O «American Committee on Africa»

Um jornalista americano quis saber se as opiniões emitidas num editorial do «jornal que se identifica com o pensamento do Governo português» a propósito do «American Committee ou Africa» representam efectivamente a forma de pensar do Governo.

O ministro:

— O jornal a que se refere não representa, nos seus editoriais, a opinião do Governo português.

Acrescentou que o organismos em questão, como já o próprio Governo americano confirmou, tem desenvolvido, desde há anos, uma acção de intolerancia e de política hostil a Portugal, em Africa. Afirmou não ter elementos que o habilitassem a afirmar ter o «A.C.A.» participado no assalto á Embaixada portuguesa no Kinshasa.

Depois de confirmar o que foi anunciado em comunicado e estava implícito na declaração de hoje, o dr. Franco Nogueira disse que a Alemanha mantém a opinião de que a Europa deve acabar com a actual divisão económica e que apoia a entrada de Portugal no seu bloco económico, quando for oportuno.

A terminar, respondendo a outra pergunta, disse o ministro não haver necessidade de reforçar a defesa de Angola, perante os actuais acontecimentos, e que o possível corte de relações entre o Congo e Portugal não implicaria uma declaração de guerra:

— Não tememos tal eventualidade, que não é de pôr. Acreditamos, aliás, no bom senso dos governantes de Kinshasa.

A REUNIÃO DO CLERO

(Continuação da 3.ª página)

cação que permita estabelecer uma ordem de prioridades pastorais, já apontada na comunicação sobre a Acção Católica, foram também mencionadas nas outras comunicações sobre movimentos apostólicos. Assim, os padres José Mendes Serrazina e Aleixo Cordeiro, que trataram respectivamente dos Movimentos de Casais e dos Cursos de Cristandade, referiram o êxito da pastoral adaptada ás condições de vida. Assim, segundo foi afirmado, a rápida proliferação dos movimentos de casais pode em grande parte ser explicada pela sua adaptação aos imperativos da vida actual.

O padre José Mendes Serrazina acentuou que os problemas de grandes movimentos de casais lhes advêm sobretudo do seu rápido crescimento. Assim, por exemplo, embora o Movimento das equipas de Nossa Senhora conte com 67 equipas que agrupam 440 casais, há mais de uma centena de casais que esperam a possibilidade de se constituírem novas equipas.

Um outro exemplo se encontra nos casais rurais que, durante o ano de 64/65, atingiram 1959 casais em reuniões paroquiais. Por seu turno, os grupos de casais operários, de criação mais recente, abrangem já cerca de 20 equipas. O Centro de Preparação para o Matrimónio realizou durante o ano de 1965/66, 20 cursos com cerca de 600 participantes, tendo tido a colaboração de 80 casais com missão de orientarem os diversos cursos — disse o orador.

Por sua vez, o padre Aleixo Cordeiro focou o «valor sobrenatural dos cursos de cristandade» e disse que eles se souberam adaptar a algumas carências da vida actual, tendo obtido uma grande adesão por parte dos fiéis. Até agora frequentaram os cursos no Patriarcado 3700 homens e 2000 senhoras, sendo muito elevada a percentagem dos que perseveram.

Hoje também falaram o padre Lereno Dias sobre a «Obra das Vocações» e o padre João Soares Cabeçadas sobre o Secretariado do Ensino Particular Diocesano.

Na Assembleia foram já propostas a criação de um Secretariado Diocesano de Ensino e Formação Religiosa, que se estenda não só ás crianças, como até agora, mas aos jovens e adultos, e a instituição de um Conselho Diocesano de Juventude, para orientar todo o trabalho com pré-adolescentes, adolescentes e jovens.

Terminada a leitura das comunicações, começaram os debates por grupos acerca de todos os relatórios apresentados. À noite, o padre João de Almeida orientará uma sessão de projecções sobre o conhecido pintor suíço Ferdinand Gehr, continuando amanhã os trabalhos da Assembleia, que só termina no sábado.

Os países participantes na reunião de Manila poderão depois conferenciar com Hanói

MANILA, 27. — (F. P.) — Próximos colaboradores do Ministério dos Negócios Estrangeiros dizem que a projectada conferência sobre o Vietnam, na qual participarão os chefes de Estado ou de Governo dos Estados Unidos, Austrália, Nova Zelandia, Coreia do Sul, Vietnam do Sul, Tailandia e Filipinas, particularmente interessados no conflito, poderá constituir o preludio de uma reunião com o Vietnam do Norte.

A urgência com que o Governo de Saigão e os seus aliados decidiram encontrar-se, no próximo dia 18, poderá significar que uma conferência de paz sobre o Vietnam está presentemente á vista — diz-se nas mesmas esferas.

O certo é que — acrescentam — o presidente Marcos não teria proposto uma reunião de alto nível, em data tão próxima, se não houvesse uma razão «preponderante» e não se estribasse em novos factores, ignorados do publico.

VIDA SOCIAL

D. DUARTE JOÃO DE BRAGANÇA

Regressou a Lisboa, num avião da TAP, vindo de Johannesburg, o sr. D. Duarte João de Bragança, filho primogénito do sr. D. Duarte Nuno de Bragança, o qual visitou durante um mês a província de Moçambique e deixando Lourenço Marques na passada sexta-feira.

PRÉDIO

EM CAMPO DE OURIQUE

Construção recente, em cimento armado e marmorite, composto de 6 pisos com 3 casas soalhadas, cozinha, despensa e casa de banho. Rendas de 1.110$00. Isento 6 anos. Preço 2.900 contos. Boa aplicação de capital. Facilita-se.

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6

AFASTAR-SE DA ESCOLA É AFASTAR-SE DO FUTURO — 1

O papel da escola

EDUCAR — Nos nossos dias, escolas e liceus encarregam-se de familiarizar a criança com os mecanismos de base, quer dizer, os meios de expressão e de comunicação entre os homens, e de lhe fornecer o mínimo de conhecimentos indispensáveis a todo o ser humano, a fim de lhe permitir orientar-se na vida.

O papel do professor já não se limita hoje a dispensar ás crianças um certo numero de conhecimentos, apelando, quase exclusivamente, para a sua memória. Esforça-se ele por desenvolver a personalidade da criança, tendo em conta os seus dons e aptidões, a sua inteligência, a sua sensibilidade, mas também as suas qualidades de coração. Estes novos princípios de educação parecem-se estranhamente com as teorias de J. J. Rousseau, que escreve no «Emílio»: «Após ter começado por exercitar o seu corpo e os seus sentidos, exercitamos o seu espírito e o seu raciocínio. Enfim, reunimos o uso dos seus membros ao das suas faculdades, fizemos um ser que age e pensa, e não nos resta mais para completar o homem que fazer um ser vivo e sensível, quer dizer, aperfeiçoar a razão pelo sentimento». Os métodos novos lutam contra o ensino em vaso fechado, praticado até agora, contra uma escola á margem da vida real e prática, contra a educação abstracta dos métodos tradicionais, que ignoram e desprezam as novas necessidades criadas pela vida moderna, tão diferente da que conheceram os nossos pais.

Não se trata já de produzir, em série, licenciados sem futuro, mas quadros eficientes, engenheiros e técnicos hábeis, bons operários especializados, indispensáveis a Portugal de amanhã.

As importantes reformas, como por exemplo o aumento da obrigatoriedade escolar para seis anos, passo histórico no nosso ensino, as medidas tomadas para a unificação dos ciclos do ensino secundário, liceal e técnico, podem ser consideradas como primeiros passos para a reorganização total do ensino. Decerto ela terá por fim fazer das nossas crianças, homens perfeitamente adaptados á sua época, e garantir-lhes o máximo de felicidade.

Aproxima-se a abertura das aulas. Como é hábito, o «Diário de Lisboa» passará em revista as considerações pedagógicas que o momento aconselha.

O PRIMEIRO CONTACTO COM A SOCIEDADE

● O PAPEL DA ESCOLA — A entrada na escola situa-se no início da terceira infância, a que começa na idade dos sete anos e se manifesta pelo aparecimento de tendências e aptidões novas. O meio escolar, inteiramente novo para a criança — mesmo se ela frequentou a escola infantil — utiliza estas novas aptidões, favorecendo o seu desabrochamento. Daqui em diante, o escolar passará mais horas na escola do que em casa. A entrada na escola representa uma ruptura com o meio familiar, onde até aí a criança tinha ocupado um lugar privilegiado. A escola é, pois, para ela, uma fonte de experiências novas, ricas de ensinamentos, que devem ser consideradas, pela mesma razão, juntamente com a assimilação das matérias escolares.

● UMA VIDA NOVA — Desde o primeiro dia desde as primeiras horas, a criança estabelece contacto com um mundo novo, que vai ser o seu durante longos anos. Este dia, cheio de emoções, marca uma data importante na vida da criança. Compete aos pais prepará-la para esta importante mudança, e dar-lhe vontade de ir á escola, e não fazê-la ter medo desta primeira etapa, que deverá ser transposta com alegria e não com ansiedade, qualquer que seja a natureza da criança. E isso depende de nós. Mesmo se a alegria domina, é muito natural uma certa apreensão no primeiro dia de aula, quando a criança vai confrontar com a realidade a ideia que tinha feito desta nova vida, quando se encontra de repente entregue a si mesma, em face das suas próprias responsabilidades.

● COMO EVITAR A AVERSÃO À ESCOLA — Muitos pais, sem disso darem conta, deixam escapar frases desajeitadas, que infelizmente se gravam no espírito da criança. Em certos casos, tais palavras podem fazer nascer uma aversão á escola, e ser a causa de uma má adaptação.

Não diga, se se cansar com uma criança turbulenta, que a vai «pôr na escola para ter sossego»; nem lhe assegure que «a escola a castigará», que lhe «fará bem ser atarraxada», etc. A criança, assim ameaçada, imagina uma escola-prisão, sanção das crianças ruins Se bem que não cheguem á ameaça, muitos pais exprimem o seu desejo de ver o filho na escola para estarem livres da sua vigilância uma parte do dia; e a criança pensa então no dia em que a mãe a leva á escola, em que se vai ver livre dela, em que a expulsa, em resumo, do lar familiar. Assim, concebe-se fácilmente que a criança não possa transpor com alegria, na primeira manhã, o limiar do edifício escolar.

É preciso, pelo contrário que a escola represente para a criança uma consagração, o resultado de uma evolução, no fim da qual a criança que cresceu e se portou bem, pode enfim contar-se entre os grandes, aos quais o professor (ou a professora) revelará um grande número de coisas novas. Se a criança encara com pavor o ir á escola, é evidente que terá muitas oportunidades para mostrar o seu desespero, a não ser que tenha já tomado o hábito de ocultar os seus sentimentos, o que é pior!

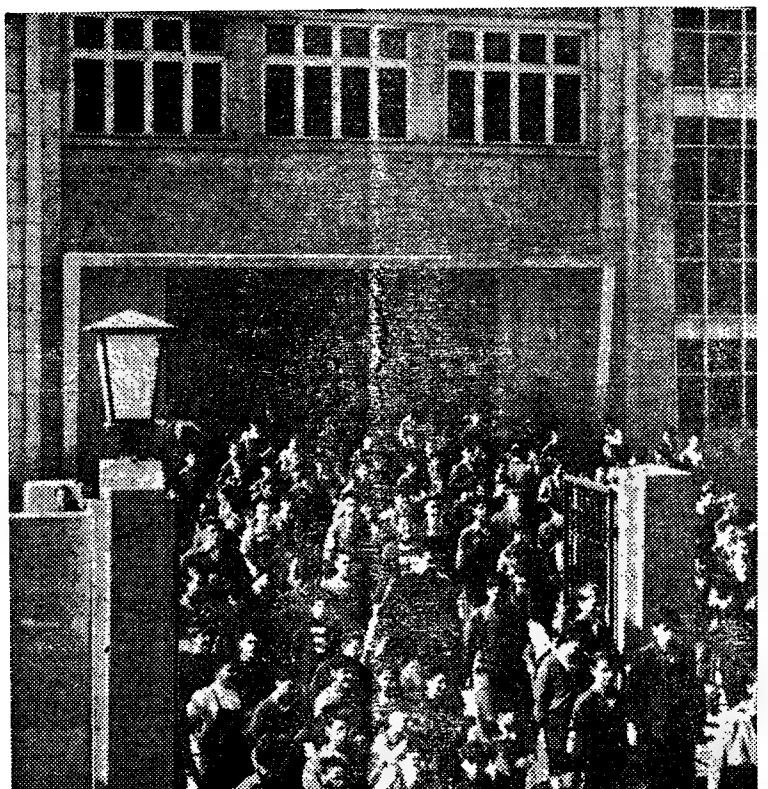
Mas acontece, por vezes, que a criança, embora feliz por ir para a aula, não resiste, no momento da separação, a verter algumas lágrimas. Em grande parte, sois disso responsáveis. Sem dúvida, mostrastes-lhes a vossa emoção; talvez tivésseis dito: «meu queridinho, toma cuidado não vás ter frio», «meu queridinho, como vou estar triste sem ti». Abraçaste-lo contra o peito, como se ele vos deixasse para sempre.

Deveis, pelo contrário, mostrar-vos alegre e confiante, feliz por causa dela, e facilitareis assim a sua adaptação á nova vida, e por consequência o seu futuro êxito escolar.

Quando chegardes do trabalho, ou quando a encontrardes á tarde em casa, interessai-vos pelos seus relatos escolares. O primeiro dia, sobretudo, é rico de impressões novas: são os mais velhos que tomam um ar de superioridade, os edifícios com os seus bancos alinhados, tão diferentes das salas da escola infantil com o seu cunho de arranjo, é o professor que o coloca na fila e lhe exige atenção e o sossega. O estudante ficará orgulhoso de vos dar conta das suas observações. Escutai-o com um pouco de admiração.

Se o vosso filho, no decurso da sua escolaridade, é levado a mudar de escola, é ainda a mesma atitude de amparo confiante e de interesse

(Continua na 18.ª página)



Tocou para o intervalo... Uns minutos de alegre descontracção

O ministro do Interior visita amanhã Vila Nova de Famalicão

O titular da pasta do Interior, sr. dr. Santos Junior, visita amanhã o concelho de Vila Nova de Famalicão, onde inaugurará diversos melhoramentos. Ás 10 e 30, no salão nobre dos Paços do Concelho, efectuar-se-á uma sessão solene de boas-vindas, seguida de apresentação de cumprimentos das autoridades concelhias áquele membro do Governo.

Comissão dos Explosivos

A folha oficial publicou noje a lista de antiguidades do pessoal do quadro permanente da Comissão dos Explosivos.

A política s

tem de
na polít

— reconheceu-se hoje na reunião da Confederação da Agricultura

No momento em que a agricultura europeia se debate com graves problemas, para os quais se procura solução eficiente, reveste-se, na verdade, da maior importancia a XVIII Assembleia Geral da Confederação Europeia de Agricultura (C. E. A.), agora reunida em Lisboa.

Hoje de manhã, a 1.ª Comissão (Politica Agrária e Economia Rural), presidida pelo prof. L. Prault, iniciou os seus trabalhos com a leitura da comunicação feita pelo prof. G. Bublot (Bélgica), subordinada ao tema — «A área agrícola util nos países da Europa. A sua evolução desde 1948. A área agrícola util por pessoa activa agrícola em 1964 nos países da Europa e nos países do Ultramar exportadores mundiais de produtos agrícolas».

Seguidamente, foram aprovadas as resoluções sobre o relatório n.º 10 — «A incidência da evolução relativa dos preços de venda dos produtos agrícolas e dos preços de compra dos meios de produção agrícola sobre o nível dos rendimentos agrícolas», do dr. A. Petters (Alemanha), e ontem discutido com grande interesse.

Por ultimo, a Comissão ocupou-se da designação dos assuntos, relatores e autores a propor ao «comité» director para serem incluídos na sua ordem do dia, quando da assembleia geral de 1967.

A política social faz parte integrante da política agrícola

As 3.ª e 4.ª Comissões (Cooperação, Mutualidade e Crédito Agrícola, e Sociologia Rural, Família Rural e Economia Doméstica), respectivamente sob a presidência do dr. Pierre Ludwig (Luxemburgo) e conde dr. Leopold von der Schulenburg (Alemanha), tiveram uma reunião conjunta. Foi apreciado o relatório do sr. A. Bonjean (França) sobre «A protecção social da família rural nos países europeus».

— A política social — afirmou o orador — faz parte integrante da

política
os Est
tante
ta-se,
vés de
vital a
contra
vorecid
popula

Por
restal),
senber
mento
«O pr
pelo f
pectos
co», d
(Alema

A c

Da
em ses
6.ª Co
da agr
lidade
e outr

Na 2
relatór
nha),
condiç
métodos

— A
terreno
levadas
dos se
ponto
o pont

«Os p
nar a
o

Na 3
sob a
Ludwig
cutidos
mentos
vas ag
ções»,
e «O f
das coo
ção do
sect
vertical
José A

Disse
— Qu
cados
zação
os prod
domina
-lhe a
oferta
ternos

O seg
— Nã
nível t
a sua
ternaci
tanto a
tação
culação

E air
— Pa
maiores
agrícola
gração
dada a
mercial
project
ser ass
portáve

A

Depo
do dr.
versou
na nor
fruta e
comuni
bão (P
dução
trinos
mediter

— A
países
uma
corresp
ção su
produçã
tende
que se
rior á
1951-55
para 21
30 % p
mundia

Os tr
guem
F. I. L

Esco

Uma
manda
marinas
versas
ções, re
do resp
Regular
ticas de

Crédito para reforço do Fundo Especial de Transportes Terrestres

Foi aberto no Ministério das Finanças, a favor do Ministério das Comunicações, um crédito especial da importancia de 30 300 contos, destinado a reforçar uma dotação inscrita no capítulo Fundo Especial de Transportes Terrestres.

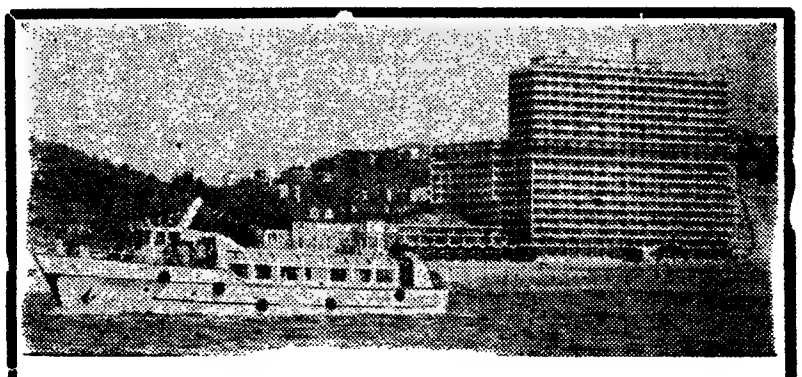
As contas públicas

A conta publica provisória dos meses de Janeiro a Julho do ano corente acusa um saldo, para o mês seguinte, de 4 340 849 contos e um excesso das receitas sobre as despesas orçamentais de 2 180 000 contos.

NA SAPATARIA
ZEBÚ
NÃO PAGA LUXO...
PAGA SÓ QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO, 51

OURO EM 2.ª MÃO
só pelo peso — Grande sortido
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 324564

ROBBIALAC
todos sabem o que é
Alhambra
é um esmalte
Robbialac



PASSEIOS TURÍSTICOS
NO BARCO «ESTORIL-SOL»
LISBOA-CASCAIS-LISBOA
DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
Partida às 9 e 45 do TERREIRO DO PAÇO
(Pontão dos Cacilheiros)
PREÇO — 60$00

«UMA HORA NO TEJO»
(LISBOA VISTA DO RIO)
TERÇAS, QUINTAS-FEIRAS E SABADOS
10.10-11.20-14.50-16-17.10
DOMINGOS QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
14.50-16-17.10
Partidas do Terreiro do Paço (Pontão dos Cacilheiros)
PREÇO — 25$00
INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — Telef. 26 07 30

ca social

tem de integrar-se na política agrícola

hoje

política agrícola, desempenhando os Estados em questão, um importante papel no sector social. Trata-se, com efeito, de garantir, através de medidas sociais, um mínimo vital aos agricultores que se encontram numa situação menos favorecida, em relação ao sector da população.

Por sua vez, a 5.ª (Comissão Florestal), presidida pelo conde Rosenberg (Austria), tomou conhecimento da comunicação intitulada «O problema dos danos causados pelo fumo, especialmente nos aspectos técnico, jurídico e biológico», dos drs. Wenzel e Schalburg (Alemanha).

A colaboração dos serviços públicos

Da parte da tarde reuniram-se, em sessões separadas, as 2.ª, 3.ª e 6.ª Comissões (Problemas técnicos da agricultura, Cooperação, mutualidade e crédito e Frutas, legumes e outras culturas especiais).

Na 2.ª Comissão, foi apreciado o relatório do dr. Schieders (Alemanha), intitulado «A adaptação das condições pedológicas aos novos métodos de utilização do solo».

— A adaptação das condições do terreno — disse — não podem ser levadas a cabo sem a colaboração dos serviços publicos, quer sob o ponto de vista financeiro, quer sob o ponto de vista administrativo.

«Os produtores devem dominar a produção e controlar a oferta e a procura...»

Na 3.ª Comissão, que se reuniu sob a presidência do dr. Pierre Ludwig (Luxemburgo), foram discutidos dois relatórios: «Agrupamentos de produtores e cooperativas agrícolas, seus deveres e funções», do sr. L. Perrin (França), e «O financiamento a longo prazo das cooperativas agrícolas em função do desenvolvimento moderno do sector comercial — integração vertical e horizontal», do eng.º José A. de Gordoa (Espanha).

Disse o primeiro:

— Quanto á organização dos mercados agrícolas, se a sua regularização requer uma acção publica, os produtores devem, por sua vez, dominar a produção, melhorando-lhe a qualidade, controlando a oferta e procurando mercados internos e externos.

O segundo congressista afirmou:

— Não basta uma integração ao nível territorial E' necessário que a sua projecção tenha carácter internacional, de molde a evitar que tanto a importação como a exportação sejam afectadas pela especulação.

E ainda:

— Para assegurar ao produtor as maiores vantagens, as cooperativas agrícolas devem proceder á integração de sectores especializados, dada a diferença de fases da comercialização. Sob esse aspecto, os projectos á escala europeia devem ser assegurados em condições suportáveis de financiamento.

A primeira comunicação portuguesa

Depois de discutido o relatório do dr. G. Margotti (Itália), o qual versou os «Progressos realizados na normalização da qualidade da fruta e legumes», apresentou uma comunicação o sr. eng.º Cortês Lobão (Portugal), intitulada «A produção de frutas e legumes (dos citrinos em particular) nos países mediterranicos».

— A fruticultura apresenta, nos países mediterranicos — disse —, uma posição de alto destaque, correspondendo hoje a uma produção superior a 40 por cento da produção mundial. Esta produção tende a crescer, crescimento este que se procura a uma taxa superior á do resto do Mundo: entre 1951-55 e 1963-64, passou de 11 para 21 milhões de toneladas, e de 30 % para mais de 40 da produção mundial.

Os trabalhos da C. E. A. prosseguem amanhã nos pavilhões da F. I. L.

Escolas de Práticas de Agricultura

Uma portaria hoje publicada manda aplicar ás províncias ultramarinas, uma vez observadas diversas alterações, várias disposições, respeitantes ao recrutamento do respectivo pessoal docente, o Regulamento das Escolas de Práticas de Agricultura.

Oficiais dos Estados-Maiores de Portugal e da Espanha ouvem a primeira exposição do comandante-chefe português, general Amaro Romão

Tropas portuguesas e espanholas tomaram posições defensivas na região do Crato

(Continuação da 1.ª página)

nhóis confraternizaram no melhor convívio.

Numa ampla tenda de campanha, são servidas as refeições aos oficiais do posto de comando, confeccionadas nas cozinhas militares.

Franca e animada foi também a confraternização entre os soldados dos dois países através dos acampamentos.

Não se pode dizer, evidentemente, que as populações tenham participado dessa confraternização, mas, pelo menos, deram um certo colorido ao ambiente, com a sua presença estática, mas interessada, ao longo das bermas destas estradas, agora encharcadas, mas não lamacentas.

● Os espanhóis cantavam ao atravessar a fronteira

Os soldados que vi atravessar a fronteira, cantavam e acenavam ao passar nas povoações, a caminho dos acampamentos. Riam, alegres, como todos os soldados dos países em paz. Sorrisos e acenos foram as armas utilizadas para «conquistar» as povoações silenciosas que atravessaram, a caminho do acampamento, quando os vi passar por entre camponeses e oliveiras...

● Preparam-se em Espanha festejos para receber os soldados portugueses

A notícia foi-nos dada, do outro lado da fronteira: Valência de Alcantara prepara-se para receber «em grande» os militares portugueses que participam no «Exército Salado», e que, no desenvolvimento da operação, vão intenar-se em território espanhol na próxima semana.

No domingo, além de uma tourada dedicada aos militares portugueses, haverá concertos publicos, verbenas e bailes populares.

Lá, como cá, também se preparam «bolsas de resistência»: as moças tomam posições a fim de resistir aos «pés de alferes»...

20.000 contos para novas obras na Sociedade do Revuè

Tendo a Sociedade Hidroeléctrica do Revuè, com sede em Lisboa, requerido autorização para emitir um empréstimo obrigacionista no montante de 20 000 contos para ocorrer ás despesas com as obras de ampliação do seu empreendimento da Chicamba pela construção de uma nova central de pé de barragem, foi publicado um decreto que autoriza aquela sociedade a emitir, na província de Moçambique, 20 000 obrigações do valor nominal de mil escudos, cada uma, ao juro de 5 por cento ao ano.

O mesmo diploma autoriza a província ultramarina de Moçambique a subscrever a totalidade do empréstimo emitido.

Confessou o crime o assassino do proprietário de São Gregório

Mantém-se a prisão de outro indivíduo por suspeita de cumplicidade

CALDAS DA RAINHA, 27 — Prosseguem as investigações para completo esclarecimento das circunstancias em que foi assassinado o sr. Simão Adelino, de 57 anos, residente em São Gregório, que, conforme noticiámos, foi morto por estrangulamento. Após várias diligências, o sr. tenente Pascoal Pires, comandante da secção da G. N. R. deste cidade, conseguiu apurar que foi o Francisco António Guilherme, mais conhecido pelo «Muchila», de 67 anos, também proprietário em São Gregório, que o assassinou. No entanto, o oficial investigador suspeita de que o «Muchila» teve cumplices.

Foi hoje enviado ao tribunal o Francisco Guilherme, que confessou ser o autor do crime, e Abel Jacinto de Oliveira, este por incidir sobre ele fortes suspeitas de ter colaborado no crime.

Foi hoje preso o homem de Tabuaço que alvejou a mulher a tiro

PORTO, 27.

Esta manhã, uma patrulha da G. N. R. de S. João da Pesqueira, alertada pela sua congénere de Tabuaço, dirigiu-se á freguesia de Ervedosa do Douro, ao lugar do Rompimento, no encalço de Joaquim Augusto Risca, de 39 anos, jornaleiro, que, como ontem noticiámos, alvejou, a tiro de espingarda caçadeira, a esposa, sr.ª D. Alcina Preciosa da Silva, de 32 anos, residentes na freguesia da Granjinha, em Tabuaço. O Risca, após o seu tresloucado acto, pusera-se em fuga, sendo activamente procurado pelas autoridades

A patrulha da G. N. R., mal chegou ao lugar do Rompimento, indagou junto de familiares do Risca do seu paradeiro, indo encontrá-lo, depois, escondido, numa casa próxima. No momento da captura, o criminoso deu sumiço á espingarda caçadeira, a qual não foi encontrada. O preso foi então remetido á G. N. R. de Tabuaço, para interrogatório, a fim de lhe ser instaurado o competente processo de homicídio frustrado.

A sr.ª D. Alcina Preciosa da Silva, que sofreu graves ferimentos no pescoço e na cabeça, continua internada no Hospital de Santo António, em estado bastante melindroso.

A Arte Manuelina foi o tema da palestra do arq. António Aurélio no Rotary Clube

A reunião de hoje, do Rotary Clube de Lisboa, no Hotel Tivoli, presidiu o dr. Carlos Elias da Costa, secretariado pelo dr. Almeida Ribeiro, com o protocolo a cargo do eng.º Severo Cunha

O arq. António Aurélio, sócio do clube, apresentou o seu trabalho «A Arte Manuelina», que é uma montagem fotográfica sonorizada, concebida para divulgar aquele período da arte portuguesa, em alguns clubes rotários franceses.

Na introdução, fez um breve resumo da história de Portugal, desde a fundação da nacionalidade até á época das descobertas. Depois, á medida que se sucedem as fotografias da também chamada «arte das descobertas», captadas em Lisboa, Setubal, Évora, Viana do Alentejo, Caldas da Rainha, Tomar, Batalha, Alcobaça, etc., o autor procura definir a sua essência afirmando que «tem-se tentado caracterizar a arte manuelina na crença de que basta a identificação de alguns elementos decorativos típicos para o conseguir».

A pintura, a iluminura e a ourivesaria do século XVI são também apresentadas numa ilustração da febril actividade dos artistas portugueses do reinado de D. Manuel. Assiste-se depois a uma descrição mais pormenorizada dos monumentos manuelinos fundamentais: o Convento de Cristo, as capelas imperfeitas, o mosteiro dos Jerónimos e a torre de Belém.

Claudia Cardinalle defende-se: — Não difamei os italianos de 40 anos

MILÃO, 27 — (F.P.) — A actriz italiana Cláudia Cardinale publica hoje no «Tempo» um artigo, intitulado «Não difamei os italianos de 40 anos», no qual responde ás declarações que lhe atribuiu um jornalista americano.

O jornalista escreveu que a actriz lhe tinha dito: «Aos quarenta anos, os homens italianos estão acabados». Em resposta, Cláudia Cardinale afirma hoje no seu artigo: «Eu pertenceria realmente a uma categoria muito estranha de actrizes se procurasse valorizar-me junto dos americanos descontentando os italianos. Estes representam o meu público e são eles quem me têm apoiado na minha carreira».

Juramento de bandeira no Campo de Tiro da serra da Carregueira

Depois de amanhã, no Campo de Tiro da Serra da Carregueira, efectua-se a cerimónia do juramento dos recrutas da 3.ª escola do presente ano. A cerimónia principia ás 9 e 45 e inclui demonstrações desportivo-militares e distribuição de prémios.

Colunas de camiões com tropas atravessam os povoados a caminho das zonas de operações

ZEBÚ

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade

GRANDE OURIVESARIA DA MOD

RUA DA PRATA, 257

ZEBÚ

DIÁRIO DE EVA

CONFLITOS CONJUGAIS — 2

TRÊS FORMAS DE EVOLUÇÃO

por GEORGETTE GABEY

Num primeiro grupo revela-se uma exagerada agressividade de parte a parte dos cônjuges. Os incidentes da vida quotidiana multiplicam os atritos. A idealização atenuou-se ao descobrir o «egoísmo» do outro e reagem contra isso. Em que se transforma este lar? De qualquer maneira um casal é infeliz se a coabitação obrigatória é sentida por cada um como imposta pelo outro ou as circunstâncias.

No segundo grupo, o lar protege-se contra o rico do desinteresse. O grupo familar fecha-se obre si próprio, isola-se. Em suma, «encerram o lobo no redil». O casal envelhece depressa e paraliza-se em atitudes idênticas repartidas. Nesta atmosfera, o desenvolvimento pessoal é reduzido. Se a criança tem aí acesso é para se opor a este *falso* equilíbrio familiar.

No terceiro grupo encontra-se o grande numero daqueles que penetram activamente na vida social e recusam a destruição progressiva. A crise rebenta, então, seguida de vivas reacções. As máscaras caem, é a hora da verdade. Uma importante maturação pode produzir-se, fazer-se uma nova síntese, estabelever-se novos liames. Mas o perigo para este tipo de casal será precisamente acreditar que o problema fica, enfim, resolvido, porque o equilíbrio jamais se conquista definitivamente, a construção nunca acaba.

Assim, de crise em crise evolui o lar que não deve jamais adormecer numa ilusória quietude onde cada um acredita ter uma vez por todas «tomado posse» do outro.

O verdadeiro diálogo á base de pensamentos partilhados e também de certos silêncios é com efeito o elemento primordial vivo e construtivo do casal. Num recente ensaio, acques de Bourbon-Busset, escrevia: «No verdadeiro amor, o amplexo é conversação e a conversação é amplexo». Esta feliz fórmula parece-me resumir bem o ponto de vista primorosamente desenvolvido pelo dr. Lemaire e Evelyne Lemaire-Arnaud acerca da base de experiências de que eles foram testemunhas e de estudos científicos. O segundo elemento de êxito do casal repousa no seu contacto com o mundo exterior, na sua fecundidade, que não se traduz unicamente pela procriação.

Em certos meios, no século XIX, só se chamava o médico na ultima fase da doença; na nossa sociedade, comportam-se da mesma maneira em comparação com a célula familiar. Fecham os olhos sobre os desentendimentos originais e os sinais que precedem a corrida para o divórcio, no momento em que seria ainda possível ajudar o casal em dificuldades a compreender o que se passa, a descobrir um acordo ou uma separação momentanea para ver mais claro. Não há um remédio chave para todos. Cada casal deve encontrar uma solução á sua medida. Segundo o dr. Lemaire, a modificação voluntária ou espontanea da atitude de um dos cônjuges repercute profundamente no outro. É por isso que a acção de um conselheiro conjugal qualificado junto de um dos cônjuges pode ter uma influência considerável no outro, aquele que não vem ou não quer vir.

A SEGUIR: «A intuição da criança».

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

Os cravos, que embarateceram, merecem especial atenção á florista do Mercado de Campo de Ourique

Bailado moderno dirigido pela prof.ª Vera Varella Cid

Desde há muito tempo que em Portugal se vem sentindo entre grande numero de jóvens o desejo de aprender as novas formas de expressão e as actuais correntes estéticas do bailado moderno.

Por esse motivo, a prof.ª Luna Andermatt abre este ano na sua escola particular uma sessão daquela especialidade, dirigida pela unica bailarina portuguesa formada neste ramo.

Com efeito, Vera Varella Cid durante anos seguidos trabalhou em Londres e Paris, e além de sólida preparação clássica possui uma enorme experiência de bailado moderno adquirida através de um estudo profundo que lhe permitiu correr vários países da Europa e América, dançando em companhias da especialidade.

Raparigas e rapazes desde a idade dos 10 anos, têm agora, a partir do dia 10 de Outubro, a possibilidade de aprenderem e se formarem, com bases seguras, nesta outra modalidade do bailado dos nossos dias.

Todas as informações são prestadas pelos telefones 750507 ou 661000.

MANHÃ NA PRAÇA

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS DE LISBOA

Manhã cedinho espreitámos pelos vidros da janela e sentimos um arrepio. Lá fora, um Inverno antecipado mostrava um cariz cerrado, ameaçador. Como é bom acordar com o sol a bater nas vidraças das janelas a dar-nos um alegre bom dia! Se não tivéssemos o relógio á cabeceira da cama bem nos teríamos virado para o outro lado e prosseguido no sono. Eram sete e meia e pareciam cinco da manhã.

Estávamos arranjadas para sair, de sacos na mão, para fazermos as nossas provisões semanais que destináramos ser no mercado de Campo de Ourique, quando a chuva desatou a cair, violenta, numa continuidade que parecia não ter fim.

«E logo hoje!» — ruminámos. Andamos a cirandar, de um lado para o outro, a fazer tempo, a dar oportunidade a que a chuva parasse e nos permitisse cumprir as nossas tarefas de dona de casa, sem apanharmos uma valente molha e o respectivo resfriado. Surgiu uma aberta... Lá nos aventurámos com a melhor das disposições que pudemos arranjar. O tempo, afinal, foi simpático. Fomos á praça e voltámos sem nos molhar.

«QUANDO O MEU FILHO VIER DA TROPA»

Durante a nossa corrida pelas bancas ouvimos conversas que, quando achamos de interesse, registamos. Foi o que aconteceu no lugar de hortaliça. A vendedora dizia para a vizinha do lado:

— Quando o meu filho vier da tropa largo isto!

— Não diga isso! — respondeu-lhe a outra.

— Não digo? — volveu a primeira — Assim como assim já cá estou há 30 anos e não ganhei fortuna. Posso ganhar a minha vida a lavar roupa. Desde que faça 5$00 por dia já me chega...

E depois sucederam-se uma série de lamurias, que estava tudo muito caro, que não se ganhava nada, que ainda ontem comprara um molho de nabiças por 10$00 e acabara por vender por 9$00 para não se estragar, etc., etc.

Foi a ela que escolhemos para nos informar dos preços daqueles produtos que não compravamos. Em conclusão, soubemos que o quilo do tomate estava a 2$00 e 2$50 — ainda no domingo se compravam nas Caldas da Rainha 4 quilos por 3$00, isto é, a menos de 1$00 o quilo; o feijão verde, a 9$00; a cenoura, a 2$50; os pimentos, a 4$00 o pepino, a 5$00; e a cebola, a 3$00. O pé de alface estava a 1$00 e a 1$50; a talhada de abóbora, a 2$00; a unidade da beringela, de 1$00 a 1$50. O molho da beterraba vendia-o a 3$50; o dos grelos, 7$00; dos espinafres, 6$00; das nabiças, 6$00; e dos rabanetes, de 1$00 a 4$00. A couve lombarda estava de 1$00 a 3$00; e os nabos, conforme o tamanho, de $50 a 1$50; a couve-flor, a 2$00 e 5$00; e a couve portuguesa, de $50 a 2$50.

PEIXE E ALGUNS MARISCOS

A pescadinha estava a 11$70 e 13$50; a pescada grande, de 30$00 a 33$00; o robalinho e o robalo a 28$00; os linguados, a 58$00; os salmonetes, a 66$00; o pargo, a 29$80 o safio, a 17$00; as fanecas, a 12$00; a moreia, a 11$00; o peixe-espada, a 12$00; o goraz a 22$00; o tamboril, a 12$00; a sardinha, a 8$90; o chicharro, a 5$00; o carapau, a 5$00; e a xaputa a 8$60. Quanto ás lulas estavam a 26$00; os chocos, a 23$70; os lagostins, a 46$00; a conquilha, a 8$00; o berbigão, a 3$50 e ameijoa, a 24$00.

BASTANTE FRUTA... A APODRECER

— Porque é que a fruta apodrece agora rápidamente? — perguntámos a vários vendedores.

Encolhiam os ombros. Não percebem.

— Ainda mal começou o dia — observou-me um — e veja já a fruta que tive de retirar.

E outra vendedeira, com uma grossa volta de ouro ao pescoço, lamentou-se:

— Vendo o marmelo a 5$20. Como deve saber comprei-o a 4$00. Veja o que tirei podre e agora diga-me se isto é vida, Está tudo a estragar-se e tenho um filho para criar, sem o pai mandar nada...

Não quis ir longe de mais. Não perguntei se o pai estava fora, embora a visse na disposição de me contar a sua vida toda. Que é difícil a vida já todos nós sabemos, mas como já dizia uma certa velhota que vendia nas feiras, mais vale ter um negócio nem que seja de bugalhos do que estar empregado.

Vimos marmelo numa outra banca a 3$30, mas todo tocado; o pêro estava a 5$20 e 6$50; o pêro bravo de esmolfe, a 6$50: os figos, a 5$00; a maçã reineta, a 11$70 e pequena, com mau aspecto, a 6$00 e 8$00; a pêra, a 13$50; a laranja, a 11$70 e 13$00; as tangeras, a 7$00; as uvas, a 4$50 e 6$00; as romãs a 3$90; quanto ás bananas vimo-las a vários preços: as melhores a 8$00 e 9$80. Acerca das bananas, a quem a vendedora pediu 9$80 por um quilo, retorquiu uma freguesa:

— A 9$80? Ainda ontem comprei a 7$00 e eram muito boas?

E a vendedora:

— Eram de Cabo Verde?

Muito descontraída, naquele á-vontade de quem está habituada a regatear e a levar a melhor com as vendedoras, a freguesa replicou:

— Sei lá se eram de Cabo Verde! Não as vi nascer!

CRIAÇÃO

No capítulo da criação registámos os seguintes preços: galinha limpa, 31$00, morta, 26$00, e viva, 22$00; preços que eram idênticos ao dos frangos nas mesmas circunstancias. O coelho vivo estava a 23$00, e limpo, a 36$00; e os borrachos, de 9$00 a 10$00. No respeitante aos ovos verificámos os seguintes preços: 13$50, 14$50, 15$50 e 16$50.

FLORES

Resta anotar os preços das flores que não eram muitas, mas também não eram muito caras: a duzia dos cravos, vendia-se de 7$50 a 20$00; a das dálias, de 5$00 a 15$00; o molho fazendeiro das sécias, de 12$50 a 15$00; e o das hortênsias, 10$00.

DONA DA CASA

PRÉDIO
NA CRUZ QUEBRADA
Junto aos transportes, construção e acabamentos modernos, composto de 4 pisos com 4 casas soalhadas, cozinha, despensa, roupeiro, 2 casas de banho e hall. Rende 160.800$00. Preço 2.250 contos. Facilita-se parte.
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3 - 2.º — Telef. 369384/5/6

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

CORAIS FÓSSEIS

CALENDÁRIO DA TERRA

por Colin T. Scrutton

do Departamento de Paleontologia

do Museu Britânico (História Natural)

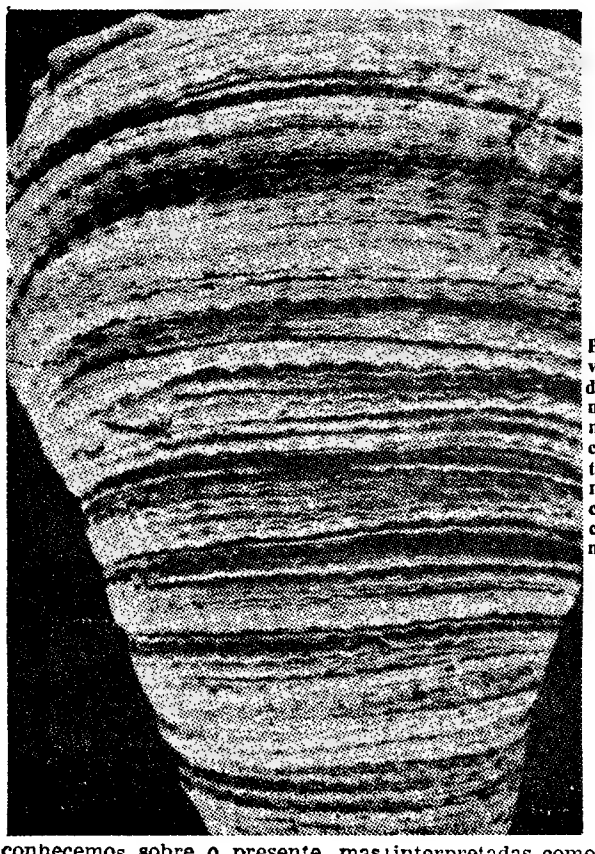
Trabalhos recentes sugerem que os corais fósseis contêm um registo dos seus ritmos diários, tais como as árvores, em climas temperados, mostram zonas de crescimento diferentes de Verão e de Inverno. Estes novos «calendarios» poderão ser de grande importância no esclarecimento da história da Terra.

São bem conhecidos os efeitos de ritmos naturais em plantas e animais. Em climas temperados as árvores mostram zonas de crescimento diferentes no Verão e no Inverno formando anéis anuais. Também os cornos dos carneiros, as conchas de alguns bivalves e as escamas de peixes mostram zonas de crescimento anuais, e descobriram-se recentemente camadas de crescimento diário no exoesqueleto de gafanhotos.

*

Os reflexos de ciclos de crescimento anuais, ou diários, nas partes duras de animais, ou plantas, permitem determinar a sua idade ou taxa de crescimento, mas nada nos dizem sobre as unidades de tempo registadas.

Para se ter informações sobre este aspecto, é necessário que os efeitos dos ritmos naturais correspondentes a uma ou mais unidades de tempo — o dia, quinzena, mês ou ano — sejam registados no mesmo tecido. Quando isto acontece, uma simples contagem pode permitir a determinação dos dias por ano, dias por mês e assim por diante. Os tecidos ou o esqueleto transformam-se, com efeito, num calendário. Tais resultados pouco nos podem acrescentar ao que já



Parte da face convexa dum coral do devónico médio, mostrando, distintamente, as diferentes camadas sobrepostas. O especímen mostra 13 bandas e cada banda tem cerca de 30,85 camadas. Ampliação: 70 vezes

conhecemos sobre o presente, mas poder-nos-ão dizer algo sobre o passado remoto. Poderão os fósseis animais ou plantas reflectir unidades de tempo e constituir um calendário para a Terra de há milhões de anos?

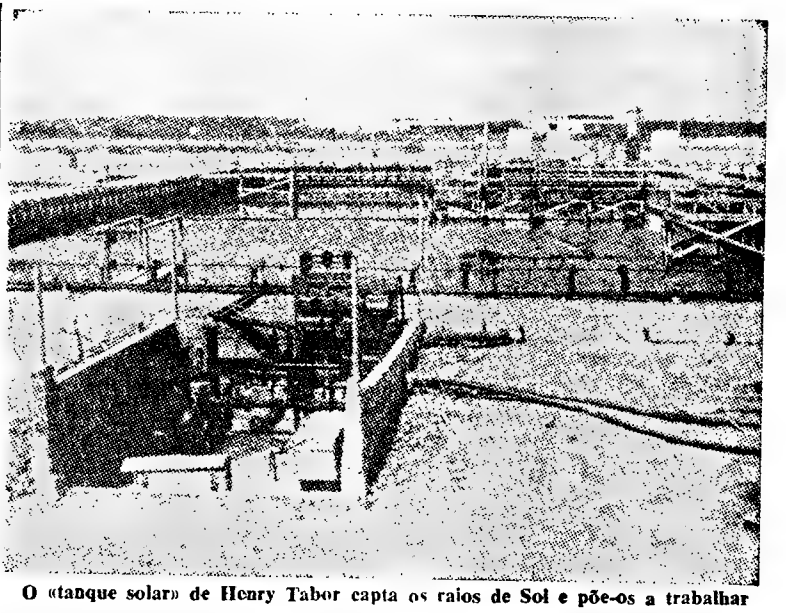
Trabalhos recentes sobre corais fósseis sugerem que isto poderá ser possível. Os corais — *Rugosa, Tobulata* e *Sclerectinia* — possuem um esqueleto externo de carbonato de cálcio com um modo de crescimento activo. Na maior parte dos casos envolvendo o esqueleto, existe um forro fino, a epiteca, convexa, estriada, azulada e constringida paralelamente com o seu modo de crescimento. Especialmente, nos ultimos anos, tem-se investigado o significado do crescimento por tempo, destas características da epiteca.

É num trabalho de R. P. Whitfield, de 1898, que encontramos a primeira referência á periodicidade do crescimento dos corais, descrevendo amplas e regulares ondulações da parte exterior de *Acropora palmata*, um coral das Bahamas. Whitfield interpretou estas ondulações como ciclos anuais de crescimento, formados devido a variações da temperatura da água entre os meses de Inverno e Verão. A ultima comparação das taxas de crescimento, determinada experimentalmente a partir das obtidas com a medição da distancia entre as ondulações em espécies iguais duma mesma região, mostrou que as duas medições eram muito semelhantes. Também T. Y. H. Mathew deduziu grande numero de evidências circunstanciais de apoio tanto á natureza anual das ondulações como á sua relação com as variações da temperatura da água. Infelizmente, contudo, um teste experimental directo destas relações ainda não foi realizado.

As anulações do bordo, observadas frequentemente nos corais fósseis têm sido semelhantemente interpretadas como um testemunho de crescimento anual. Em analogia com as ondulações dos corais recentes, essa conclusão parece ser razoável. T. Y. H. Mathew foi desta opinião e utilizou as anulações dos corais fósseis e as variações internas com elas correlacionadas para determinar as temperaturas relativas da água e, através destas, as posições do Equador nos vários sistemas geológicos. Apesar de se poder duvidar do alcance dos resultados, a hipótese básica de que é possível determinar o crescimento nos corais fósseis, relativo a um ano, parece relativamente verosímil.

Além da preservação dos esqueletos dos corais ser suficientemente boa, ténues dobras de crescimento podem ser observadas na epiteca paralelamente á zona de início de

(Continua na 18.ª página)



O «tanque solar» de Henry Tabor capta os raios de Sol e põe-os a trabalhar

Aproveitamento da energia solar

Uma experiência em Israel

artigo de RITCHIE CALDER

O «tanque solar» do dr. Henry Tabor suscitou muito interesse na conferência das Nações Unidas sobre «As novas fontes de energia», realizada em Roma, e na conferência da U. N. E. S. C. O. sobre «As regiões áridas», realizada em Paris.

O «tanque solar» é, de facto, um meio de captar os raios solares e de os pôr a trabalhar. De concepção engenhosa, teve origem numa sugestão feita pelo dr. Rudolph Bloch, mebro da Direcção dos Projectos do Mar Morto, em 1948. Actualmente, o «tanque» é o único acumulador de energia solar, com envergadura, que se revela rentável e prático.

Existe um lago fora do vulgar na Hungria, em que as águas profundas são mais quentes que as da superfície. Este facto é devido á acumulação e conservação do calor pelas águas profundas, enquanto que as da superfície perdem o calor para a atmosfera, por convecção, pela sua subida, e Bloch explicava este fenómeno pelas diferenças de densidade entre as águas profundas e de superfície, e daí o não se misturarem. A camada superior actua como um vidro transparente que deixa penetrar o calor solar impedindo, simultaneamente, a perda do calor por convecção, pois a camada que fixa o calor é mais densa. Ou seja, o caso contrário de uma cisterna de água quente, em que a água do fundo é mais fria, pois a aquecida fica menos densa e sobe á superfície. Se conseguirmos que a água do fundo seja mais densa, utilizando uma salmoura, e a água da superfície for constituída por água mais doce ou menos salgada, não haverá uma mistura, a menos que haja uma agitação permanente. Se se construir um tanque em que as águas do fundo são muito salgadas e as da superfície o são menos, podemos obter elevadas temperaturas no fundo, enquanto á superfície a água estará apenas morna.

Pode-se transformar esse calor em electricidade. Devido á sua grande capacidade de conservar o calor, o «tanque solar» pode, mesmo, fornecer energia de noite, mas terá de ser completado por um gerador capaz de responder, com rapidez, aos pedidos suplementares de corrente.

Os primeiros cálculos feitos demonstraram que um «tanque solar» de um quilómetro quadrado poderia produzir electricidade mais barata que a obtida por energia nuclear. Os cálculos posteriores não são tão optimistas, o preço do custo obtido por este meio é cerca de metade do preço da electricidade obtida pelo «tanque solar».

Um tanque solar poderia certamente fornecer a energia necessária á dessalinização da água do mar. O processo de dessalinização posto em prática em Israel é o de congelação da água salgada seguida de descongelação, na qual se liberta primeiro água doce, ficando assim separada dos sais que existiam em solução. A energia necessária para a congelação poderia ser fornecida pelo tanque solar. O problema mais difícil de resolver, pelo lado económico, é o da grande corrosividade da água salgada e daí o tanque ter de ser numa matéria resistente á corrosão ou então terá de ser substituído frequentemente. O metal mais indicado é o titânio, por enquanto caro. No entanto, o tanque poderá produzir sal mais barato que por qualquer outro sistema.

Eis uma das respostas a numerosos problemas que se põem aos países em vias de desenvolvimento, pobres em fontes de energia, mas dispondo de energia solar e de águas salgadas. Poderão assim produzir electricidade e o sal necessários á vida.

A BOMBA ATÓMICA FRANCESA E A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

O que há de mais grave na política nuclear francesa é a bomba atómica ser tomada apenas como «uma bomba um pouco mais aperfeiçoada», ou seja, «vendo-se» nela uma diferença quantitaviva e não qualitativa, menosprezando-se ou querendo ignorar, que é uma bomba infinitamente mais perigosa para o ser humano.

No entanto, na recente explosão atómica francesa no Pacífico, foi utilizada uma bomba do tipo que produz mais dejectos radioactivos e em que esses resíduos são projectados a maior distancia. A bomba usada tem uma potência intermédia entre a das bombas lançadas no Japão e a das modernas bombas de hidrogénio.

Militares franceses têm feito uma campanha a favor do armamento nuclear e alguns chegam a afirmar a inocuidade dos ensaios efectuados. Tais afirmações são perigosas, se tomadas a sério por uma opinião publica pouco esclarecida, e se emitidas de boa fé, mostrariam um imenso desconhecimento científico do problema. E' esquecer as denuncias do perigo nuclear feitas por Einstein, Niels Bohr e Oppenheimer, entre outros, os quais expuseram brilhantemente os perigos que daí podiam advir para a espécie humana.

Por outro lado, procura-se conquistar outros sectores da opinião publica (*), acenando-lhes com argumentos tais como o desenvolvimento da investigação científica e de técnicas novas, no decurso de investigações com fins militares e no seio de uma industria militar. Estes argumentos são fácilmente refutados. Assim, em França, a fábrica de Pierrelatte, por exemplo, já custou quinhentos mil milhões de francos e desta soma apenas cem mil milhões foram gastos em investigação, cuja programação tem, para além disso, partes bastante discutíveis.

Quanto á «mise-au-point» de técnicas novas, se as industrias militares se servem da electrónica, se necessitam de calculadoras, de metais especiais, etc., também as industrias para fins pacíficos necessitam, e estas desenvolverão as técnicas tanto mais quanto mais verbas lhes forem outorgadas.

Para além do perigo imediato, que poderá acontecer com verbas tão liberalmente dadas á industria nuclear militar, que levará a curto prazo a um abaixamento do custo do armamento atómico? Que acontecerá quando qualquer país puder ter a sua bomba? Temos de ter uma noção nítida do perigo nuclear e não aceitarmos justificações apressadas. — *R.*

(*) Segundo uma sondagem do Instituto Francês da Opinião Publica, efectuada em Julho de 1963, 37% dos franceses pensavam que a França devia possuir a sua própria força atómica. Em Abril de 1966, 46% dos franceses tinham essa mesma opinião. A progressão, perfeitamente nítida, vem duma redução sensível do numero de indecisos (12% em 1966 contra 25% em 1963).

CAMPANHA OCEANOGRÁFICA «HYDRATLANTE»

O navio oceanográfico francês «Jean Charcot», que no passado mês de Julho esteve em missão oceanográfica na Ilha da Madeira, partiu agora do porto de Brest para uma dupla campanha, denominada «Hydratlante», sob a direcção do engenheiro do Serviço Hidrográfico da Marinha Blavin. Este serviço pensa fazer, numa primeira missão, trabalhos de hidrologia acompanhados de pesquisas em acústica submarina dirigidas pelo director do laboratório de Brusc, Fonach. Em segundo lugar farão trabalhos hidrológicos associados á Biologia nos campos de microbiologia e planeton.

PEQUENO MAGAZINE

CURIOSIDADES

● Jaborandi: grandes suores

As folhas desta planta brasileira, rica em pilocarpina, devidamente preparadas, proporcionam grandes suores e por isso são empregadas contra a gripe, bronquites, etc. Mas no Brasil, utiliza-se externamente esta infusão como estimulante do crescimento do cabelo.

● Dentífrico à base de limão

Querem-no? Durante quinze dias, pôr de infusão vinte gramas de casca de limão fresca e dez gramas de casca de laranja. Juntar alguns cravos-da-índia. Filtrar depois de decorridos quinze dias — e adicionar um pouco de cochonilha para dar cor...

● Cuidado com os carrapatos!

O carrapato não é insecto, mas aracnídeo, e numerosas variedades se encontram em diferentes partes do mundo. Os mais importantes, do ponto de vista médico, são o duro (carrapato da madeira), de cabeça saliente, e mole (carrapato argazina) de cabeça oculta na barda do corpo. O carrapato da madeira e o seu parente chegado, são temíveis por várias razões: ao tentar-se arrancar do corpo do homem um carrapato, a cabeça desprende-se e o insecto fica no seu lugar, daí resultando uma ferida irritante... Atente-se que as mordeduras de carrapato nas crianças podem ser mortais, em virtude de darem origem a paralisias...

HÁ 30 ANOS

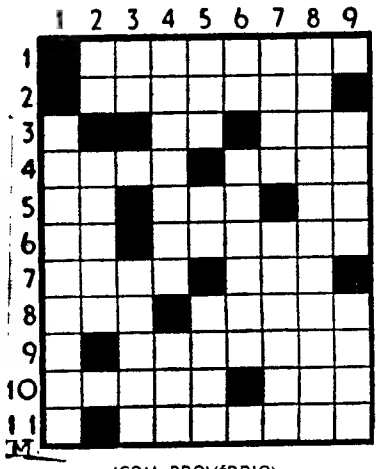
Em 27 de Setembro de 1936, o «Diário de Lisboa» era, em grande parte ocupado por noticiário da guerra de Espanha.

Estes títulos dão ideia da gravidade da situação no País vizinho:

«Bilbau continua a ser bombardeada. Foram lançadas sobre a cidade mais de cem bombas»; «A cidade de Córdova foi libertada»; «Toledo está prestes a cair em poder dos nacionalistas»; e «Os nacionalistas ás portas de Toledo».

SEM PALAVRAS

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4237

HORIZONTAIS: 1 — Assegurem. 2 — Nenhuma pessoa. 3 — A ti. Ofertar. 4 — Deseja. Boneca de trapos. 5 — Cidade da Caldeia (Mesopotâmia), pátria de Abraão. Indivisível. Pronome pessoal. 6 — A amada de Zéus, que Hera metamorfoseou em novilha (mitol.). Sugava. 7 — Permanece. Lista. 8 — Ente. Antigo. 9 — Irritar. 10 — Equipei. Pertencia 11 — Atam.

VERTICAIS: 1 — Anuam. 2 — Prefixo de privação. Nome comum às doenças das vias urinárias. 3 — Nome de letra grega. Oscile. 4 — Metediça. Também não. 5 — Actua. Laço. Tendência. 6 — Escalvado. Falecer. 7 — Antes do tempo próprio Voltar. 8 — Envolvera. 9 — Fronteiro. Rezam.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, ● PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4236

HORIZONTAIS: 1 — Partidas. 2 — Etói. Idem. 3 — Nu. Rif. Cá. 4 — Anua. Etal. 5 — Mo.. Ore 6 — A MUITOS. 7 — Cara. Rapé. 8 — Os. Ria. O. 9 — Reformara. 10 — Lata BEM. 11 — Goza. Ia.

VERTICAIS: 1 — Penamacor. 2 — Aluno. Aselo. 3 — Ró. Ui. FAZ. 4 — Tira. Marota. 5 — Ou. Ira. 6 — Diferiram. 7 — Ad Teta. Ab. 8 — Seca. Oporei. 9 — MAL. Sé. Ama.

Provérbio: A MUITOS, O BEM FAZ MAL)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8082

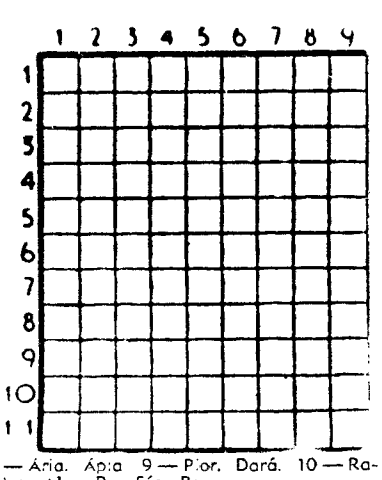
HORIZONTAIS: 1 — Parvo. 2 — Nota musical. Esteiro. Isolado. 3 — Pedra de altar. Senhor em inglês. 4 — Distinto. 5 — Cantor. Pronome pessoal (pl). 6 — Guarnece de arames. 7 — Claridade. 8 — Jogo infantil. Nome de uma flor. 9 — Estava. Termo. 10 — Invulgar. Ilha grega do Arquipélago, uma das Ciclades, onde foi encontrada a famosa estátua de Vénus. 11 — Grande cão de fila. Lavrar.

VERTICAIS: 1 — Ocultar. Possuirá. 2 — Apre. Espécie de polipeiro que serve para fabricar jóias. 3 — ópera de Verdi. Um dos estados do Brasil. 4 — Sufixo que designa estado. Torture. O sono das crianças. 5 — Fértil. Nesse lugar. 6 — Deus dos pastores. Mover os remos. Ruim. 7 — Coiro curtido. Praia de banhos de primeira classe, na foz do rio Cávado. 8 — Imposto de transmissão. Alberga. 9 — Demorado. Rio da China.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8081

HORIZONTAIS: 1 — Resmungar. 2 — Éreo. Arca. 3 — Pala. Saem. 4 — Imã. Sra. 5 — Mas. 6 — Espigaras. 7 — Angolas. 8 — Ária. Ápia 9 — Pior. Dará. 10 — Rajas 11 — Ru Sós. Bo.

VERTICAIS: 1 — Repise Apor. 2 — Eram. Sari. 3 — Sela. Prior. 4 — Moa. Migaras. 5 — Lago. Ló. 6 — Nas. Saladas. 7 — Grãs. Rapas. 8 — Acor. Asir. 9 — Ramais. Aaro



ANEDOTAS

■ Numa festa, certo sujeito muito guloso enchia apressadamente os bolsos de bolos, supondo que ninguém o observava. De subito sente a perna esquerda escaldada. Volta-se — e vê o criado a entornar-lhe uma chávena na algibeira das calças.

— Que é isto?

— Perdão! — exclama respeitosamente o criado. — Como V. Ex.ª leva os bolos, julguei que também queria levar o chá.

★

■ **O ladrão aponta a pistola a uma jovem:**

— Nada receie. De si não desejo nada... Apenas me interessa o seu dinheiro.

E ela:

— Afinal, um ladrão não é um homem como os outros...

■ **Uma jovem, bonita e bem modelada, chama um táxi e diz para o motorista:**

— Para a maternidade! Mas devagarinho... E' que eu trabalho lá!

★

■ Certo pastor anglicano prepara-se para baptizar o filho de um dos seus paroquianos.

— Qual é o nome da criança? — pergunta.

— Randolph, Morgan, Montgomery, Alfred van Christopher Cunningham — responde a mãe.

Então, o pastor vira-se para o ajudante e murmura:

— Traga mais água, por favor!...

★

■ **Um velhote compra um bilhete de lotaria, mas insiste com o cauteleiro para que o numero acabe em 5. Anda a «roda», e o homem ganha o primeiro prémio.**

— Eu sabia — afirma. Na noite anterior, sonhara com os numeros 7 e 8...

— E então?

— Como? Sete vezes 8 são 51, não?...

★

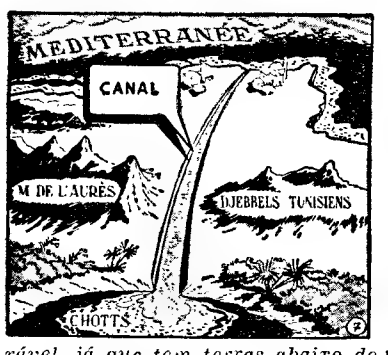
■ E' possível, duquesa, aquilo que me disseram a seu respeito?

—!?

— Disseram-me que estava para casar com um homem desconhecido no nosso meio, um homem sem nome!

— Que tem isso de extraordinário? Não vale mais um homem sem nome do que um nome sem homem?

FACTOS REAIS «Sahara, terra do futuro»



5 — Que acidente matou, por assim dizer, o Sahara? que elemento transformou a terra luxuriante, povoada de elefantes, em deserto árido? Diga-se desde já que há várias causas a considerar. Em primeiro lugar, as costas da Tunísia elevaram-se e cortaram o mar interior (os chotts*), que secou. Este mar criava um clima fresco e produzia água para as chuvas. A seca modificou-o irremediàvelmente. Árvores, e demais vegetação, morreram em pouco tempo. As raras chuvas torrenciais, em vez de trazerem a vida, arrastaram o húmus, que os milhares de raízes já não retinham, e rasparam pouco a pouco esta camada protectora da terra, deixando em seu lugar apenas rocha. O sol calcinou depois este terreno desprotegido de vegetação.*

6 — A partir de 1895, em todos os países do Mundo, os homens interrogavam-se: como fazer para dar vida aos desertos?

O problema foi estudado in loco. *nos desertos dos Estados Unidos, no grande deserto central da Austrália, no Sahara. Parece hoje certo que são necessárias duas condições: um mínimo de vegetação — e água. Actualmente os Israelitas transformam o deserto do Negueb com a plantação de árvores e a abertura de poços artesianos. Em dois anos os Egípcios reconquistaram trezentos mil hectares de deserto, primeiro abrindo canais semeando trigo, depois plantando algodão.*

7 — Que soluções se propõem para o Sahara? A situação específica deste deserto parece favorável, já que tem terras abaixo do nível do mar. Bastaria abrir um canal, que nem precisa de ser muito longo, através da Tunísia, de modo a ligar os chotts *ao mar e receber o mar interior que houve em épocas recuadas. A volta desse mar as plantações poderiam rápidamente estabelecer-se e progredir. Trigo, arroz, algodão, chá, tudo isto forneceria uma primeira camada de húmus, a que se seguiria a plantação de pequenas árvores muito resistentes. A folhagem destas árvores aumentaria rápidamente o húmus, permitindo a plantação de outras de maior porte.*

8 — As grandes árvores — eis o objectivo final. Uma floresta regulariza o clima e o regime das chuvas, retém a terra com as suas raízes, dá maior espessura ao húmus com o correr dos anos. Assim que se puder, graças á água, fazer crescer uma boa quantidade de árvores, está o futuro agarrado com mão firme. O Sahara talvez se torne uma grande região agrícola, com capacidade para alimentar milhões de pessoas. Mas a dificuldade maior continua a ser a abertura do famoso canal para reconstituição do mar do Sahara. As condições políticas actuais, a amplitude do projecto, a importância dos encargos financeiros, são outros tantos factores impeditivos da realização da obra.

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS

Se a guerra do Vietnam o permitir

Johnson vem à Europa na Primavera

WASHINGTON, 27 — (R.) — O presidente Johnson tem a intenção de visitar a Inglaterra, a Alemanha Ocidental e outros países da Europa Ocidental na próxima Primavera se a guerra do Vietnam o permitir — disseram hoje fontes dignas de crédito.

O presidente surpreendeu ontem os convidados do banquete oferecido na Casa Branca em honra do chanceler Ludwig Erhard ao revelar que o chanceler o tinha convidado a visitar a Alemanha Ocidental. Johnson declarou então: «Farei tudo o que estiver ao meu alcance para aceitar».

O presidente deu a entender que esperava visitar também outros países da N.A.T.O. «O seu convite para ir á Alemanha, na próxima Primavera, dar-me-ia uma boa oportunidade para me encontrar com os nossos amigos e aliados» — disse Johnson.

HIPÓTESE DE UMA CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL DA N. A. T. O.

No entanto, o presidente acrescentou que não se podia comprometer já a efectuar essa visita devido ás incertezas da guerra do Vietnam. Contudo, foi a primeira vez que ele apresentou, em termos tão claros, a hipótese de uma viagem ao estrangeiro.

Fontes de Washington disseram que não sabiam se o presidente Johnson estava a pensar numa conferência da N.A.T.O. ao mais alto nível quando falou em reunir-se com os seus amigos e aliados. Mas tanto em conversações separadas, como colectivas com os aliados europeus seriam tratados problemas militares e políticos que ele e o chanceler Erhard estão actualmente a discutir nas suas reuniões na Casa Branca.

Os problemas incluiriam a estrutura geral da defesa da N.A.T.O., com destaque das dificuldades da balança de pagamentos que advêm dos custos de manutenção de tropas britanicas e estadounidenses na Alemanha.

A incapacidade de Bonn em satisfazer o actual acordo — que prevê a compra pela Alemanha Ocidental de 1350 milhões de dólares de equipamento militar norte-americano durante dois anos e que termina em 30 de Junho próximo — surgiu como o problema mais espinhoso no início, ontem, dos dois dias de conversações entre Johnson e Erhard.

OUTRA POSSIVEL REUNIÃO EM MANILA

Entretanto, o porta-voz da Casa Branca, Bill Moyers, disse que o presidente estava muito interessado numa proposta feita pelo presidente Ferdinando Marcos, das Filipinas, para que os chefes das nações que estão a fornecer soldados e outro auxílio militar ao Vietnam do Sul se reunam em Manila, no próximo dia 18, para estudarem as possibilidades de paz no Sueste da Ásia.

O jornal «Washington Post» diz hoje que o presidente Johnson assistirá á conferência durante uma viagem que incluirá a Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia.

Os primeiros-ministros da Austrália e da Nova Zelândia anunciaram já que estarão presentes na conferência.

Os outros países cujos chefes de Estado ou de Governo foram convidados são a Coreia do Sul, Tailândia e Vietnam do Sul.

O presidente dirige-se ao povo russo

MOSCOVO, 27. — (R.) — O presidente Johnson disse hoje ao povo soviético que os Estados Unidos e a U. R. S. S. devem progredir juntos no caminho do desarmamento e de uma lei internacional suficientemente forte para tomar o lugar das armas.

«Como grandes potências, as nossas duas nações têm sem duvida compromissos que entram em conflito. Mas há um compromisso que eu espero que ambas partilhem: o de um mundo sem guerra — declarou o presidente numa entrevista publicada no numero do décimo aniversário da revista «Amerika» publicada em russo pelos Estados Unidos e que deve hoje aparecer á venda em toda a União Soviética.

Esta entrevista vem publicada com um retrato do presidente. Cerca de 60 mil exemplares são entregues todos os meses pela embaixada nort-americana á organização oficial soviética de distribuição de revistas. Em troca, uma revista ilustrada semelhante, «Soviet Life», é posta á venda nos Estados Unidos.

As autoridades soviéticas, contudo, devolvem normalmente cerca de 25 mil exemplares como não tendo sido vendidos, embora se formem grandes bichas nos quiosques de Moscovo quando «Amerika» é posta á venda. Esta cifra de 25 mil exemplares corresponde sensivelmente ao numero de exemplares de «Soviet Life» devolvidos pelos norte-americanos.

Hedy Lamarr pediu a proibição de um livro autobiográfico

HEDY LAMARR

LOS ANGELES, 27 — (F. P.) — Um juiz da Califórnia recusou-se a proibir a publicação do livro autobiográfico, assinado por Hedy Lamarr, «O êxtase e eu». Aquela actriz, que garante não ter sido autorizada pela casa editora a ler o manuscrito na totalidade, afirma que grande parte da obra é escandalosa e falsa e reclama uma indemnização de 9 600 000 dólares (288 mil contos), além de requerer a proibição do livro. Pela sua parte, a editora insiste em que Hedy Lamarr aprovou o manuscrito.

DIA A DIA

POLÉMICAS DE IMPRENSA

CHEN YI — ministro dos Negócios Estrangeiros da China

A ofensiva de Imprensa passou de mão no campo comunista. Os jornais de Moscovo atacam, sem contemplações, a política de Pequim. A «Pravda» e as «Izvestia» não lhe poupam remoques, sarcasmos, insinuações virulentas e acusações directas. A segunda daquelas folhas diz que os chineses preparam uma acomodação com os Estados Unidos, a qual será paga pelo Vietnam do Norte. A prova do que diz está no incidente a que deu lugar uma indiscrição, intencional ou inadvertida, de um grupo de parlamentares japoneses que se avistaram com o ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Chen Yi. Este, segundo a versão dos japoneses, ter-lhes-ia dito que «a China não pôs de lado a ideia de conversar com os Estados Unidos sobre o Vietnam». A revelação causou sensação e de Pequim apressaram-se a esclarecer que Chen Yi não disse aquilo que os seus interlocutores lhe atribuiram e que a posição da China se mantém inalterável. No meio da confusão o incidente parecia esquecido quando o jornal soviético o ressuscitou.

Segundo este, Chen Yi disse o que os japoneses repetiram e, nos bastidores da guerra do Vietnam, a China prepara um arranjo com os americanos. Os chineses acusam do mesmo delito os dirigentes de Moscovo e clamam que imperialistas e revisionistas estão entendidos para sabotar a causa da revolução. Estas acusações têm um fundo de verdade e muito de inverosimilhança, se quisermos reportar-nos apenas á situação actual e ás intenções imediatas dos protagonistas de tal farsa. O bloco comunista é uma recordação do passado e os factos mostram que as nações socialistas, como as restantes, têm interesses permanentes que defendem e perante os quais as preferências ideológicas dos dirigentes passam para segundo plano. Assim se desmoronaram o Komintern e o Kominform, como antes se tinham desmoronado as Internacionais socialistas. Russos e chineses digladiam-se com ferocidade que desmente a regra de Marx sobre a união dos proletários de todo o mundo.

Radioscopia em «3 D»

NOVA YORK, 28 — (F. P.) — A sociedade General Elcctric construiu um novo aparelho de radioscopia, que reproduz imagens muitíssimo nítidas em três dimensões.

São inúmeras as aplicações deste aparelho na Medicina, podendo desde já citar-se a exploração pré-operatória das deficiências cardíacas. O efeito das três dimensões deve permitir uma localização muito mais precisa da afecção.

O nome dado pela General Elcctric ao seu aparelho é «Stereo fluoricon». O processo baseia-se nos fluoroscópios mais modernos, com envio dos raios emitidos pelo cátodo da lâmpada através de um sistema amplificador electromagnético. Mas há uma grande diferença: o novo aparelho utiliza duas fontes de raios «X» e não uma só, situadas a cerca de cinco centímetros uma da outra. Os dois raios são emitidos á razão de 60 pulsações por segundo, alternando um com o outro.

Ao sair do sistema amplificador, cada um dos raios reflecte-se numa parte diferente do «écran» de projecção, um á direita, outro á esquerda. Resulta disto que a imagem da direita é a primeira a ser vista pelo observador, a segunda passado um sexagésimo de segundo. Como o olho humano não pode separar as duas imagens em tão curto espaço de tempo, produz-se na vista um fenómeno idêntico ao que se dá no ouvido com o som estereofónico.

O fluoroscópio de três dimensões será apresentado hoje numa reunião em San Francisco. Mas o aparelho já existe há algum tempo, embora só se tenham montado poucos exemplares para hospitais muito importantes. O aparelho exige o uso de óculos especiais e é muitíssimo caro.

A U. R. S. S. duplicou o número de «Migs 21» no Vietnam do Norte

LONDRES, 27 — (Por K. G. Thaler, correspondente diplomático da U. P. I. — A. N. I.) — Segundo informações recebidas em Londres, a U. R. S. S. duplicou o numero de «Migs 21» no Vietnam do Norte e serão fornecidos mais a Hanói logo que haja pilotos norte-vietnamianos para os tripularem — revelou um informador diplomático.

A base de auxílio soviético e a missão de treino — onde se encontram cerca de 800 homens — está situada actualmente no Vietnam do Norte, mas julga-se que muitos pilotos são treinados na União Soviética.

Moscovo tem fornecido, em especial, aviões «Mig» e foguetões antiaéreos, ao passo que a China continental concorre com armas ligeiras e com a construção de estradas.

A Força Aérea do Vietnam do Norte — segundo uma informação fornecida pela Instituto de Estudos de Estratégia — tinha no princípio deste ano 3500 homens, com oito bombardeiros ligeiros «Ilyushin 28», 66 «jactos» de combate «Mig 15» e «Mig 17» e 15 «jactos» supersónicos «Mig 21».

Porém, segundo as ultimas informações, os russos estão a aumentar o seu fornecimento de «Migs 21», devido ao recrudescimento da ofensiva aérea americana contra o Vietnam do Norte.

Não há, pois, falta de «Mings 21» na U. R. S. S., que tem estado a fornecer aviões deste modelo em quantidades consideráveis ao Egipto, Argélia, Síria e a outros países.

É considerado muito pouco provável que os pilotos russos venham a dirigir estes aviões em combate — acrescenta-se nos mesmos círculos

Afirma-se também que os russos substituem os «Migs» que caem, sempre que há pilotos disponíveis.

Por outro lado, os russos estão a treinar os norte-vietnamianos no uso de foguetões lançados do solo para o ar, mas não há indicação de que os auxiliem na utilização das baterias no Vietnam.

A União Soviética tem sublinhado sempre que não está envolvida em qualquer acção contra os Estados Unidos.

VINTE E DOIS MORTOS NO CHOQUE DE DOIS VEÍCULOS

LA PAZ, 27 — (F. P.) — Houve 22 mortos e 35 feridos quando um camião-cisterna com produtos petrolíferos chocou ontem com um autocarro, nas proximidades de La Paz.

O camião-cisterna descia uma rampa e, segundo parece partiram-se os travões. O veículo acabou de descer a ladeira a toda a velocidade, indo chocar com o autocarro. O depósito do camião-cisterna rebentou e o líquido inflamado foi atingir os passageiros do outro veículo.

Clínica para limitação de nascimentos numa favela do Rio

RIO DE JANEIRO, 27. — (R.) — Uma clínica pioneira da limitação dos nascimentos foi aberta, numa das favelas mais populosas do Rio, por assistentes sociais conduzidas por um grupo feminino de sociologistas.

Falando da campanha na favela da Praia do Pinto, o dr. António Francisco de Assis Moura disse que deveria chamar-se antes limitação dos abortos criminosos do que de nascimentos, pois que o resultado pretendido era a redução do numero de abortos criminosos com pequeno efeito sobre a percentagem de nascimentos.

O dr. Moura, ginecologista da clínica móvel, estava a dirigir-se a médicos do serviço de assistência médico-social da Marinha brasileira. Estes tinham demonstrado interesse pela experiência e o desejo de incluirem o planeamento da família no seu próprio programa.

Tendo-lhe sido perguntado se não corria o risco de infringir a ética médica ou mesmo o Código Penal do país, o dr. Moura disse: «O nosso programa não tem por fim diminuir a população... mas a prática do aborto criminoso.

O dr. Mário de Melo Marques, chefe da clínica de obstetrícia da Marinha, sugeriu — que o ministro da Marinha recomende ao presidente Castelo Branco a alteração da legislação existente, para permitir a limitação dos nascimentos.

«O presidente da Republica pode modificar a legislação anacrónica que não corresponde aos desejos do povo brasileiro que, numa recente votação, se mostrou 87 por cento a favor da limitação dos nascimentos» — disse ele.

MORTE DE ALPINISTAS

GRINDEWALD (Cantão de Berna), 27. — (F. P.) — Dois alpinistas suíços que no domingo, tinham iniciado a escalada do Monte Moentsh, de 4105 metros de altitude, foram encontrados ontem mortos, numa fenda de um glaciar.

AFASTAR-SE DA ESCOLA É AFASTAR-SE DO FUTURO

(Continuação da página central)

que favorecerá a sua integração as pessoas do seu meio.

● A ESCOLA DESENVOLVE A PERSONALIDADE — Até ao presente, a criança viveu rodeada pelos seus, acarinhada e aclimatada, mesmo se tem irmãos ou irmãs a ocupar uma boa parte da atenção do seu ambiente, sobretudo se é o mais novo.

Na escola infantil, achou-se já em contacto com outras crianças da sua idade, mas ocupou-se pouco delas. Brincou ao seu lado, só para ela. A professora não exigiu dela nem pontualidade, nem perseverança, nem disciplina. Misturou-se com uma colectividade de crianças; mas não fez parte de um grupo organizado, com relações definidas e as tarefas que todo o grupo implica.

Tudo muda no futuro, tanto no aspecto da grande escola como no modo de vida que aí reina. Estas mudanças vão acelerar a evolução da criança.

Sua adaptação. Uma vez dissipada a apreensão das primeiras horas, a criança integra-se, pouco a pouco, no grupo dos seus camaradas, de que adopta voluntàriamente o comportamento, os jogos, a linguagem.

Com o professor, as relações são polidas e de certo modo impessoais, porque despojadas da estreita afectividade do meio familiar. O favoritismo é banido, e o escolar sabe que o que conta para o mestre é o resultado do seu trabalho, mais que qualquer outra qualidade.

A sua opinião torna-se mais objectiva. Até ao presente, a criança era egocêntrica. A sua opinião estava imbuída de uma falta de objectividade, devido a uma certa confusão na maneira como se situara em relação ao próximo, e á dificuldade que tinha em conceber as relações existentes entre ela e as pessoas do seu meio.

Daqui em diante, novas relações se instauram entre camaradas da mesma idade dela, portanto seus semelhantes, e o papel que vai desempenhar nesta sociedade, quase feita á imagem daquela em que ela mais tarde deverá ter lugar, vão provocar uma modificação na sua maneira de se situar em relação aos seres e ás coisas; verifica-se então, que já não é o centro do mundo.

● ADQUIRE UM ESPÍRITO DE COMPETIÇÃO — Nesta sociedade embrionária que é a escola, os seus camaradas são ao mesmo tempo seus rivais. Compara-se com eles em todos os planos — intelectual, físico e moral — pois que algumas qualidades de carácter — espírito de iniciativa, espírito de equipa, coragem, generosidade —, se bem que não sejam avaliadas pelas notas, são entudo reconhecidas pelo professor.

● ADQUIRE O SENTIDO DO RELATIVO — Triunfa talvez no domínio do cálculo, coloca-se atrás no desenho ou na ortografia. Toma, pouco a pouco, consciência dos seus méritos e dos seus limites.

● COMEÇA A INTERESSAR-SE PELA OPINIÃO DOS OUTROS — Importa-se com o juízo que se possa fazer dela, o que provém ao mesmo tempo das comparações que é levada a fazer entre ela e os seus camaradas, e da maneira mais exacta como se situa em relação aos outros.

A criança adquire a noção de grupo, de «clan». Assinalando certa socialização, o espírito associativo esboça-se na pequena sociedade que compõem os escolares de uma aula ou de uma escola. Para corolário, a criança sente-se orgulhosa por fazer parte de tal «clan», ou de tal secção, em vez de uma outra, por ter tal mestre em vez de outro; o uso de um calão escolar, que é um sinal de libertação em presença da família, é uma prova de integração no grupo dos camaradas.

O LAÇO PERMANENTE

A criança, durante os primeiros anos de escola, é solicitada pelo mundo exterior. A sua personalidade, em formação, tem necessidade da vossa «disponibilidade».

Vê nascer em si o espírito de camaradagem. A partir do último ano da escola primária, uma nova disposição do carácter da criança, favorecida pela vida escolar, fá-la chegar a uma primeira autonomia, libertando-a da tutela dos pais.

Diferentemente das relações que se estabelecem entre irmãos e irmãs, as relações entre colegas são desprovidas de hierarquia: os alunos e as alunas têm a mesma idade, em geral são do mesmo sexo, e têm por consequência os mesmos interesses. Por outro lado, a criança escolhe livremente os seus colegas; isto é verdade sobretudo a partir dos nove ou dez anos, porque, antes desta idade, ela liga-se rápidamente, mas muitas vezes episòdicamente, com os que estão mais perto dela na aula ou na rua: o vizinho de carteira, o aluno que vive na mesma casa.

As maneiras mudam. As dos grupos de crianças são muito diferentes das que reinam na família; são mais rudes e isentas de toda a manifestação de ternura. O escolar fica muitas vezes constrangido com as manifestações de afeição prodigalizadas pelos pais perante os colegas. Como tais manifestações não existem com os seus companheiros, a criança teme ser ridicularizada e tratada como bebé.

De regresso a casa, pode comportar-se de maneira totalmente diferente e não vos espanteis se o vosso filho, que vos escapou quando o queríeis beijar á saída da escola, se abriga agora nos vossos joelhos. Daixai também de exigir que, na escola, o mais velho se ocupe do mais novo. No pátio de recreio, cada um tem os seus colegas. O pequeno não quer estar sob a asa protectora do crescido, e este não quer comportar-se como «pequena mamã»

Aparecimento do sentido crítico e da noção de conformismo. Os escolares depressa trocam e expulsam aqueles cujo comportamento e apresentação não se conciliam com os dos outros membros da colectividade. Não enfarpeleis o vosso filho com fatos que o distingam dos seus colegas. A criança é conformista, quer ser como as outras. Estar integrado num grupo, ser aceite pelos seus colegas, é para ela um novo meio de se conhecer e de se afirmar. É uma prova difícil de superar, a da criança posta de parte, prova que pode ter repercussões no seu trabalho escolar e na evolução da sua personalidade.

Aparecimento do juízo próprio e da noção de escolha. É no meio de um pequeno grupo, a que adere, que a criança aprende a cooperação no trabalho e no jogo, sobretudo com as suas regras aprovadas pelos parceiros, muitas vezes divididos em campos. Os que não respeitam estas regras, que fazem batota, que «denunciam», que fazem apelo ao professor para regular os seus diferendos, são excluídos do grupo e considerados como maus colegas. As crianças que choram, que amuam, todas as que não participam nos ritos do grupo, nos códigos secretos, na atribuição de alcunhas aos professores, não fazem verdadeiramente parte do grupo dos escolares. Mais tarde, esta camaradagem indiferenciada tornar-se-á mais selectiva; é só cerca dos dez anos que as afinidades podem nascer entre dois rapazes, duas raparigas, ou mesmo várias crianças do mesmo sexo, fundadas em comunidades de gostos e de interesses, prefigurando assim as amizades da adolescência.

É muito natural que os pais se preocupem em saber quem são os camaradas do seu filho, mas será mau que critiquem ou trocem a sua escolha, quando esta lhes desagrade. Muitas vezes, também, o juízo dos pais é sumário; a sua opinião, inteiramente superficial, funda-se na aparência exterior da criança ou na sua apresentação e não no conhecimento das suas verdadeiras qualidades. É certo que a criança é influenciável, mas será talvez a influência familiar que acabará por arrastá-la, se encontra nela segurança e confiança. De resto, nesta idade, a respeito da maior parte das crianças é preferível falar de predilecção, a falar de amizade, e o próprio das predilecções é serem efémeras. Algumas crianças, contudo, ligam-se de modo exclusivo a um colega, procurando a sua presença e, segundo o seu carácter, deixando-se dominar ou dominando elas próprias: cabecilhas ou dominados. É bom que os pais se interessem igualmente pelos resultados escolares e por conhecerem o comportamento do seu filho no meio dos seus camaradas, porque, este, como os progressos intelectuais, oferece uma indicação preciosa da sua maior ou menor maturidade e das suas faculdades de adaptação.

● ELA FORMA O SEU CARÁCTER — A escola tem uma função formativa tão importante e tão necessária como a que consiste em dispensar os conhecimentos intelectuais inscritos no programa. A escola é um meio onde se organiza uma experiência proporcionada ás possibilidades da criança.

A escola não exerce de modo explícito esta função formativa, nem faz dela o objecto de um ensino preciso; é de maneira difusa que actua o novo meio no qual a criança se encontra mergulhada. Para cada uma, a adaptação faz-se de modos diferentes, mais ou menos rápidamente, e com dificuldades variáveis ou inexistentes. O seu carácter, que se exprime em actos no comportamento e no modo de relações com os seus camaradas e o mestre, vai afirmar-se e esclarecer-se num novo dia.

Uma experiência social. Assim, alunos cujos resultados escolares deixam a desejar, tiram, contudo, proveito da escola graças á experiência social que ela lhes dá. Mais que outrora, os professores concedem actualmente ás qualidades de carácter o lugar que lhes pertence.

A influência da escola faz-se sentir justamente na idade em que as modificações nas disposições e os interesses da criança aparecem. Mas se a escola lhe permite evoluir na direcção mais proveitosa ao desenvolvimento da sua personalidade, ela não se semeia num terreno virgem. A criança vem ao mundo dispondo já de certas características hereditárias, pois o meio familiar marca-a com o seu cunho profundo.

A revelação do carácter. Na escola, a criança encontra-se num meio mais amplo e mais complexo que o meio familiar. Nem a mãe, nem o pai, nem provàvelmente a irmã ou o irmão mais velho, estão lá para fazer face ás situações em que se encontra. Deve desembaraçar-se sòzinha, por sua própria iniciativa.

No decurso dos jogos, no recreio, revelam-se os chefes e seguidores, os que gostam de dominar, por orgulho ou generosidade, e os outros, que gostam de ser agrupados em brigadas, seguir as directivas que lhes dão. Há os que jogam com ardor, os apáticos, os hesitantes, os tímidos que esperam ser conduzidos, não ousando imiscuir-se nos jogos dos outros, os combativos, cuja agressividade se desencadeia ao encontro dos camaradas, e estão sempre prontos a interromper uma parte pelas suas intervenções intempestivas e a distribuir pancada, particularmente aos que não são capazes de ceder. Esta agressividade indica uma falta de maturidade afectiva e explica-se, talvez, quer por um relaxamento excessivo da disciplina familiar — a criança tem necessidade de sentir um «contrôle» —, quer, pelo contrário, por uma severidade exagerada.

Na aula, observam-se os alunos turbulentos, que não podem estar dois minutos no lugar, sempre em transe de arreliar o vizinho, remexer na sua carteira, fazer arrumações quando é precioso escutar; os alunos que não ousam nem levantar o dedo, nem responder, porque têm medo de errar ou de se ridicularizar: o seu orgulho e a sua susceptibilidade tornam-nos mudos (1).

No trabalho escolar, enfim, denotam-se-lhes certos traços de carácter. A apresentação dos cadernos ilustra a aplicação de uns, a negligência de outros. Abundam os desatinos nos exercícios de certos alunos dotados, mas rápidamente distraídos, que esquecem uma parte das perguntas, e se enganam no numero do exercício a entregar. Outros, pelo contrário, fazem conscienciosamente o trabalho; os resultados variam, então, em função das aptidões.

O papel do educador. É ao professor que compete a tarefa delicada de colocar os alunos na aula, tendo em conta o carácter de cada um; neutralizará os faladores, dando-lhes crianças calmas por vizinhos; os taciturnos serão estimulados por escolares de natureza viva e aberta; colocará o aluno irrequieto na primeira fila, para o vigiar de perto.

De uma maneira geral, o convívio escolar exerce um efeito regulador em todos os escolares. O professor, adornado pelo prestígio de representar a sociedade adulta, e detendo os conhecimentos, constitui, para as crianças que querem progredir, um modelo a imitar.

A descoberta de uma outra criança. Os pais ficam por vezes estupefactos por verem assim revelar-se nos seus filhos certos aspectos de que eles não suspeitaram.

Entre a escola e a casa, observam-se frequentemente diferenças de comportamento; esta criança, dócil e afável em sua casa, é na escola um animador e um guia; aquela outra, barulhenta e alegre em casa, é na escola de uma ponderação surpreendente. É impossível procurar aqui as causas destas variações na conduta da criança, mas os pais avisados irão por vezes trocar impressões com o mestre, a fim de se esclarecerem reciprocamente sobre a personalidade da criança.

A seguir:
A ESCOLA INFANTIL

(1) M. André Ferré, no seu interessante fascículo «L'Enfant et le Milieu Scolaire», chama-lhes os «moralmente mimalhos».

CORAIS FÓSSEIS

(Continuação da 15.ª página)

crescimento. Variam em tamanho, nas medições que fiz em alguns corais do Devónico mostram que a sua espessura é da ordem de 0,05 mm. O professor J. W. Wells sugeriu que representam um ritmo de crescimento diário. Examinou um coral recente *Manicina arcolata,* cujo crescimento anual é muito bem conhecido, e contou aproximadamente 360 finas dobras correspondentes a um ano de crescimento.

Contudo, o que causa este aparente ritmo diário é desconhecido. Foi tentada a explicação por intermédio do ciclo de luz e escuridão até que as finas dobras de crescimento foram observadas na epiteca de corais modernos vivendo em grandes profundidades — longe de mais da influência da luz solar.

Em seguida, o dr. T. F. Goreau tentou pôr em destaque a possibilidade de existência de um ritmo diário de alimentação. Este problema foi de fácil estudo e sugeriu a hipótese de que os corais, vivendo abaixo da zona dos respectivos alimentos planctónicos, se podem alimentar por um mecanismo subsidiário de absorção. Talvez estes estudos ajudem a explicar a origem do ritmo diário de crescimento.

Infelizmente as finas dobras podem ser obliteradas pelo uso tanto em vida como depois da morte. A epiteca de muitos corais recentes está também grandemente encrustada de outros organismos, o que dificulta a contagem das dobras.

Entre os corais fósseis é necessário um alto grau de preservação e, é claro, o espécimen deve ser fàcilmente destacado da sua matriz para que se notem bem as dobras de crescimento.

O professor Wells coleccionou alguns dados principalmente de corais, óptimamente preservados, do Devónico Médio do Estado de Nova York e Ontário. Contou o numero de dobras entre os sucessivos anéis e obteve uma série de formas, todas com mais de 365 e dando como média cerca de 400 dobras. *No caso das suposições terem sido correctas, no Devónico Médio o ano teria cerca de 400 dias.*

Relacionando estimativas astronómicas da rotação terrestre no passado com determinações radioactivas da idade para os sistemas geológicos, o professor Wells delineou um gráfico dos dias de um ano opondo-se ao tempo geológico. Esta aproximação estima em cerca de 399 dias o ano no Devónico Médio.

Além disto, dois corais do Carbonífero Superior dos E. U. A. mostram 390 e 385 curvaturas ou dias por ano. A correspondente estimativa astronómica é de 390-3. Assim se verifica uma grande correlação entre os cálculos astronómicos e paleontológicos, apesar dos poucos dados que os ultimos possuem.

Parece, ainda, haver a possibilidade de existência de um terceiro ritmo na configuração das epitecas de alguns corais. Quando estudei corais bem preservados, também do Devónico Médio do Norte da América, verifiquei a existência de uma zona forte e regular, mais pequena que o incremento de um ano de crescimento. Essa zona é constituída por constrições na epiteca paralelas ás dobras de crescimento e dividindo-as em grupos. Nessa altura, tinha sòmente dez corais em bom estado para fácil contagem das dobras finas, e em que os dados obtidos foram de 112 bandos.

Uma das dificuldades é de que as modificações da orientação do cálice durante o crescimento — presumìvelmente devido ao coral rolar e cair — faz com que as bandas se condensem ou apertem em curtas da epiteca. Como é necessário contar dobras internas entre as constrições, as faces convexas dos corais, modificando os seus eixos de crescimento numa direcção constante darão provàvelmente melhores resultados. O numero máximo de dobras contadas em uma banda, nos dez corais, foi de 35, e o máximo 27.

O numero médio de dobras por banda varia, em cada espécimen, de 29,9 a 31 e na totalidade dos espécimens é de 30,59. Na base de que cada curvatura, representa um dia, parece que estes corais do Devónico Médio formavam uma constrição na sua epiteca em cada 30,5 dias. Além disto, dos dados que possuimos sobre o numero de dias do ano no Devónico Médio, treze bandas foram formadas ao longo de um ano de crescimento.

Estes resultados sugerem uma conexão entre a formação das bandas e o mês lunar, apesar de isto ser altamente especulativo. Contudo, o mês lunar tem significado nos ciclos biológicos de muitos animais marinhos actuais, e é muito difícil encarar outra explicação para explicar a evidência. De todas as possibilidades que considerei, parece ser mais viável o facto da periodicidade de crescimento lunar dos corais.

Conhecem-se muitos corais modernos que produzem ciclos sexuais regulares ligados a um ciclo lunar, e parece possível que a preocupação com o crescimento pode afectar adversamente a deposição dos esqueletos, dando origem ás constrições da epiteca. Infelizmente não existem estudos experimentais sobre a deposição do esqueleto em corais modernos, estudo esse que muito nos poderia elucidar.

Até agora observei o desenvolvimento do bordo regular em corais de quase todos os sistemas geológicos desde o Ordovinciano, e parece que todos os corais a ostentam. Na altura em que escrevo este artigo os dados limitam-se aos espécimens do Devónico Médio.

O estudo dos ciclos de crescimento dos corais está, de facto, ainda muito no início e faltam, ainda, suportes firmes de estudo fisiológico de corais actuais.

Em todo o caso, os poucos dados válidos do Devónico Médio e a tentativa de interpretação do crescimento com o tempo, excitou o interesse dos geofísicos.

O professor S. K. Runcorn mostrou já como o cálculo do numero de dias do mês e ano lunar dos sistemas geológicos, permite a investigação do momento de inércia da Terra no passado. Isto é de grande interesse em conexão com as diversas teorias da evolução da Terra.

As tarefas imediatas consistem em coleccionar o maior numero de dados possíveis sobre corais fósseis e encorajar trabalhos experimentais sobre as espécies vivas. Estes ultimos são de particular importancia pois podem fornecer as chaves necessárias sobre os factores que afectam o depósito dos esqueletos nas espécies primitivas. — *C. T. S.*

ARTES PLÁSTICAS

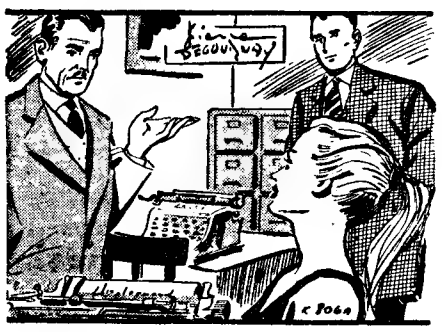
Margarida Tamegão

Foram outros tantos êxitos as três exposições individuais da pintora Margarida Tamegão, em Angola, onde o publico culto de Luanda, Nova Lisboa e Benguela teve oportunidade de admirar um total de 74 obras desta artista portuense. Muitos desses quadros foram adquiridos por museus e por particulares, facto que veio reforçar o prestígio de longa data de Margarida Tamegão.

«UM CADÁVER NO BOSQUE»

por LUCIE DESPLAINS

RESUMO — Uma jovem dactilógrafa, Henriette Lacroix, apareceu assassinada no bosque de Vincennes. O inspector Jolivet, encarregado do inquérito resolveu interrogar a sr.ª Raymond, uma tia da rapariga com quem esta vivia. A velhota afirmou supor que a sobrinha recebera o salário no dia do crime. Como não fora encontrada a mala de mão da jovem, poderia ter sido o roubo o móbil do crime. A sr.ª Raymond dissera, ainda, que a sobrinha saía pouco, e sòmente na companhia de uma das colegas do escritório, Teresa. A autópsia, entretanto, revelou que Henriette estava grávida.



5 — Na manhã do dia seguinte, Jolivet foi ao escritório da empresa, onde a rapariga trabalhava. Falou com o director, em primeiro lugar, e, depois, fez algumas perguntas ao tesoureiro. Este confirmou que a jovem recebera cerca de 30 000 francos. «A tia da menina Lacroix» — disse o investigador — «declarou-me que a sobrinha era amiga de uma outra empregada, Teresa». — «Sim, Teresa Rigaud. Pareciam entender-se muito bem». «Gostaria de interrogá-la» O tesoureiro conduziu o investigador a uma pequena sala, onde uma loira escrevia á máquina. Ao entrar, o inspector notou uma secretária de dactilógrafa, desocupada. «Era a mesa da menina Lacroix» — disse o empregado, e, depois, voltando-se para a rapariga, proferiu: «Este senhor é inspector da Polícia Judiciária e quer fazer-lhe algumas perguntas sobre Henriette».

6 — «Você saiu anteontem com a menina Lacroix?» — perguntou Jolivet. «Não» — respondeu Teresa Rigaud, espantada. «Aliás, nós nunca andamos juntas». — «Mas a menina Lacroix costuma sair á noite, muitas vezes, e diz á tia que vai encontrar-se consigo... Tem conhecimento disto?» — «Não... Henriette não é muito expansiva e, assim, habitualmente, não me faz confidências. Não somos aquilo a que se pode chamar amigas. Entendemo-nos bem, e é tudo!» — «Conhece-lhe algum namorado? Nunca viu ninguém esperá-la á saída do emprego?» Teresa teve uma hesitação. «Porque razão me faz tantas perguntas?» — inquiriu. «Henriette foi assassinada anteontem no bosque de Vincennes». A rapariga empalideceu, murmurando: «Assassinada!...» — «Sim... E a tia julgava que ela saíra consigo... Temos boas razões para supor que a sua colega estava com o amante, mas não sabemos de quem se trata. Conhece alguma coisa que nos possa elucidar?» — «Há algumas semanas, vi Henriette entrar num automóvel negro, estacionado na esquina da rua» — disse Teresa. «Pode descrever-me o condutor do veículo?» — «Não, quase não reparei nele... Vi, no entanto, a mesma viatura, noutro dia, parar perto de Henriette, quando esta saía do escritório. Ela debruçou-se e trocou algumas palavras com o condutor. Depois, afastou-se rápidamente, furiosa. O automóvel arrancou e foi-lhe no encalço, mas a minha colega continuou a andar sem ligar importância ao facto».

7 — À noite, Jolivet foi visitar a sr.ª Raymond. «Importa-se de me mostrar o quarto da sua sobrinha?» — perguntou. A velhota levou-o ao primeiro andar. «É aqui» — afirmou. O investigador começou por revistar as gavetas de uma cómoda. Encontrou um pequeno cofre, no qual a rapariga guardara fotografias e cartas. «Quem é?» — perguntou o inspector mostrando á sr.ª Raymond uma foto que representava a jovem de braço dado com um rapaz de tipo nórdico.» O antigo noivo da minha sobrinha» — respondeu a senhora. «Não me lembro, no entanto, de ter visto esse retrato». — «A sua sobrinha desfez o noivado há muito tempo?» — «Há três anos... Foi ele, aliás, que a deixou, quando faltavam alguns dias para o casamento... Sabe, encontrou uma rapariga rica que desposou pouco tempo depois» Jolivet continuou a procurar, mas não encontrou nada que fosse susceptível de o conduzir ao amante de Henriette.

8 — Antes de se retirar, o inspector perguntou: Como se chama o antigo noivo da sua sobrinha?» — «Roland Maroni» — «Conhece a sua morada actual?» — «Depois do casamento, fixou residência na Avenida do Presidente Wilson, aqui, em Noisy. Creio que ele ainda lá mora... Mas Henriette não o pode ter voltado a ver, pois odiava-o!» Jolivet não respondeu. Uma hora mais tarde, encontrava-se diante da casa de Roland Maroni. No momento em que ia tocar á campainha, um automóvel negro parou diante do portão e dele saiu um rapaz loiro.

(Continua)

MISSA DE SUFRÁGIO POR ALMA DOS MILITARES VÍTIMAS DO INCÊNDIO DA SERRA DE SINTRA

A Secretaria de Estado da Agricultura por intermédio da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, manda celebrar missa de sufrágio por alma dos militares vítimas do incêndio da Serra de Sintra, amanhã, dia 28, pelas 11,30 na Igreja do Santo Condestável. Será celebrante o reverendo cónego Fernando Duarte, prior da freguesia do Santo Condestável.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SANTARÉM

«ADMISSÃO DE PESSOAL»

A Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém anuncia que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 20 dias, para preenchimento das seguintes vagas existentes no quadro do pessoal administrativo:

2 — Chefes de Secção (sendo 1 de Contabilidade)

2 — Contabilistas

Os candidatos só serão admitidos desde que satisfaçam as condições expressas nas Bases XXXVIII e XLI do despacho de 18/2/959, de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, publicado no «Diário do Governo», II Série n.º 49, de 27/2/959.

Santarém, 23 de Setembro de 1966.

A DIRECÇÃO

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras a partir das 20 horas.

ILPA

Indústria e Laboração de Produtos Agrícolas S. A. R. L.

Para as 15 e 30 horas, do dia 17 de Outubro deste ano, convoco a Assembleia Geral desta Sociedade a reunir-se extraordinàriamente na Av. da Republica, n.º 2, 7.º andar, em Lisboa para os fins de apreciar e decidir o seguinte:

A reintegração de capital; sua dissolução e nomeação de liquidatário ou liquidatários; a dissolução, liquidação e partilha conjuntamente; e o mais consignado no art.º 116.º do Cód. Comercial.

Lisboa, 26 de Setembro de 1966

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Dr. António de Barros

Em tempo: — A presente publicação invalida a feita neste jornal, em 25 do corrente mês.

Notariado Português

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DO LICENCIADO EM DIREITO SEBASTIÃO TAVARES DE MATOS

— CERTIFICO —

Para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e oito de Outubro de mil novecentos e sessenta e quatro, de folhas noventa e uma verso a folhas noventa e três verso, do livro numero trinta e dois B, de escrituras diversas deste cartório, foi constituída entre os senhores Manuel da Conceição Tavares e António Rodrigues, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO: A sociedade adopta a firma «Tavares & Rodrigues, Limitada»; fica com a sua sede e estabelecimento industrial, no lugar do Fanqueiro, freguesia e concelho de Loures, num barracão sem numero de polícia: e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje:

SEGUNDO: O objecto social é a industria de reparação de automóveis, ou o exercício de qualquer outra actividade, comercial ou industrial, que os sócios entendam explorar, e que não seja proibida por lei:

TERCEIRO: O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de cinquenta mil escudos, dividido em duas quotas de vinte e cinco mil escudos, uma de cada sócio

QUARTO: A cessão de quotas a estranhos depende de autorização da sociedade:

QUINTO: A gerência e administração da sociedade pertence exclusivamente ao sócio António Rodrigues, que fica desde já nomeado gerente, com dispensa de caução:

SEXTO: Quando a lei não prescreva forma diferente, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

É certidão de teor parcial que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto á parte transcrita, não havendo na parte omitida nada em contrário ao que se transcreve.

Lisboa, dezasseis de Julho de mil novecentos e sessenta e seis.

O Ajudante do 18.º Cartório Notarial
JOÃO PEDRO BARRADAS

YBARRA & C.IA, S. A.

SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

MONTE UMBE	5 de Outubro	Tenerife Bahia Rio de Janeiro Santos Montevideo Buenos Aires

PARA: **MEDITERRÂNEO**

CABO SAN VICENTE	23 de Outubro	Algeciras Barcelona

OS AGENTES

Em Lisboa:
AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA
Rua do Alecrim, 20-F 1.
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 2 84 21

CCN — companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«UIGE» a sair em 3 de Outubro ás 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 14 de Outubro ás 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 6 a 11 de Outubro.
LUGELA a sair em 28 de Outubro	Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 22 a 26 de Outubro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 21 de Outubro às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORTO EVERGLADES (MIAMI)

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

PROPRIEDADES

— VENDAS —

ANDARES

260 c. AJUDA, acabamentos de 1.ª, prontas a habitar, c/ 3 assoalhadas, coz., c. banho e desp. Entrada a mármore e louças de cor.

340 c. ALGÉS, bons acabamentos, prontos a habitar, c/ 4 assoalhadas, coz., c. banho e despensa. Magnífico local.

530 c. CAMPO PEQUENO, acabamentos de luxo, acabamentos finais, c/ 4 assoalhadas, coz., 2 c. banho, despensa e roupeiros.

VENDE:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45 - 3.º
Telefs.: 367444 e 323172

MORADIAS

850 c. OLIVAIS, composto de 2 pisos, junto ao Aeroporto, chão a corticite, azulejos de cor, c/ 5 grandes assoalhadas, 1 salão, 2 c. banho, garagem, arrecadações e quintal.

3.000 c. LAPA, completamente restaurada, composta de 3 pisos, c/ 16 amplas assoalh., coz., 3 c. banho, 3 despensas e diversos anexos.

VENDE:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º, Telefs.: 367444. -323172

AMADORA, bom local, 8 inq., boa const. e acabamentos, preço 1200 contos. Trata: P. Restauradores, 13-2.º, Dt.º Telefs. 320040 e 328143.

Contacto

ANÚNCIOS

MORADIAS

Com 2 pisos, 6 cas. soalhadas, 2 cas, banho, dispensa, cozinha e grande área quintal perto Cam. Ferro a Mem Martins Vende-se. Resposta ao n.º 217, «Diário de Lisboa», R. da Rosa, 57-2.º.

HIPOTECAS

LUSTRES

FABRICANTES

Av António Serpa, 9-A, 9-B (ao Campo Pequeno)

PRÉDIO

EM QUELUZ

Grande volume, bem construído e acabado, composto de 5 pisos com dt.º e esq.º 3 e 4 casas soalhadas, por hab. Rende 83.000$00 aprox. Preço 1.150 contos.

«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2.º — TELEFONES 369384/5/6

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

AUTOMÓVEIS

Se pretende comprar de qualquer marca ou modelo, no seu próprio interesse não o faça sem ver no LISBOA-STAND. Fac. troca e pag
Rua Passos Manuel, 17-D-E

AUTOMÓVEIS e FURGONETAS de diversas marcas e modelos.
STAND CHILE
Rua Actor António Cardoso, 11-C-D

AUTOMÓVEIS americanos e europeus como novos e em conta. R. Actor Taborda, 13-A.

Automóveis
ALUGUER S/ CONDUTOR
Novos, escritório, L. St.ª Bárbara, 5-B. Telef. 534657.

Automóveis s/condutor
Veja os n/ preços e carros a estrear ou impecáveis. Av João Crisóstomo, 86 Tels. 50060 - 51042

ALUGUER:

NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA SERVIÇOS DE AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóveis Amoreiras Av. João Crisóstomo, 89.
- 53.4657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 76.9848 — Zé Carlos — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42.890 — Táxis Universo, Lda. Av. Republica, 26.
- 55.3843 — Auto-Argos P. Olegário Mariano, 62.
- 53.7476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.º
- 53.1919 — SILVA E TIAGO — R. St.ª Bárbara, 81-1.º
- 72.7654 — Auto-Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A.
- 53.9168 — BRUNAUTO, LDA.
  53.9345 — Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.

TAUNUS 20-M, 65; Mercedes 190, 63; Fiat 850, 65; Taunus 12-M, 66, 64, 63 e 60; Volkswagen, 65, 64, 59 e 57; Vauxhall VX 4/90, 64; Volkswagen 1500 S, 64; BMW-700 LS, 64; Morris 1100, 63; Opel Kadett, 64 e 63; Consul Cortina, 63; Fiat 600-D, 63; Opel Kapitan, 60; Renault Flóride, 60; Taunus 17-M, 61, 60 e 58; Opel Rekord, 65, 61, 58 e 57; Simca Etoile, 61. Fac. pag. e trocas.

CRISAUTO
Lda., Av. João Crisóstomo, n.º 13-A

OPEL Kadette, 1964; Alfa-Romeu Sprint, 1962; Volkswagen, 30 H. P., 1960 e 1959; Fiat 600 D, 1962; Simca Elysée, 1960; Utilitárias Isabela 1961 e Fiat 600 Multipla, 1958. Fac. troca e pgt.º

MARCELO
Av.º João Crisóstomo 47-C

FURGON. Mercedes 180 D, 1500 kgs. de carga e Jeep Land Rover, 1951. Peugeot 403 Gazul CX ab. 1962, 1200 kg. Fac. troca e pagt.

MARCELO
Av. João Crisóstomo 47-C

CAPITAIS

OFERECEM-SE:

EMPRÉSTIMO SOBRE AUTOMÓVEIS

Máximo sigilo
No prazo de 1 hora
TELEFONE 32.84.91

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

PRÉDIO

A CAMPOLIDE

Construção moderna em cimento armado, revestido a evinel, composto de 4 pisos com 4 casas soalhadas, cozinha, despensa, marquise, 2 casas de banho e hall. Rende 91.200$00. Preço 1.500 contos. Facilita-se parte.

«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6

DOMINGO 2 DE OUTUBRO

EXCURSÕES DA C. P.

LISBOA, a PORTIMÃO, PRAIA DA ROCHA, SILVES, ARMAÇÃO DE PÊRA, e volta

(compreendendo: viagem em comboio automotora «Foguete» (ar condicionado), circuito turístico por estrada e almoço no Restaurante da Fortaleza, na Praia da Rocha)

Preço em 1.ª classe .... **235$00**

LISBOA A PORTIMÃO, e volta
(só transporte em caminho de ferro)
Preço em 1.ª classe ..... **132$00**

LISBOA a LAGOS, e volta
(só transporte em caminho de ferro)
Preço em 1.ª classe ..... **140$00**

Partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás **6** e **35** horas, com chegada á mesma estação ás **0** e **15** horas

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e de Lisboa (Rossio), nas Agências de Viagens autorizadas ou na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124-1.º) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa

CAMIONS VOLVO

NOVOS MODELOS

Mod	Motor H. P.	P. B.	Carga	Caixa
N 84	118	11.000	7.000	4,47 a 5,37
N 86	160	14.000	9.000	4,26 a 6,06
N 86 E	160	14.500	9.500	4,80 a 6,20
N 88	185	15.000	9.200	5,40 a 6,10
NB 86	195	17.250	11.000	6,60 a 7,05
NB 88	185	20.000	13.200	5,37 a 7,06
F 85	118	13.000	8.750	5,00 a 6,40
F 86	160	15.000	10.000	5,40 a 6,50
F 88	185	15.000	9.000	6,10 a 7,40
FB 88	185	20.000	12.700	6,62 a 8,00

Agente oficial da Auto Sueco, Ld.ª nos distritos de LISBOA e SETÚBAL

SORAUTO

STAND
AV. MARCONI, 4-D
(à Praça de Londres)
TELEFONES 770673-778956

ESCRITÓRIO
PRAÇA DE LONDRES, 3-1.º D.
TELEF. 729177 P. P. C.

DINHEIRO

SOBRE PRÉDIOS

OPERAÇÕES RAPIDAS, EM CONDIÇÕES SEM PARALELO

Consulte o nosso Departamento de Empréstimos Hipotecários

NORTENHA

Lisboa—Praça da Alegria, n.º 58, 2.
Telefs. 362228 - 366731 - 366812

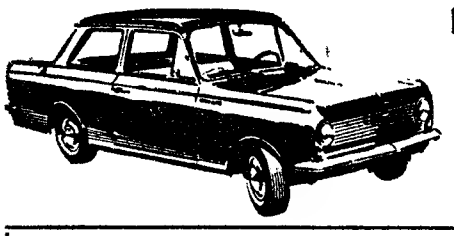
FRIGORÍFICOS

5 ANOS GARANTIA

130 litros	2.450$00
150 »	2.750$00
175 »	3.600$00
215 »	4.200$00

Artel

RUA CONDE REDONDO, 119-A
Telefs.: 43.700-53.5002 — LISBOA



PERFEITO EM TODA A LINHA

viva

VAUXHALL

EXPERIMENTE AS VANTAGENS DO MODELO 1966

IDEAL PARA AS SUAS FÉRIAS

ESC. 59.832$00 (taxas incluídas)

EM EXPOSIÇÃO NA FEIRA POPULAR

Para colaborarmos na Campanha Nacional de Segurança Rodoviária, resolvemos equipar gratuitamente os «Vivas» que vendemos com cintos de segurança, por forma a contribuirmos para a segurança nas estradas. Respeite a sua vida e a dos outros. Conduza com cuidado. Boa Viagem! Boas Férias!
AUTO-INDUSTRIAL

AUTO-INDUSTRIAL GM PORTUGAL
LISBOA-Av. Duque de Loulé, 93 Tel. 538956-COIMBRA-LEIRIA

AUTOMÓVEIS

Várias marcas e Modelos, revistos e c/ garantia. Facilidades até 40 meses. Condições especiais para férias.

STAND MONTE CARLO
R. Arroios, 19-A - 19-B
Telefone 53 60 58

SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA
motor
O jornal que não havia em Portugal

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuido pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios

DESPORTOS

A assembleia extraordinária do Benfica não prosseguiu

por faltar a maioria dos requerentes

Convocada a requerimento de um grupo de sócios feito há cerca de três meses, reuniu-se, ontem á noite, no Pavilhão do Estádio da Luz, a assembleia geral do Benfica.

Os motivos que deram origem á atitude tomada pelos requerentes estão decerto na memória de todos os benfiquistas: declarações publicas do então presidente da Comissão Central do Parque de Jogos e hoje presidente da direcção sobre o relato dos contactos com a Câmara Municipal de Lisboa, relato esse absolutamente antagónico ao que fora feito pelo presidente do clube acerca do mesmo assunto; apreciação de um comunicado dos corpos gerentes, publicado em 8 de Junho passado, no qual se declarava que fora retirada a confiança ao presidente da direcção.

★

A sessão durou, no entanto, apenas 25 minutos, que foram consumidos com a chamada dos 104 requerentes, excluídos dois que não se encontravam em pleno uso dos seus direitos (um era sócio de mérito e o outro correspondente). Após a referida chamada constatou-se que estavam presentes apenas 15, quando eram necessários 53, a maioria, para que a assembleia pudesse funcionar.

Deste modo, o dr. Olindo Figueiredo, que presidiu em substituição do dr. Sidónio Rito (um dos subscritores do comunicado atrás referido e que por isso abdicou), limitou-se a citar a matéria estatutária que impedia o prosseguimento dos trabalhos e a lamentar os prejuízos causados por quem não teve, ao menos, consideração pelas pessoas que ali se deslocaram — cerca de meio milhar.

Depois do encerramento da assembleia, fervilharam os comentários á ocorrência, na verdade pouco vulgar, talvez até inédita na vida do popular clube.

Lamentava-se, realmente, a falta cometida pelos requerentes, mas, por outro lado, todos sabiam que não tendo sido marcada para a altura própria (antes do acto eleitoral) a reunião agora perdera todo o interesse e podia, até, ser prejudicial ao clube. Daí ser voz corrente que não haveria assembleia.

Porque não tomaram os responsáveis a iniciativa de propor aos requerentes o pedido de convocação?

Esta foi a pergunta de muitos associados, no Pavilhão da Luz, manifestamente desgostosos e surpresos com a insólita ocorrência.

MANIFESTAÇÃO DE ALEGRIA

que pode sair cara...

MONTEVIDEU, 27 — (R.) — O árbitro de um desafio de futebol suspendeu o jogo entre dois dos principais clubes de futebol desta cidade, depois de um jogador de uma das equipas, com a alegria da marcação de um golo, se ter pendurado na barra da baliza, que abateu.

Agora, a Associação uruguaia de futebol tem de se reunir para decidir se deve conceder á equipa que marcou o único golo os dois pontos de vitória, se deverá ser jogado todo o desafio, desde o seu início, ou se deverão, apenas, jogar-se os 70 minutos que faltavam para o jogo terminar.

O COLÓQUIO DA F.N.A.T.

SOBRE ACTIVIDADES GIMNO-DESPORTIVAS

REALIZA-SE NO PORTO, DE 11 A 16 DE OUTUBRO

Aproxima-se a data da realização do Colóquio Internacional sobre Actividades Gimno-Desportivas dos Trabalhadores, que a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho organiza, dando cumprimento a uma feliz sugestão do sr. ministro das Corporações, e, como não podia deixar de ser, activam-se os preparativos de tão importante realização.

A expectativa que se havia gerado á volta deste Colóquio está, em tudo e por tudo a ser excedida, devendo constituir um êxito sem precedentes. Todos os dias e de todos os lados chegam á F. N. A. T. as mais inequívocas demonstrações de apreço e de aplauso pelo empreendimento.

Basta a citação de alguns números para que se avalie da grandeza do Colóquio. Assim, podemos dizer que se eleva a 130 o número de representantes de quinze países, que de 11 a 16 do próximo mês de Outubro se reunirão no Porto, a fim de discutirem as muitas e variadas teses que serão apresentadas por autênticas autoridades em problemas de educação física, representantes das Alemanhas (Oriental e Ocidental), da Bélgica, do Brasil, da Bulgária, da Checoslováquia, da Espanha, da França, da Inglaterra, da Itália, da Jugoslávia, da Polónia, de Portugal, da Suécia e dos Estados Unidos da América.

A utilidade do Colóquio está, pois, devidamente comprovada e dos benefícios que dela advirão não é lícito duvidar, nem por um instante. De resto, está a gerar-se um ambiente de simpatia, traduzida em inúmeras adesões, como seja a valiosa colaboração de várias entidades para a recepção a fazer aos congressistas estrangeiros que vêm a Portugal.

A realização deste Colóquio antecede dois outros notáveis empreendimentos da F. N. A. T.: Os II Jogos Desportivos do Trabalho e o Concurso Peninsular de Pesca Desportiva. Em breve voltaremos a referirmo-nos a estas importantes iniciativas.

O México impõe limitações quanto às despesas dos Jogos Olímpicos

CIDADE DO MÉXICO, 26 — Conservando o seu «faro» fiscal, o México mergulhou nos preparativos para os Jogos Olímpicos de 1968.

Os planos englobam tudo, desde as dimensões dos bigodes até à possibilidade de meter cavalos na prisão.

Enquanto o Mundo murmurava, a comissão organizadora mantinha um sólido muro de silêncio, durante um ano. Havia um motivo: o México tentava resolver os problemas nascidos com os Jogos.

As manobras parecem ter terminado. As «decisões do alto» foram tomadas. Alguns trabalhos de construção vão começar em Outubro, enquanto outros projectos atingem a sua fase de construção no fim deste ano ou no princípio de 1967.

A regra fundamental do planeamento foi estabelecida muito claramente: os Jogos vão realizar-se com a menor despesa possível.

A participação será limitada. Cada país concorrente terá uma quota bem determinada de espaço.

« O México é um país pobre. Não nos podemos dar ao luxo de desperdiçar milhões» — esta é a maneira como as autoridades põem o problema.

O orçamento é equivalente a 690 mil contos, segundo revelou Pedro Ramirez Vazquez, que preside á comissão organizadora. Está bastante longe dos quase 58 milhões de contos gastos por Tóquio nos Jogos de 1964...

Tornou-se público que o presidente Gustavo Diaz Ordaz não se mostrou muito de acordo com os preparativos para os Jogos, quando assumiu o seu cargo em 1964. O projecto fora traçado pelo anterior presidente, Adolfo Lopez Mateos, grande adepto dos desportos.

Foi um dos vários programas dispendiosos com que Diaz Ordaz se sentiu prejudicado pelo anterior Governo. Correram rumores de que o México pensava em desistir da organização dos Jogos, mas esses rumores tinham pouco fundamento. O México é um país orgulhoso. Desistir — depois de vencer a concorrência, em especial Detroit, que insistia que o México era incapaz de realizar tal obra — estava fora de questão.

Mas Diaz Ordaz e uma boa parte dos eleitores sentem que o México precisa urgentemente de poupar dinheiro, para elevar o nível de vida. Apesar do fenomenal crescimento económico, metade da população tem salários irrisórios.

Tanto as esquerdas como as direitas têm atacado as despesas que se fazem com os Jogos.

A revista das esquerdas «Siempre» chama às olimpíadas «um pesado fardo» e afirma que «o México não está em condições de adquirir prestígio a tal preço». O dinheiro seria mais bem empregado em empréstimos aos empobrecidos lavradores do país ou em aumentos de salários dos operários — acrescenta.

«Os mexicanos são conhecidos por gastarem o seu último centavo para impressionarem os outros, por venderem a mobília para darem uma festa de arromba» — afirma um médico, empregado num organismo do Estado. «É exactamente isso que o Governo está a fazer com as olimpíadas. E o que vamos ganhar com isso?»

Apanhado entre o intransigente orgulho nacional e as imperativas necessidade da Nação, Diaz Ordaz traçou o seu rumo.

Por ordem do presidente, «todo o dinheiro absolutamente necessário será gasto — mas nem mais um centavo» — foi como António Haro Oliva, do gabinete do presidente do município da Cidade do México, apresentou a decisão.

Não se construirá um edifício se outro já existente servir para o efeito. As provas de halterofilismo, por exemplo, vão realizar-se num cinema do centro da cidade.

E todos os edifícios novos terão de ser construídos de modo a terem aplicação quando as olimpíadas terminarem.

A aldeia olímpica, por exemplo, será depois um bairro para funcionários públicos.

Não haverá nenhuma orgia de construção de hotéis, como aconteceu em Roma, onde se levantaram hotéis que ainda hoje estão vazios. Em vez disso, o público terá de limitar-se às acomodações existentes.

Não haverá melhoramentos nos sistemas de transportes, que nem chegaram a ser projectados. Os habitantes da capital que têm agora dificuldade em pagar os quatro cêntimos (12 tostões) dos autocarros, nunca poderiam juntar os 25 ou 30 cêntimos (7 ou 8 escudos) do metropolitano ou do «monocarril» — afirmam as entidades dos serviços de transportes.

A SEMANA DE FUTEBOL

DAS COMPETIÇÕES EUROPEIAS

LONDRES, 27 (A. N. I.) — É o seguinte o programa dos encontros internacionais marcados esta semana, nos torneios europeus:

Hoje, terça-feira — Taça dos Vencedores das Taças: Glentoran (Irlanda do Norte)-Glasgow Rangers (Escócia).

Taça das Cidades com Feira: Oergryte de Gotemburgo (Suécia)-Nice (França), segunda «mão» (na primeira «mão» 2-2); Burneley (Inglaterra)-VFB de Estugarda (Alemanha Federal), segunda «mão» (na primeira «mão» 1-1).

Amanhã, quarta-feira — Taça dos Campeões Europeus: Anderlecht (Bélg.)-Walkaekoshen Haka (Finlândia), seg. «mão» (na primeira «mão» 10-1); Inter de Milão (Itália)-Torpedo de Moscovo (Russia); Glasgow de Celtic (Escócia)-FC de Zurich (Suíça); FC de Malmoe (Suécia)-Atlético de Madrid (Espanha); Liverpool (Inglaterra)-Petrolul Pluoesti (Roménia); Esbjerc (Dinamarca)-Dukla de Praga (Checoslováquia); Ajax de Amsterdam (Holanda) - Besiktas de Istambul (Turquia).

Taça dos Vencedores das Taças: AEK de Atenas (Grécia)-Sporting de Braga (Portugal); Standard de Liége (Bélgica)-Limassol (Chipre), segunda «mão» (na primeira, 5-1); Shamrock Rovers (Irlanda)-Spora do Luxemburgo; OFK de Belgrado (Jugoslávia)-Spartak de Moscovo (Russia); Fiorentina (Itália)-Vasas de Gyoer (Hungria); Chemie de Leipzig (Alemanha Oriental)-Lgia Warsaw (Polónia); Aalborg (Dinamarca)-Everton (Inglaterra); Tatran de Presov (Checoslováquia)-Baeyrn de Munich (Alemanha Ocidental).

Taça das Cidades com Feira: Atlético de Bilbau (Espanha)-Red Star de Belgrado (Jugoslávia); na segunda «mão» (na primeira, 5 0); Antuérpia (Bélgica)-U. S. Luxemburgo, segunda «mão» (na primeira, 1-0); Dunfermline (Escócia)-FC de Frigg (Noruega); Spartak de Brno (Checoslováquia)-Dynamo de Zagreb (Jugoslávia); Fynamo de Pitosti (Roménia)-Sevilha (Espanha).

Jogo internacional — Em Budapeste: Hungria-França.

Sexta-feira, dia 30 — Taça dos Vencedores das Taças: S. K. de Oslo (Noruega)-Real Saragoça (Espanha).

Domingo, 2 de Outubro — Taça das Nações Europeias: Finlândia-Austria e Polónia-Luxemburgo.

CORPOS GERENTES DA F. P. H.

para a época de 1966/67

Ao abrigo do disposto no § 2.º do art.º 26.º do Decreto n.º 32 946, de 3-8-943, com a nova redacção dada pelo art.º 1.º do Decreto n.º 46 476, de 9-8-965, e por despacho da Direcção-Geral dos Desportos, de 14 do corrente, foi autorizada a entrada em exercício, a título provisório e precário, dos corpos gerentes eleitos para a época de 1966-67, que apresentaram a documentação, e aos quais já foi dado conhecimento directo.

A nova direcção tomará conta dos poderes da Federação hoje, pelas 22 horas.

SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA
motor
SAI AS 5.as FEIRAS

JOÃO ROQUE

é o novo guia da Volta a S. Paulo

S. PAULO, 28 — (A. N. I.) — O português, João Roque, ganhou a terceira tirada da «Volta ao Estado de S. Paulo», em 5 horas e 17 minutos.

O segundo lugar coube ao colombiano, Álvaro Pachon, com 5 h 17 m e 30 s e o terceiro ao brasileiro, Benedito Duarte, com 5 h 19 m 39 s.

Com a sua vitória de ontem e o terceiro lugar da véspera, João Roque subiu ao primeiro lugar da classificação geral. Soma 11 horas 41 minutos e 55 segundos para os 432 quilómetros das três etapas. Pachon é o segundo, com 12 horas 31 minutos e 57 segundos.

Também, por equipas, Portugal melhorou, passando para o primeiro lugar, por troca com a Colombia.

Na terceira tirada, Pachon ganhou mais cinco pontos no «Prémio da Montanha», que comanda, com dez pontos, seguido por Peixoto Alves, com cinco, e por Roberto Barbosa, do Brasil, também, com cinco.

Versão cinematográfica da «Berenice», de Racine

PARIS, 27 — (A. N. I.) — O realizador Pierre Alain Jovilet já terminou a rodagem dos exteriores da versão cinematográfica da obra de Racine, «Berenice», interpretada por Anna Gael e Jean Lescot.

XADREZ

Joaquim Durão em 12.º lugar num torneio em Amsterdão

AMSTERDÃO, 26 — (A. N. I.) — O português, Joaquim Durão, empatou com o inglês, Lee, na 9.ª jornada do torneio de xadrez dos «candidatos», que está a decorrer em Amsterdam.

J. Durão, com 3 pontos e meio, está em décimo segundo lugar. O guia da classificação, com 7 pontos e meio, é Gligoric, da Jugoslávia.

A EQUIPA SUECA (DE FUTEBOL) vem treinar a Lisboa por causa do muito frio...

ESTOCOLMO, 28 — (A. N. I.) — Será um ensaio para o encontro da «Taça das Nações Europeias» com Portugal o jogo que vai disputar-se, a 5 de Outubro, com a Áustria, em Estocolmo — declarou o «capitão» da equipa da Suécia, Orvar Bergmark.

«Conto que o interior do Feijenoord, Ove Kindvall, jogue em Lisboa e, por isso, o indiquei para jogar contra a Áustria, esperando, também, que alinhe contra a Dinamarca, no princípio de Novembro. Mas, a equipa não será reforçada com mais profissionais suecos, que jogam em clubes estrangeiros».

Acrescentando que no domingo vai a Helsinquia assistir ao Finlândia-Áustria, Bergmark disse, ainda, que a Federação sueca vai propor ás autoridades austríacas a substituição de dois ou três jogadores, durante o encontro de Estocolmo.

«Levamos dezoito jogadores para Lisboa e ficamos hospedados durante uma semana num hotel do Estoril. Tentaremos defrontar uma equipa da segunda divisão portuguesa, na quarta-feira, 2 de Novembro, e julgamos que o jogo será no Estádio Nacional.

«Penso que será muito útil esta semana de treino em Lisboa, antes do jogo, porque nessa altura do ano faz muito frio na Suécia».

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSORA — 1 programa — 451 m 655 kc/s — As 6 e 30. Noticiário; 17 e 30: Musica ligeira variada: 8: Noticiário; 18 e 10: Danças: 8 e 50: Defesa Nacional: «Aspectos novos de problemas velhos»; 19: Noticiário regional; 9 e 0: Atenção, Luanda!; 19 e 15: Orquestras e conjuntos; 9 e 30: Alegria no trabalho; 20: Variedades. 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Vamos ouvir.. jovens académicos; 21 e 20: 8.º episódio do folhetim: «O ultimo Mohicano»; 21 e 40: Que quer ouvir?; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Teatro das comédias: «Jacinta», de Goldoni; 0: Noticiário; 0 e 50: Ultimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa — 391 m — 755 kc/s — Às 18: Musica portuguesa; 18 e 45: «Sonata para violoncelo e piano», de Debussy; 19: O canto e os seus intérpretes; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 15: Concertos célebres; 20 e 52: Canções de Schumann, 21 e 5: Concerto, pela Academia de Instrumentistas de Camara; 21 e 40: Musica de piano, de Liszt e de Stravinsky; 22: Escritores perante a musica; 22 e 30: Trechos de óperas, de Beethoven, de Verdi e de Wagner; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º programa — 94,3 mc/s — Às 23: Musica sinfónica; 23 e 53: Festival de Chimay. de 966, em gravações cedidas pela R. A. I. — Radiotelevisão Belga. 0 e 23: «Uma cantata», de J. S. Bach. 0 e 50: Ultimas notícias; : Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290, 3 m — 1034 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Vozes e orquestras; 17 e 30: Vedetas ié-ié; 17 e 45: Ela e o seu mundo; 8: Histórias da tia Joaninha; 18 e 15: Clube das donas de casa; 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu, 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Noticiário; 20 e 5: Ribalta; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário, 21 e 8: Trompete mágica; 21 e 15: Hora alemã; 21 e 45: A estrela da noite: 22: Noticiário; 22 e 2: 45 rotações; 22 e 30: Quando o telefone toca, 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0: Noticiário e Meia-Noite; 6: Noticiário e Desculpe, mas já são horas

Modulação de frequências — 90,1 mc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 55: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa à Go-Go; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0: Noticiário e A noite é Vang; 1: Fecho

Emissor de Miramar — 383,1 m — 782 kc/s — Às 17: Noticiário; 17 e 2: Clube do disco; 17 e 46: À procura de um nome; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19: Noticiário; 19 e 2: Cançonetas; 19 e 15: Ritmos do Brasil; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Conjuntos portugueses; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio Placard; 20 e 8: Boletim de informações; 20 e 20: ... dirige o ritmo; 20 e 30: Novos discos; 20 e 45: Página regional; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Depois das nove; 21 e 30: Musica em alta fidelidade; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Os nossos artistas; 22 e 15: Ritmos do momento; 22 e 30: Melodias para a sua noite; 23: Noticiário; 23 e 5: Clube da Juventude; 0: Noticiário e Meia-Noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 18: A nossa musica e os nossos artistas; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Orquestras e canções; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Cartaz musical das Américas; 21 e 30: Suíça, centro da Europa; 21 e 45: Melodias para ouvir e recordar; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Musica de sempre; 22 e 45: Noite e ritmo; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 169 kc/s — Às 18: Quarto de hora infantil; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Canções a duas vozes; 19 e 45: Orquestras francesas, 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Suíça, centro da Europa; 21 e 45: Eventual; 21 e 55: Gravação cedida pela Republica da Alemanha Federal; 22 e 30: Musica escolhida; 22 e 45: Noite e ritmo; 23. A 23.ª hora; 2: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 397 m — 755 kc/s — Às 17 e 1: Abertura; 17 e 2: Programa de férias, que inclui: 17 e 15: Arquivo poeirento; 17 e 45: Noticiário; 17 e 55: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — 88 m — 1594 kc/s (99,4 mc/s) — Das 17 às 19 e 30: Rádio Voz de Lisboa; 19 e 30 às 22: Rádio Peninsular; 22 às 2: Rádio Voz de Lisboa

Programa da TV

HOJE — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 31, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45, Francis no país das feras; 20 e 0, Vida sã em corpo são — programa apresentado pelo dr. Ramiro da Fonseca. 20 e 30, Documentário; 21, Telejornal — edição da noite; 21 e 25, Boletim meteorológico; 21 e 30, Agenda da praça; 21 e 35, Concerto por um conjunto orquestral sob a direcção do maestro Silva Dionísio: «Divertimento para instrumentos de sopro, tímpanos, bateria, violoncelos e contrabaixos», de Fernando Lopes Graça (realização de Jorge Listopad); 22 e 05, Reportagem do exterior; 0 e 10, Telejornal — ultimas notícias; 0 e 15, Meditação, 0 e 20, Fecho

AMANHÃ — Às 19 e 30, Abertura; 19 e 31, Telejornal — edição da tarde; 19 e 45, Lanterna Mágica — Desenhos Animados da Série «Zé Colmeia»; 20 e 05, Junta da Acção Social; 20 e 20, Vamos Jogar no Totobola; 20 e 30, TV Motor — Apresentação de Joaquim Filipe Nogueira; 21, Telejornal — edição da noite; 21 e 20, Boletim Meteorológico; 21 e 25, Agenda da Praça; 21 e 30, Noite de Teatro — «NOVAS AVENTURAS DE PASCOAL». De autoria de Miguel Barbosa e Miguel Orrico. Intérpretes (por ordem de entrada em cena): Nicolau Breyner, José Galvão, Luís Filipe, Barreto Poeira, Alberto Vilar, Gréce de Castro, Maria Cristina, Armando Cortez, Delfina Cruz, Óscar Acúrsio, Helena Vieira, Tomás de Macedo, Joana Belo, João Silva, Rodolfo Neves. Cenografia de Hernani Lopes. Realização de Oliveira Costa; 22 e 30, TV Mundo; 23 e 30, Telejornal — ultimas notícias; 23 e 35, Meditação; 23 e 40, Fecho

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores. 322222 ✲ Voluntários. 538524

ÁGUA GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537021 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados) 382069

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 735380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865)

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soro, 771161 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T. Paço) 325345 ✲ Estação Mar de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém), 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno F

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318)

ALCÂNTARA — Probidade, R. Alcântara, 15-A-B (638589).

ALFAMA — Anunciada. R. do Vigário, 14 (866360).

ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-34, (845513).

AREEIRO — Belmar Av. Roma, 55 (776314) ✲ **Central do Areeiro,** Av Paris, 2 e 2-A (720820)

ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (841912)

ALVALADE — Alentejo, Av Igreja, 28-B (712682) ✲ **Rainha Santa,** R. Afonso Lopes Vieira, 57 (765262) ✲ **Brasília** Av Rio de Janeiro, 64 (722368) ✲ **Estados Unidos,** Av Estados Unidos da América, lote 373 (725859)

ARROIOS — Aliança, Av Almirante Reis 45 (50487)

AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica R. das Pretas, 12-14 (322588)

AVENIDAS NOVAS — Cardote, Ld.ª Av Visconde Valmor, 28 (772291) ✲ **Palma,** Aven. Duque de Ávila, 23 (47088) ✲ **Arga, Ld.ª** Av Praia da Vitória, 53 (43938 ✲ **Latino** Av. António Augusto de Aguiar 17 (42312)

BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida 36-E (44000)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, R. 21 41 (3892 6)

BAIXA — Internacional, Rua do Ouro, 228-230 (32017-30203)

BEATO — Grilo R. do Grilo, 25

BELÉM — Restelo R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Pedrouços) (610741)

BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 548 (700096 ✲ **Vitex** Est Benfica, 373-B (780548)

CAMPO DE OURIQUE — Almeida R. Silva Carvalho, 136 (681726). ✲ **Condestável,** R. Coelho da Rocha 9 (666206)

CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ **Rualto, Ld.ª,** Rua do Arco Carvalhão. 5-A/5-B (651721)

CAMPO GRANDE — Santa Marta, Av. 5 de Outubro, 283 (763016 e 765635)

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixa. Vila Paulo Jorge 1 (790969)

COND. DE REDONDO — Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26 (45048)

ESTRELA — Aurélio Rego, Calç. da Estrela 39 (661758)

GRAÇA — Progressiva, R. de St.ª Marinha, 18 (863619)

JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival 290 (661003) ✲ **Marcos de Nascimento,** Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (664238)

LUMIAR — Patuleia Herdeiros, Lumiar, 122-124 (790332)

MARQUÊS DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536)

OLIVAIS — Simão, Rua D., 1, lote R, à Av. Entre Aeroportos (388581).

PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439)

PENHA DE FRANÇA — Dimer, R. Conde de Monsaraz, 7-B (842533)

PICHELEIRA — Marluz, Calçada da Picheleira, 140-C (720703 e 728395)

PRÍNCIPE REAL — Oliveira, R. D. Pedro V, 123-125 (27880)

REGO — Prates e Mota, R. Beneficência, 91 (773728)

SANTO AMARO — Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (637070).

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 2341 37).

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).

ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão, 10 (Tel. 270212)

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 14

BARREIRO — Central — Av Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207).

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — P. 5 de Outubro, 62 (Tel 270121).

MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229025)

SETÚBAL — Lisboa — R. Dr. Paulo Borba (Tel. 22248); **Baião** — Av. Portela (Tel. 22709)

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

Na Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Avenida Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 86 (Tel. 2420034).

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)

PAREDE — Aisir — Av Gago Coutinho — Bairro Caixas de Previdência (Tel. 2472948)

ESTORIL — Coste — Avenida Sabóia, 29-B, Monte Estoril (Tel. 260085)

CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 9, 41 (Tel 280141); **Cascais** — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

Na Linha de Sintra

AMADORA — Melo — Praça D. João I, lote 46, Bairro Janeiro (Tel 931551); **Central** — Aven. do Cardoso Lopes, 25 (Tel 932210) **Igreja** — Praça da Igreja, lote 2 (Tel 937740)

QUELUZ — Correia — Largo do Mercado, 3 (Tel 950905); **Zeller** — Rua da República, 83 (Tel 950043)

CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins 285 (Tel 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel 980456)

SINTRA — Marrazes (Vila) — L. Rainha D. Amélia 20 (Tel 980155).

VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 0 (Tel 933920)

COLARES — Colares — Abrelo (Tel. 299088)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. PPC 76 61 6

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

A CIDADE

Abastecimento de água a zonas pobres

Tem constituido princípio da Câmara Municipal atender, sem delongas, todos os pedidos de abastecimento de água dos bairros ou agregados populacionais mais modestos. Dezenas de petições, subscritas por grande número de assinaturas, têm sido deferidas.

Prosseguindo na orientação que estabeleceu, o sr. general França Borges, deferiu agora a instalação de novos marcos fontanários nos seguintes locais: Rua do Fidié e Azinhaga das Murtas; Estrada da Portela — Quinta do Alto, Quinta do Narigão e Quinta do Ourives.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem e entregues na P. S. P. (Governo Civil):

Lenço de seda; camisola; luvas; relógio de senhora; carteiras com documentos de Domingos Martins de Sousa e Luís Manuel da Conceição Freitas; cartão militar de António Carreira Coelho; bilhete de identidade de Manuel Martins e César Ferreira Mendonça; sapato de senhora; boné; chapéu de chuva; óculos graduados; camisola de malha; diversas fotografias; saco de plástico com artigos de fogão; tampão de roda automóvel; e argolas com chaves.

[illegible]IS

António Henriques Adão

FALECEU

Maria Garcia Adão, Boaventura Henriques Adão, Bernardino Henriques Adão e sua mulher, Amanda Garcia Adão e seu marido e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade, o falecimento do seu muito querido e chorado filho, irmão, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza para o cemitério desta localidade em data e hora a determinar.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % 1. :0	658$00	658$00	660$00
Cons. 3 % 1 10	730$00	729$00	730$00
Cons. 3 1/2 % 1. 10	—	835$00	845$00
Centenários 4 % 1940	1.970$00	1.970$00	1.975$00
Obg Tes. 2 1/2 % 942	—	1.008$00	—
Obg Tes. 2 1/2 % 943	—	1.008$00	—
Obg Tes. 2 1/2 % 944	—	—	—
Externo 1.ª série	1.240$00	1.240$00	—
Externo 1.ª série cor.	—	1.250$00	—
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série cor.	—	1.260$00	—
Externo 3.ª série	—	—	1.300$00
Externo 3.ª série cor.	—	1.300$00	1.320$00
Caut. 3.ª série s/1	300$00	—	—
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	460$00	480$00
Norte de Portugal 5 %	—	102$00	—
Gás, Elect 3 3/4 %	—	—	—
Gás, Elect 4 %	—	860$00	900$00
Gás, Elect. 4 1/2 %	905$00	900$00	—
Gás, Elect. 5 %	995$00	995$00	1.000$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	85$00	—
U. E. P. 4 % 1945	—	88$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	90$00	—
U. E. P. 5 % 1951	89$50	89$00	90$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
Sonefe	800$00	800$00	815$00
H do Douro	910$00	907$00	910$00
H. E. S. Estrela	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	1.000$00	1.000$00	1.002$00
Metropolitano	988$00	988$00	990$00
TAP	990$00	990$00	995$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	1.800$00	1.700$00	1.820$00
Angola	1.460$00	1.460$00	1.470$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	4.100$00	—	4.100$00
Portugal	2.800$00	2.750$00	2.850$00
Ultramarino	1.444$00	1.440$00	1.448$00
Agricultura	1.050$00	—	1.050$00
Crédito Predial	—	1.705$00	1.800$00
P Atlântico	—	—	—
Totta Aliança	—	—	—
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	350$00	345$00	350$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Ag Cassequel	520$00	515$00	520$00
Ag das Neves	—	90$00	100$00
Agricultura Colonial	—	90$00	—
Açúcar de Angola	—	720$00	750$00
Boror	—	135$00	150$00
Cabinda	—	—	—
Cadá	1.500$00	1.495$00	1.520$00
Com do Búzi	—	67$00	67$50
Ilha do Príncipe	—	390$00	500$00
Incomati	—	—	—
Moçambique	—	51$00	—
Zambézia	—	45$00	46$00
Diamantes	1.190$00	1.180$00	1.195$00
Lobito	—	510$00	525$00

Comp.as diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	1.900$00	—
Cimentos Leiria	—	1.500$00	—
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	1.530$00	1.520$00	1.530$00
Nac de Navegação	1.180$00	1.175$00	1.190$00
Col de Navegação	—	590$00	620$00
Port de Celulose	—	4.700$00	4.800$00
Port de Pesca	—	—	—
Port de Tabacos	395$00	395$00	400$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
Petroquímica	—	—	4.150$00
Termoeléctrica	—	1.900$00	2.000$00
Sacor	5.200$00	5.150$00	5.250$00
Socel	3.700$00	3.650$00	3.750$00
U F. Azoto	1.290$00	1.285$00	1.295$00
Águas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 934	—	—	540$00
Águas Lisboa 936	—	410$00	480$00
Eléct das Beiras	—	1.820$00	1.840$00
Gás e Electricidade	430$50	430$00	430$50
H Alto Alentejo	244$00	243$00	244$00
H E Cávado	1.455$00	—	1.460$00
H E Zêzere	1.685$00	1.680$00	1.690$00
Nac de Electricidade	1.750$00	1.745$00	1.755$00
União Eléctrica Port.	239$00	—	239$00
H. Douro	1.515$00	1.515$00	1.520$00
H. E. S.	—	2.100$00	—
F. I. D. E. S	—	118$50	122$10
F. Invest Atlântico	—	173$50	178$70

BANCO BORGES & IRMÃO

PAÍSES	COMPRA	VENDA
África do Sul — Rand.	35$50	37$50
Alemanha — Marco	7$10	7$30
América:		
Dólares de 1 e 2	28$40	28$70
Dólares de 5 a 1000	28$60	28$90
Argentina — Peso	$09	$14
Austria — Shilling	1$10	1$15
Bélgica	$55	$57
Brasil — Cruzeiro	$01	$01,5
Canadá — Dólar	26$40	26$90
Dinamarca — Coroa	4$10	4$30
Espanha — Peseta	$47,5	$48,5
França	5$77	5$92
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	79$50	81$00
Itália — Lira	$04,55	$04,7
Marrocos — Dirham	4$70	5$20
Noruega — Coroa	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça — Franco	6$60	6$75
Ouro:		
Inglaterra (Libra Isabel)	290$00	300$00
Inglaterra (Libra)	217$00	232$00
Portugal — barra fino	33$00	33$70

J. BURNAY, L.DA — RUA DO OURO 72

Notas estrangeiras — Papéis de crédito — Telef. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
Telef. 5 05 95
(M. 12 anos)
Às 3 da tarde (p.r.) e 9.30 da noite
9.ª MÊS
38.ª SEMANA
Um espectáculo maravilhoso em TODD-AO em 70 mm
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

SÃO LUIZ
Telef. 32 71 72
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
Um filme que vai ser um sucesso
2.ª SEMANA
BOEING - BOEING
com Tony Curtis — Dany Saval — Jerry Lewis

MONUMENTAL
Telef. 55 51 31
Às 15.15 e 21.30
Um espectáculo inesquecível de beleza, grandiosidade, dramatismo e amor
DOUTOR JIVAGO
com Geraldine Chaplin, Julie Christie e Tom Courtenay
(Adultos)

AVIS
Às 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Roger Browne e Liz Havilland
na inesperada história de sete magníficos rebeldes lutando como demónios!
7 CONTRA TODOS
Technicolor — Techniscope
Acção! Espectáculo! Aventura!
AR CONDICIONADO

CONDES
Telef. 32 25 23
Às 15.15 (p. r.) e 21.15
Uma história imortal, um filme eterno
em 2.ª SEMANA
E TUDO O VENTO LEVOU
(Gone with the Wind)
Clark Gable, Vivian Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
Technicolor AR CONDICIONADO
(Adultos)

SÃO JORGE
Telef. 5 41 53/54
Às 15.15 e 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
um espectáculo moderno, humano, desesperadamente verdadeiro
NA SOMBRA DO ESQUECIMENTO
com Hayley Mills e Ian McShane

ODEON
Telef. 32 62 83
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO DO CINEMA NACIONAL
SARILHO DE FRALDAS
com Madalena Iglésias e António Calvário
Rir com a história de um bebé que provoca a suspeita de ter sido raptado
Admiráveis canções e bailados
(Col.) (Maiores 12 anos)

MUNDIAL
Telef. 53 87 43
Às 21.30
(Adultos)
Um título que têm auréola de terrível legenda e que recorda um espectáculo esmagador
ÁTILA
com Anthony Quinn — Sophia Loren

EUROPA
Telef. 66 10 16
Às 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
O 1.º grande êxito da nova temporada
5.ª SEMANA
A BATALHA DAS ARDENAS
com Henry Fonda, Robert Shaw e Robert Ryan

RESTELO
Telef. 61 03 75
Às 15 e 21.30
(M. 12 anos)
OS GRANDES AVENTUREIROS DO ARKANSAS
com Brad Harris e Marie Adorf

TERRASSE
Telef. 32 09 17
Às 15 e ás 21
(M. 12 anos)
O GRANDE MASSACRE
O DIABO ÀS 4 HORAS

CINEMA IDEAL
Telef. 32 41 94
As 15.15 e 21.15
(M. 17 anos)
COPACABANA PALACE
A CORTESÃ DO ORIENTE

IMPÉRIO
Telef. 55 51 34
Às 15.15 e 21.30
(M. 6 anos)
5.ª SEMANA
JULIE ANDREWS canta e encanta em
MARY POPPINS

ESTÚDIO
As 15.30, 18.30 e 21.45
(Adultos)
19.ª SEMANA
O melhor filme de sempre
AFRICA ADEUS

ROMA
Plateia 72 77 78
Balcão 72 91 92
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Um novo estilo de filme policial!
AGENTE DO F. B. I.
com GEORGE NADER
Intenso — Realista — Absorvente
AR CONDICIONADO

POLITEAMA
Telef. 32 63 05
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
2.ª SEMANA
da arrojada missão de um agente secreto
O. S. S. 77 — OPERAÇÃO FLOR DE LÓTUS
com Robert Ken e Dominique Boschero
(Scope Col.) (Adultos)

estudio 444
Telef. 75 00 95
Às 15.15 e 21.45
(Adultos)
22.ª SEMANA
5.ª MÊS
do mais extraordinário e vibrante documentário sobre o ilegal mercado de carne humana!
AS ESCRAVAS AINDA EXISTEM
Realização em Eastmancolor
AR CONDICIONADO

ALVALADE
Telef. 76 30 80
Às 15.45 (p. r.) e 21.45
(M. 17 anos)
Uma alegre comédia
em 2.ª SEMANA
BOEING - BOEING
com Tony Curtis — Jerry Lewis

EDEN
Às 15.15, 18.30 e 21.30
(M. 17 anos)
O filme mais corajoso do moderno cinema italiano
O MUNDO EM QUE VIVEMOS
Uma obra que chega na hora própria

LIZ
Telef 4 85 60
A's 15 e 21 horas
(Adultos)
OS HERÓIS DE TELEMARK
POR FAVOR ENFERMEIRA

Anthony Quinn e Henry Verneuil num novo filme

PARIS, 27 — (A. N. I.) — O actor Anthony Quinn e o realizador Henry Verneuil, que acabaram de filmar, em Paris, «A Vigésima Quinta Hora», com Virna Lisi, encontram-se, no próximo ano, no México, para realizar um novo filme, cujo título é «Um Muro para S. Sebastião».

LESLIE PHILLIPS
JAMES ROBERTSON JUSTICE
SHIRLEY ANNE FIELD · JOHN FRASER
JOAN SIMS · ARTHUR HAYNES
ELISABETH ERCY

*

DOUTOR... TENHA MANEIRAS
(Doctor in Clover)

*

Um estimulante infalível!

*

CONSULTAS
A PARTIR DE
5.ª FEIRA
ÀS 21.30 NO
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
Maiores de 12 anos

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Grande companhia Internacional» (M 6 anos).

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21.45: «A mulher do roupão» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45 «A família Sam» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Quando é que tu casas com a minha mulher» (17 anos)
ABC — Às 20 e 45 e ás 23: «Mini-Saias»
MONUMENTAL — Às 20 e 30 e 23 — «Esta Lisboa que eu amo» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «O apache branco» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «A voz da montanha» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «A maldição do rubi negro» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Silvia» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Convite a um pistoleiro» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Desafiando o perigo» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Reportagem perigosa» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Siga a Marinha» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Hatari» (12 anos).

● Na Linha de Cascais

OEIRAS — Oeiras-Cine — Às 21: «O jogo do assassino» (17 anos).
CARCAVELOS — Vitória-Cine — Às 21 e 30: «Tu viverás» (17 anos).
ESTORIL — Cine-Esplanada — Às 21 e 30: «Colt 45» (17 anos).
CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «Exodus» (17 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — Incrível — Às 21 e 15: «Passaporte para o desconhecido» (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — Cine-Copacabana — Às 21: «Lady L» e «O tesouro do Barba Rubra» (17 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — Às 21 e 15: «O senhor Hobs vai de férias» (12 anos).

● Na Linh de Sintra

DAMAIA — D. João V — Às 21 e 15: «Punhos de ouro» (12 anos).
AMADORA — Recreios Desportivos — Às 21 e 15: «Uma aventura louca» (12 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — Às 21 e 15: «Tótó na Arábia» e «Eddie e a Interpol» (17 anos).
MEM MARTINS — Cine-Chaby — Às 21 e 30: «Que tal a minha irmã?» (17 anos).
SINTRA — Carlos Manuel — Às 21 e 30: «O grande espectáculo» (12 anos).
ERICEIRA — Casino — Às 21: «Operação Istambul» e «A Tirana» (12 anos).

CURSO LICEAL

1.º, 2.º e 3.º CICLOS
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

Inscrições na Secretaria às horas normais de expediente

ESCOLA SÃO VICENTE — Rua do Paraíso, 28
Telefones P. B. X. 865904 - 863232 - 863356 - 729395

Dizem os leitores...

Onde a prática da caça constitui um perigo

Escreve-nos o sr. Mário Baptista Pereira, leitor de Lisboa:

«*Sr. director:* Na Charneca da Caparica, a cerca de 1 km da Praia do Rei, para norte, têm-se construído, nos ultimos anos, algumas casas, uma das quais do signatário. A poente destas e doutras casas, existe uma faixa de pinhal, junto ás arribas, que se estende até á Lagoa de Albufeira e que nesta época é muito frequentada por caçadores de rolas.

Sucede, por vezes, que os caçadores, perseguindo as referidas aves, se aproximam de tal modo das casas que com os tiros assustam as crianças que nelas vivem. No passado domingo sucedeu que um caçador teve o atrevimento de na minha frente e de um meu neto de dois anos abater uma rola que se encontrava pousada num pinheiro existente á porta da minha casa, situada a 20 metros para dentro do muro que circunda a minha propriedade. Resultou daí, naturalmente, um conflito que poderia ter tido consequências muito desagradáveis.

Não se põe em causa a questão da caça ás rolas; mas sim o perigo que pode resultar da sua prática junto ás casas habitadas situadas próximo daquela faixa de pinheiros.

Um outro ponto também a considerar é o facto de alguns habitantes do local se queixarem de que todos os anos lhes matam pombos.

As entidades competentes, mediante prévio inquérito no local, deveriam providenciar no sentido de que aquela faixa de pinheiros entre a arriba e as casas seja interditada á prática daquele desporto».

EDIÇÕES EM FASCÍCULOS

«PORTUGAL — A TERRA E O HOMEM»

Está publicado o fascículo n.º 13 do trabalho de Jaime Cortesão «Portugal — A terra e o homem», editado pela «Artis», valorizado por ilustrações a cores de Abel Salazar, Eduardo Viana, Alvarez, Armando Basto, António Carneiro, Sousa Lopes, António Cruz, José Malhoa, Abel Manta, Alice Jorge, Julio Pomar, Julio Resende e Bernardo Marques.

«A CONTABILIDADE E O SEU MUNDO»

Recebemos o fascículo n.º 18 de «A contabilidade e o seu mundo», manual enciclopédico de cultura e técnica contabilística, da autoria do prof. Martim Noel Monteiro, editado pela Portugália.

Notícias de Coimbra

Morreu um homem que foi atropelado

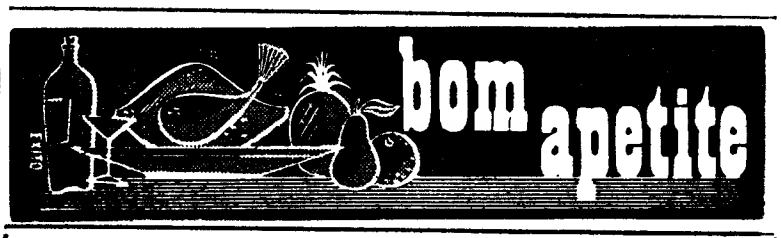
Na Avenida João das Regras, próximo do Estádio Universitário, um automóvel conduzido pelo sr. Ramiro António, morador em Chainça Abrantes, atropelou o sr. António da Silva, de 33 anos, casado, natural do Roxo, Lorvão, onde residia, que ficou bastante ferido, tendo sido conduzido para os Hospitais da Universidade, onde deu entrada numa enfermaria, tendo falecido mais tarde.

Incendiou a cama com uma ponta de cigarro

O agricultor sr. Alfredo da Cruz, de 64 anos, casado, residente no lugar de Alqueide, Folques, deitou-se e acendeu um cigarro. Porém, adormeceu e, quando acordou, sentiu dores e calor, pois tinha deitado fogo á roupa da cama, sofrendo por isso graves queimaduras. Foi transportado para os Hospitais da Universidade, onde deu entrada numa enfermaria, em perigo de vida.

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

DEFENDA-SE DO PERIGO
LEMBRE-SE
O AMORTECEDOR KONI DARÁ
MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE
CARREGAVEIS • REGULAVEIS • REPARAVEIS
UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO
Distribuidores para Portugal — Sociedade Geral de Importação, Lda.
Avenida António Augusto de Aguiar, 23-A — Telefone 731131



RESTAURANTE FIL
UMA JANELA ABERTA SOBRE A PONTE
ALMOÇOS • LANCHES • JANTARES
PRAÇA DAS INDÚSTRIAS • À JUNQUEIRA
TEL. 63 90 48

RESTAURANTE TATU
CAMPO GRANDE, 80. Telef. 765188
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
5.ª-FEIRA
PATO NO FORNO
Servem-se casamentos e baptizados

Café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO, 145-A
Telefs. 672229 - 666532

A B. M. C. VAI DESPEDIR 11 MIL OPERÁRIOS

LONDRES, 27. — (F. P.) — A British Motor Corporation, o maior construtor de automóveis da Inglaterra, fez saber que a partir de 4 de Novembro próximo serão despedidos 11 mil dos seus operários

Este numero representa 10 por cento do pessoal ao serviço desta companhia que é o dobro do anunciado há duas semanas. Com estes despedimentos, será possível restabelecer, dentro de algum tempo, a semana de cinco dias de trabalho para outros 38 mil operários, colocados em situação de desemprego parcial na semana passada.

FÁBRICA ENCERRADA

A B. M. C. anunciou ainda que a sua fábrica de Longbridge, em Birmingham, onde trabalham 28 mil pessoas, será encerrada hoje á tarde, em consequência da greve declarada na segunda-feira de manhã pelos 600 distribuidores de veículos.

U Thant galardoado com o prémio Nehru

NOVA DELHI, 27 — (R.) — O secretário-geral das Nações Unidas foi hoje designado para receber o prémio Nehru para a compreensão internacional.

O prémio, no valor de 380 contos, foi instituído em 1964.

U Thant será convidado a vir a Nova Delhi receber o galardão.

O secretário-geral é a primeira pessoa contemplada com este prémio.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em m peza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 223422, R. da Prata, 156, s/l (único no género).

Ao sair da prisão, o primeiro cuidado do Rómulo Severino foi conhecer o resultado do seu ultimo exame

O falso médico saiu da prisão afiançado em 20 contos

O sr. Manuel Severino, pai do falso médico Rómulo Manuel dos Santos Severino, requereu, esta manhã, para prestar a caução de 20 contos, arbitrada, pela Polícia Judiciária, como condição para o filho ser posto em liberdade.

Cerca do meio-dia,, em face do documento comprovativo de que o dinheiro fora depositado, nos termos legais, o dr. José Neto Pereira da Silva, subdirector da Polícia Judiciária, passou um mandado para que o preso fosse imediatamente posto em liberdade.

Eram 13 horas quando o agente Andrade saiu da secção com o preso e se dirigiu ao local onde o sr. Manuel Severino aguardava o filho, no átrio do 2.º andar da Polícia Judiciária. O encontro caracterizou-se por uma embaraçosa frieza. Com alguns livros debaixo do braço, o Rómulo quebrou o gelo, dizendo para o pai:

— Vou agora ao Instituto Industrial saber o resultado da minha primeira prova de admissão, a ver se fiquei dispensado na prova escrita.

Despediram-se e o Rómulo apressou-se, efectivamente, a ir verificar as pautas, no Instituto onde fez ainda há pouco o seu exame. Entretanto, foi-nos dizendo:

— Parece que houve quem dissesse mal de mim. A verdade é que não julgo ter cometido crime nenhum. Só queria fazer bem. Passei muitos dias no hospital, a tratar feridas, a pôr adesivos, durante 24 horas seguidas. Impressionaram-me muitos casos que vi e, com frequência, dava todo o dinheiro de que dispunha a doentes que nada tinham para voltar para casa. Alguém me considera um criminoso?

Conta que se entusiasmou com a leitura de livros médicos e a simpatia de alguns clínicos.

— Só me resta pedir a todos que me perdoem a acção que cometi.

No átrio do Instituto Industrial, não estão ainda afixadas as notas dos exames. Num alvoroço, dirigiu-se á secretaria, mas ali informaram-no de que só amanhã se conhecerão os resultados.

CICLISTA ATROPELADO por uma furgoneta

ÉVORA, 27 — Na estrada que liga esta cidade a Viana do Alentejo, próximo da povoação de Aguiar, uma furgoneta conduzida pelo seu proprietário sr. Francisco Manuel Gaio, que transportava lenha, atropelou o sr. António José Teixeira Arronhado, de 26 anos, casado, jornaleiro, que seguia para casa em bicicleta.

Sobre a carga da furgoneta ia o sr. António Seco da Luz, de 70 anos, casado, jornaleiro, que foi cuspido do veículo ao verificar-se o acidente. O ciclista e o jornaleiro foram conduzidos para o Hospital da Misericórdia, onde o primeiro ficou internado devido á gravidade do seu estado, tendo o segundo, depois de receber tratamento, seguido para casa.

ENCERRADA EM ACCRA A EMBAIXADA CUBANA

do Ghana ordenou o encerramento da embaixada cubana nesta cidade, como represália pelo auxílio que Cuba estaria a dar ás actividades subversivas fomentadas pelo antigo presidente Nkrumah — anuncia-se oficialmente.

«Miss Moçambique» chegou de avião para passar um ano em Lisboa

«Miss» Moçambique ao desembarcar esta manhã no aeroporto de Lisboa

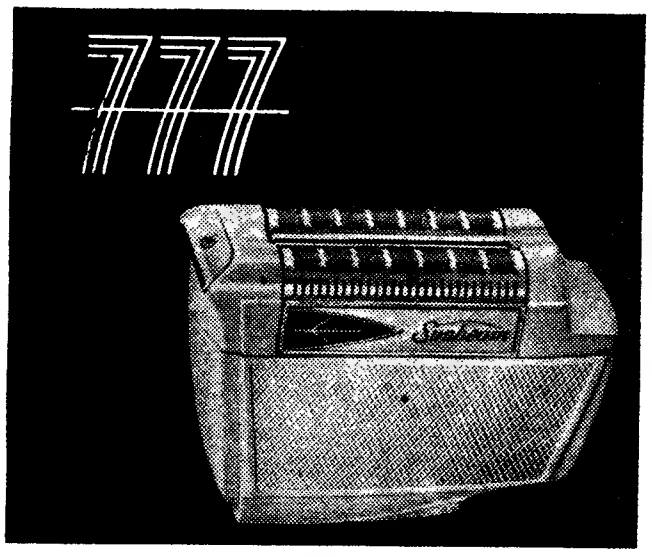
Entre a pequena multidão cosmopolita que anima todos os dias o aeroporto da Portela, numa variedade polícroma de vestidos garridos e de frescos sorrisos, destacava-se, esta manhã, uma jovem portuguesa, recém-chegada de Lourenço Marques, que ostentava um título significativo: «Miss Moçambique».

Chama-se Teresa Amaro e com uns lindos olhos castanhos, cabelos louros e uma figura esbelta, representa condignamente a juventude feminina de Moçambique. De chapéu de aba larga, com um casaco cor-de-rosa e blusa do mesmo tom, irradiava simpatia, quando, na companhia da mãe, desceu do avião da TAP, em que veio a convite da companhia.

Teresa Amaro tem 19 anos, é estudante e foi eleita «Miss Moçambique» entre dezasseis concorrentes, representando Lourenço Marques, Beira, Nampula, Inhambane e Manhiça.

Vem passar um ano em Lisboa, onde tenciona completar o curso comercial, e traz o secreto desejo de representar a sua terra num eventual concurso para a eleição de «Miss Portugal». Com ela terão de se haver as concorrentes metropolitanas...

Sunbeam



A maior inovação em máquina eléctrica de barbear.

AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA
DEPOSITÁRIO NO PORTO
ÉLIO AMORIM

LATINA M/6 Anos

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 21.30 HORAS

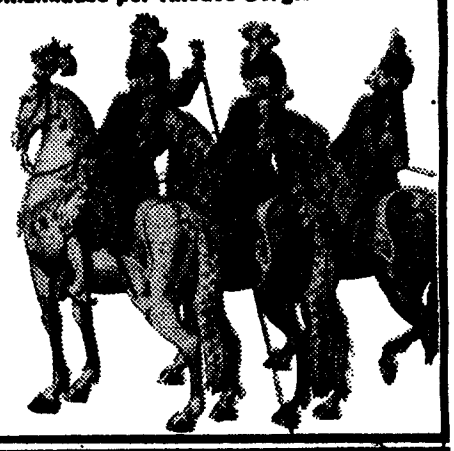
CORRIDA DE GALA À ANTIGA PORTUGUESA

dedicada aos participantes do I Congresso da Sociedade Internacional de Mecânica das Rochas

CAVALEIROS

MESTRE BAPTISTA * JOSÉ NÚNCIO
JOSÉ LUPI * LUÍS MIGUEL DA VEIGA

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
comandados por Rhodes Sérgio



TOIROS DO ENG. JOAQUIM GRAVE 6

Bilhetes à venda nos locais de costume
(Telefs. 771819, 761539, 321712 e 30769)
PREÇOS DESDE 25$00

BOWLING

CINCO PISTAS AUTOMATIZADAS

CAFÉ ● RESTAURANTE
SNACK-BAR ● TABACARIA

MATERIAL E EQUIPAMENTO APROVADOS PELA FEDERAÇÃO MUNDIAL DE BOWLING

hotel estoril-sol

ENTRADA PRIVATIVA JUNTO A PORTA PRINCIPAL DO HOTEL

CURSO DE ELEGÂNCIA E CONVÍVIO SOCIAL

Sob o patrocínio do Instituto L'Art et L'Élégance

Durante um mês, compreendendo: Andar, movimento e atitude // Elegancia, etiqueta e normas de vida em sociedade // Decoração de interiores, floral e mesa // Maquillage // Cabelo // Conferências de ambientação cultural // Formação // Dietética.

Inscrições para as poucas vagas existentes para Outubro, Nov. e Dezembro.

Curso de decoração de interiores e flores — em Outubro e Novembro.
Curso de culinária francesa — em Outubro e Novembro.
Curso de artes decorativas — em Outubro e Novembro.
Curso de puericultura — em Outubro e Novembro.

Boas optr. de colocação. Inscrições e inf. no Hotel Tivoli. Esc, 2.

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Diário de Lisbôa

N.º 487

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

POEMA

Viajar
para
quê

não
vale
a
pena

respiremos
o
clima

da
«peça»
em
cena

F. MARTIN

CALOR TARDIO

Por António Barahona de Almeida

Não, desta vez não é dia de chuva, nem de vento fustigante, nem de tristeza fria, não... é uma tarde de calor pegajoso com céu de moleza. Calculo portanto que também todos vocês devem estar a derreter com o calor, e ir-vos contar a minha história seria derreter-vos ainda mais. Sabem, parece-me que a contarei de outra vez, quando for dia de chuva, de vento fustigante, de tristeza fria... Mas depois é tudo tão lugubre que a minha história ainda o vai acentuar mais, por isso, talvez... que acham vocês? Digam, não se limitem a ler, dêem a vossa opinião!

Resolveram-me com os vossos acenos afirmativos. Vou contá-la a vocês todos agora mesmo.

Saí de casa com a gordura do corrimão a ensopar-me o bolso das calças, tropecei no oleoso da calçada e fiquei a equilibrar-me defronte de uma montra que não mostrava nada e que tinha a fronte coberta de transpiração. Tive vontade de pegar em agulha e linha e cozer aquele toldo velho, que tão impiedoso estava a ser para com ela. Mas tive de passar adiante, porque parado, o suor ia-me caindo em pingos grossos da ponta do nariz para os sapatos, estragando o belo trabalho em que o sapateiro se esmerara ainda na véspera.

Aproveito agora uma pequena paragem de atravessar a rua, para responder á pergunta que vejo me querem fazer: «Mas que tem tudo isto a ver com a tua história?» Não se impacientem e aguardem um pouco que já verão, mas posso desde já acrescentar-vos que é o caminho para chegarmos a ela.

Retomei os meus passos,

(Continua na 4.ª página)

PROMETEU E OUTROS MITOS

XAVIER

por M. LEONOR

Fiquei contente por si, com o meu Festival. O meu caro confrade de andanças literárias, dá-me a honra de realizar um Festival com o meu nome. Festival Xavier, do meu apelido o que é bom sinal, para quem como o meu amigo se esconde atrás de um pseudónimo como Simenta Mordido (não sei se o S será erro ortográfico). Se está Mordido, não sei quem fosse, mas julgo que qualquer cão dos vulgares, desses a que chamam rafeiros, faria o trabalho. Mas como o meu confrade Mordido muito bem disse, em cada lugar há uma metafísica, até no fumar há uma metafísica... logo, deve haver por certo também uma na dentada de um cão.

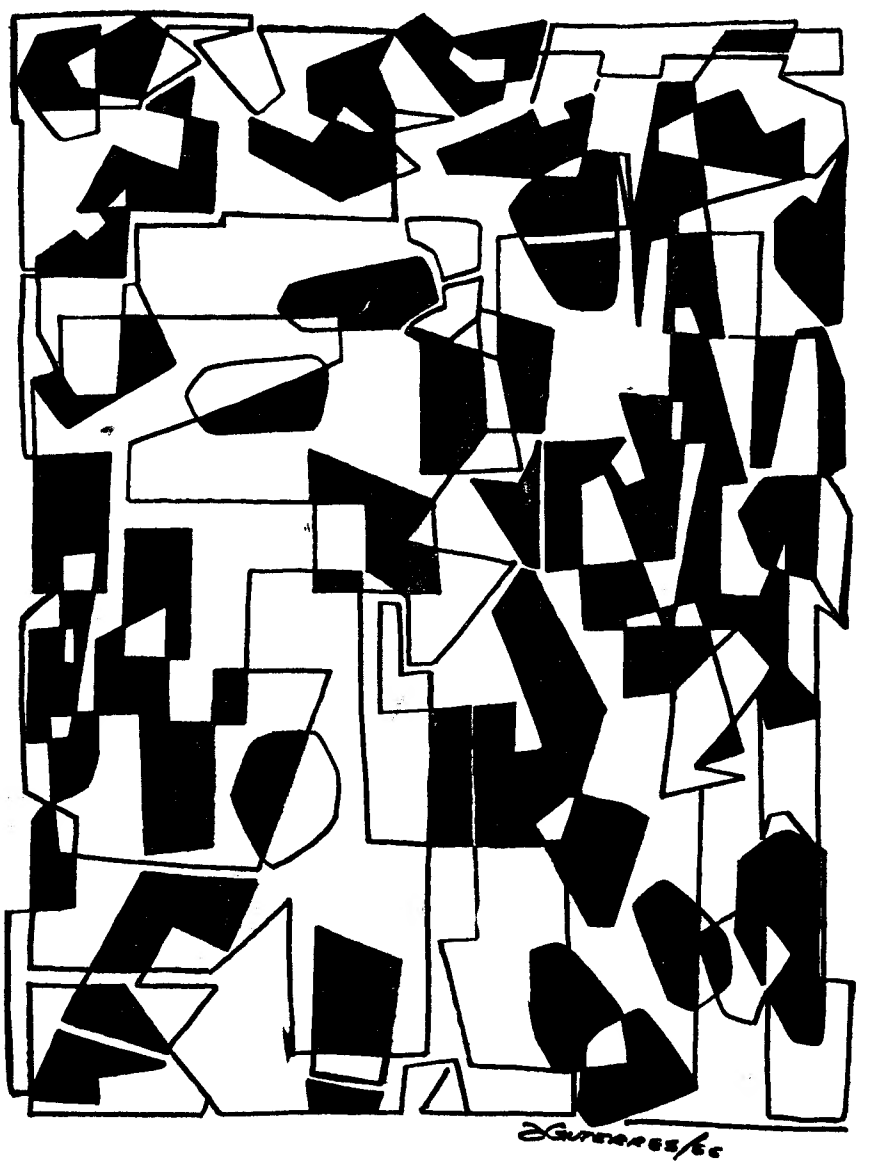
A si, o que o preocupa é a metafísica consequente do meu poder imaginativo e reconstrói a partir de três contos meus o que pensa ter sido a criação dos tais artigos. Quero, desde já, desenganá-lo. Realmente, como muito bem afirma, sinto-me ser pensante e sensitivo e elevo-me acima das águas turvas da existência, que já por si é bem enfadonha com tantas mordidelas e mordedores que para aí andam... Depois, o seu caso lembra-me o famoso mito de Prometeu e outros quejandos. Agarra-se a um rochedo, com uma ave a comer-lhe o fígado. Mas é um Prometeu simpático, nada blasfemo, e contudo também não resignado. Um Prometeu mais satirizante e um nadinha algo jocoso, a modos como que numa comédia de Aristófanes. O colega compraz-se em citar lugares comuns de uma pessoa comum. Quanto ao tédio da areia, cada qual sente como sente e se a sua metafísica (ao fim e ao cabo, creio que não tem nenhuma) percebesse a minha metafísica, eu ficaria privada do meu Festival ofertado por si. Liberte-se das correntes que (em sentido figurado, já se vê) lhe entolham os movimentos, e escreva para o Juvenil. Nunca encontrei um nome tão engraçado como o seu entre as páginas deste: Simenta Mordino — é cómico e vê-se á distância que precisa de auxílio, quer dizer, curativo...

Quanto á menção honrosa que ganhou á minha custa, que ela lhe faça bom proveito. Não desço mais á arena, é a minha primeira e última estocada. Entretanto, como talvez lhe faça bem ao fígado ás voltas com a tal ave, tomo a liberdade de transcrever em sua honra, em honra de quem me ofertou um Festival, um pequenino e luminoso poema de García Lorca:

EL DIAMANTE (*)

El diamante de una estrella
Ha rayado el hondo cielo,
Pájaro de luz que quiere
Escapar del universo
Y huye del enorme nido
Donde estaba prisionero
Sin saber que lleva atada
Una cadena en el cuello.

(Continua na 4.ª página)



INSÓNIA de ANTÓNIO ALFREDO NUNES GUTERRES – Estudante – Leiria

TU

Por J. Alberto Quartau

Em Leiba, na minha terra. Minha terra natal! Algures na [serra d'Aire.
Na minha aldeia.
Numa noite como tantas, com o vento a soprar mais forte, eu [oiço música.
Um disco antigo: Johnny Tillotson; a canção Earth Angel. Canção e cantor dos meus 14 anos. Um garoto então! Mais [feliz. Talvez.
Mas esta noite, que eu quereria ser dia, dói-me. Este vento frio, assobiando neste meu velho casebre, chicoteia-me. Sinto-o espicaçar-me. Este vento que eu quereria que não assobiasse, esta calma campestre que me traz pensamentos [lúgubres...
Homo homini lupus! Vae soli! Quosque tandem?... Dá-me para citar latim sem nexo. Frases que se atropelam no meu [subconsciente.

É Setembro. Princípios. Hoje, um domingo, saí da serra e fui até ao mar. Fui ver o Atlântico em areais que me viram desde gaiato: Nazaré, S. Pedro de Muel, Figueira da Foz...

E quando corria de praia em praia eu, todo eu, o meu eu, entre mil torturas, esforçava-se por não verter lágrimas. Mas estas lágrimas, diferentes das da minha infância, que escorrem dentro de mim, fazendo-me contorcer, queimam-me!

E parei nas fragas. Nervoso. Condoído do carro, do meu pobre carro. Corri até às bolhinhas brancas, à escuma, ouvir o meu oceano. Apetecia-me precipitar-me naquelas águas, abraçá-las, berrar-lhes que as amava louca, cegamente, com todas as minhas forças.

«—As pessoas são menos que cães. Sentem menos! E eu sei que TU me compreendes. Compreendes que a Existência é uma eterna prisão deste Paraíso por que o meu coração anseia. Esse Paraíso que, por vezes, vem dos recônditos do meu ser até mais perto de mim. E eu então sinto-o, vivo um pouco dele, digo que a Vida é Fantástica. Que me apetece abraçar de alegria a boa gente serrana de Leiba, as suas árvores, as suas ervas...

Hoje o meu Paraíso fugiu. TU sabe-lo. E eu, não sou eu. Busco-me, procuro-me nestas praias que me viram crescer. Desesperadamente fujo das multidões e aqui, a sós conti-

(Continua na 3.ª página)

Poema em 3 actos

1

barcos
em regueiras
da
câmara municipal

2

dedo espiral
gesto

3

gaiatos-plástico
nas
ruas
da
câmara
municipal!

ROGÉRIO VIDIGAL

HISTÓRIA DA MUSA

APRESENTAÇÃO E PRÓLOGO

Apresentação e prólogo

1

Um dia a musa (que ainda era uma coisinha pequenina) foi a um leilão, com o pai, a mãe e vários parentes afastados.
Vieram todos a abarrotar:
— Uma camisa azul com quadradinhos pequeninos.
— Um par de meias pretas.
— Uns sapatos castanhos.
— Um casaco café com leite.
— Umas calças Terylene.
— Dois olhos negros e saltitantes.
— Uma dentadura sorridente.
— Uma cabeleira farta, que nem era postiça.
Tudo de boa qualidade e como novo.

2

Tabaco, musa e médico escolar

O médico escolar tosse.
A musa espirra.
Assobia a abertura do Guilherme Tell.
Pum. Pum. Passos do médico escolar.
Vem de comer as sopas.
A musa mete a beata no bolso.
Pum. Pum. Passa o médico escolar.
Pum. Pum. Passou.
Acaba-se o fôlego.
E o repertório.

3

A musa e o pássaro azul

A musa viu o pássaro aos saltos no céu.
Tira o cachecol. Atira fora os livros.
E vai atrás do passarinho.
As pessoas dizem ah!
Mas a musa não passa cartão.
Pura e simplesmente está a ir atrás do pássaro azul.
Acontece que a meio da história, a musa tem frio. Volta atrás para ir buscar o cachecol. E o continuo curva-se. E apanha-lhe os livros. E acaba o recreio.

4

A musa e o impermeável

Amigo Miranda vem fulo. Ulula.
Tchoc. Tchoc. Tchoc.
Eles disseram que a musa vinha de balandrau.
— Energúmenos.
Tchoc. Tchoc.
Amigo Miranda, vai, pé ante pé, concluir que Tchoc.
Malandros. Eu bem disse. Balandrau! Ena.
Tchoc. Tchoc. Tchoc.

5

A musa joga

A gente fez gazeta.
Arrombou janelas.
Escavacou portas.
Para ver a musa jogar.
Mas a musa chateou-se e fugiu com a bola para o café.
E o árbitro fez uma cena.
Apitou o apito.
Mas o apito não quis apitar.
E o árbitro foi fazer queixa.
Abraçámos a musa.
Ganhámos.

ARMINDO FERREIRA MIRANDA

HABITAÇÃO

(A minha mãe)

Uma casa de terra
por dentro e por fora
nossos limbos de sangue

Uma casa só de silêncio
apenas a dor que resta
quando amanhecer no quarto
um risco pela parede abaixo...

Casa de barro feita
a nossa mesa de jantar
posta por cima dos olhos

Um quarto de solidão ao natural!

EUSÉBIO L. MARTINS

REGULAMENTO DOS COLABORADORES

1 — O Suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa» destina-se a ser colaborado exclusivamente por jovens que dão os primeiros passos na literatura, no ensaio e nas artes plásticas.

2 — Não solicitamos colaboração. Os nossos leitores com vocação literária não devem esperar por convites. Devem enviar-nos, pura e simplesmente, a sua colaboração, á qual garantimos a maior atenção e o melhor acolhimento.

Direcção: «Diário de Lisboa - Juvenil», Rua Luz Soriano, 44, Lisboa.

3 — Em virtude do nosso suplemento se organizar com uma certa antecedência, não estranhem os pretendentes a colaboradores não verem trabalhos seus no «Juvenil» referente á semana em que os remeteram.

4 — Não e obrigatório dactilografar a correspondência nem os originais. Basta escrever em letra bem legível.

5 — Os originais devem ser escritos num só lado do papel. Cada poema em sua folha e todos os poemas assinados. Isto é muito importante!

6 — Se houver duas ou mais folhas, estas devem ser numeradas.

7 — Os originais não devem ser demasiado extensos.

8 — Não podemos devolver originais. Aconselhamos os nossos colaboradores a ficarem SEMPRE com uma cópia em seu poder.

9 — Da primeira vez que os Amigos nos escrevem devem enviar nome completo, direcção, profissão e idade.

10 — É permitido o uso do pseudónimo, mas os elementos de identificação atrás mencionados são indispensáveis.

11 — O «Diário de Lisboa - Juvenil» alheia-se completamente das tendências políticas ou crenças religiosas dos seus jovens colaboradores. Ele quer ser o campo em que, pelo amor á Beleza, á Verdade, á Justiça, á Vida, todos os jovens dêem as mãos.

A CARTA DA SEMANA

Caro Mário Castrim

Primeiro de tudo quero-lhe pedir desculpa do papel com os respectivos furinhos, mas hoje o dia está quente e aborrecido e eu só encontrei uma maneira — refugiar-me num café, e escrever...

É aborrecido não saber o que fazer, principalmente num dia destes, porém, há sempre qualquer coisa a fazer, quando se quer... escrever-lhe, por exemplo... E talvez pelo tempo hoje saiu-me isto, que vai junto... talvez um pouco brusco...

Eu espero que me compreenda, espero que veja que ás vezes apetece-nos gritar que o mundo é pura fantasia, onde nós só podemos estrangular os ecos da terra...

Mantive-me afastado do Juvenil, porque tenho tido bastante trabalho a preparar uma exposição de pintura, que farei no Porto.

Tenho por vezes umas quatro a cinco horas de trabalho por dia...

Mas enfim, agora que já tenho bastante menos, recomeço a minha «actividade literária»...

Um problema me preocupa, Mário, talvez apenas por egoísmo da minha parte... eu não sei nem compreendo como alguém possa viver uma vida completamente ignorado, andando por aí, pelas ruas, com a vitória da vida sobre si próprio. Dá-me vontade de lhe gritar:—Levanta-te, homem!...

Não compreendo porque eles não levantam a vela e não crispam os dedos no leme do barco, não rumam á procura de umas asas para voar mais alto...

Eu acho que qualquer homem pode ser mais do que ele é, na realidade, pode começar a arrancada gloriosa, quando bem lhe aprouver... Não sei, como em dias de opressão, eles não se revoltam e gritam: — Mais não!...

...Um, pelo menos devia erguer-se como na canção dos barcos e dizer que ele estava ali para significar todos aqueles que o mundo oprimiu...

...Talvez eu esteja enganado, e talvez não, talvez um dia alguém me possa vir a dar razão, se eu ainda a não tiver.

Eu acho que todos deviam, ou querer tocar num ramo da Arte, ou na ciência pura, para poder gritar:

Eu também vivo, como todos vós!...

Amigo Mário, acha que eu tenho razão, ou isto é mero egoísmo?!...

Voltando, porém ao ensaio que hoje escrevi, como já disse, talvez seja brusco, mas eu negar-me-ia a mim próprio, á minha maneira de pensar, se assim o não escrevesse...

A propósito?!... porque deixou você de fazer as críticas?

Adeus, amigo Mário, junto mando uns trabalhitos que hoje fiz.

Adeus!...
do amigo J. R.
(14 anos)

Limite

Comecei só por olhar as coisas
sem o espaço do sensível
e a rotina
(gato mole da braseira fácil)
por não me afundar e me catalogar.

Afinal roer as unhas ou a ironia do tempo
perder estradas devagar
seguindo
adiante cães ou ternura breve
falar muito de costas para o mar
esgotar as mãos, esgotar as pedras.

Acabei por não me sentar
direita ou inclinada
e tive buracos para contar aos pares
em cada noite

depois desenhei o contorno da angústia
e de todas as palavras
barrocas e roídas
cansadas de se fugir
de se não sentir
repetindo
dobrando conseguindo

fiz tapete da emoção e do riso
e deitei-me nele de vermelho invertido
fiz poço de silêncios e medalhas
lentos jornais de água suja
macia

e cantei, cantei porque me doíam os braços e as cores
como quem não sabe duma fome ou duma queda

cantei não sei o quê
(sem triste, sem violino, quase simples)
e percorri as montras precisas
do sono dos comboios.
afinal roer as unhas ou a ironia do tempo
(dor não começada, nem decisão, nem poema)
lento fumo só de não partir.

MARIA DOMINGAS

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

RECEPÇÃO

CRÍTICA A TRABALHOS RECEBIDOS

Por Mário Castrim

EUSÉBIO MARTINS (Lisboa) — Poeira talhada á medida dos dias que se vivem — ou não vivem: a sua. Dura como diamante, insólita — e com aquele amoroso horror ás palavras dos verdadeiros poetas. Continue a escrever-me. Publicar-se-ão «Nesse tempo» e o que principia por «Uma casa de terra...» o poema «Quando tiver as algemas...» é de todos o mais fraco, por demasiado convencional.

ARMINDO FERREIRA MIRANDA (Amadora) — Suas «Histórias da Musa» tem novidade. Tem audácia formal. São jovens. No entanto, para mim valem mais por aquilo que prometem do que por aquilo que elas são, sendo valiosas assim mesmo. Atacam o quotidiano. Alimentam-se, como a própria vida, dos alimentos que têm á mão. Volte a escrever-me.

NUNO DIAS FERREIRA (Porto) — Não estou de acordo com você quando afirma que o seu conto é feio. Há nele uma naturalidade, um quase pudor de contar, um como que ausentar-se da «literatice» e, simultaneamente, um desejo demonstrado sem demagogia, de se integrar na vida, de compreendê-la — e não lhe fugir, em suma. Volte a escrever. «Sem Sol» será publicado.

ROGÉRIO VIDIGAL (Casa Branca) — Continuo a seguir atentamente a sua evolução literária, a caminho de uma notável classificação. O caos começa a organizar-se — isto é, começa a destruir-se. A colaboração que tenho presente também será publicada.

JOSÉ SOARES DE ALMEIDA (Lisboa) — Recebi o seu livro. Parabéns! Farei referência mais pormenorizada logo que possivel.

M. L. P. P. C. (Lisboa) — O seu poema que principia

Espero na noite
que a madrugada
fria
chegue e me envolva...

quase atingiu. Perde força, no entanto, por uma certa imprecisão que o tosco final acentua. Escreva-me.

L. BETTENCOURT (Aljustrel) — A sua narrativa «Mar de Agosto» tem, de onde em onde, um andamento deveras curioso, a denunciar a presença de verdadeiro prosador. Não será publicado pois aguardo colaboração mais convincente. Toca a fugir ao convencional, ao excesso de palavras (a «riqueza» das palavras empobrece a arte), ás expressões sem nervo, género: «*bálsamo embriagador*», *calor ardente do Amor, noites que jamais se apagarão dos nossos cérebros, etc.*

M. C. S. (Porto) — Poesia foi coisa que não encontrei nas suas «poesias». Nem nos «sonetos», nem nas outras. Primarismo de execução, ausência de emoção. Transcrevo:

A tempestade
Surgiu
o vento
rugiu
e o homem fugiu,
pois no céu ele
viu
o castigo que
pediu.

A. G. S. (Penafiel) — Muita e descolorida descrição. Expressões gastas Gestos convencionais. Repetições escusadas:

Pus-me a pensar
e uma revoada
de pensamentos variados
me acudiu á mente...

A poesia nunca passa por estes caminhos. Poesia é coisa de viver. Não serve para brincar: queima nos dedos.

MARIA LEONOR XAVIER (Lisboa) — Sua colaboração é sempre bem recebida.

JOSÉ QUARTAU (Lisboa) — Um certo tom convencional coexiste com gestos de autenticidade, tirados do poço do real. A publicação de «Tu» deve-se á minha decisão de, em caso de duvida, ser a favor do réu. Volte a escrever-me e a demonstrar que as minhas reservas não têm razão de ser.

MARIA TEREZA BEIRÃO (Aveiro) — Duas artistas na mesma pessoa: convencional na prosa, viva na poesia. Claro, claro, prefiro esta! Publicarei o poema «Junto á Estação». Escute: não me trate por «Ex.mo Sr.». Não gosto. E para conterraneos é excessiva cerimónia...

LUÍS DE MIRANDA ROCHA (Viseu) — Continuo a seguir *com a maior atenção* a sua evolução literária. Admiro, nas suas criticas, o equilibrio, a luta por estar certo em relação á obra criticada, a fuga ao «espectáculo» intelectual, á exibição. Toda a colaboração que me mandou é publicável. Gostei, em especial, de «*Trago um choro de crianças na memória*». Digo-lhe: é um dos poemas que ultimamente mais me têm impressionado. Sei-o quase de cor. Um abraço.

M. T. M. (Cacém) — Você precisa muito de ler poesia, «*de saber como são as coisas por lá*». O seu melhor poema é «Que se vá!» exactamente por se ter libertado dos condicionalismos e formalismos das quadras e dos sonetos. Mas faltam-lhe ainda condições para publicação.

OS CORREDORES DO PALÁCIO

por LUÍZ DE FILIPE DE CASTRO MENDES

Sempre o meu medo maior, o que usurpou na minha infancia o lugar devido a todos os outros, foi o de ficar perdido nos corredores do palácio; no entanto, não escolhia outro lugar para passeio.

Eu não brincava, era um pequeno calado, que para além dos livros só amava os grandes corredores desertos, o silêncio, a voz do próprio pavor. E sempre foi assim. Nesse tempo viviamos numa casinha fresca, ao lado do palácio aonde meu pai se dirigia quotidianamente para examinar 'as pinturas. Meu pai trabalhava todo o dia, fosse no palácio, fosse em casa, no escritório interior, fresco e escuro, almofadado de silêncio pelos livros. Escrevia comunicações sobre o palácio, e pouco mais o preocupava. Minha mãe era a unica que fugia á tirania do palácio. Ralhava-me, mandava-me brincar com os outros rapazes que, indiferentes ás maravilhas escondidas por aqueles corredores bolorentos, onde lhes era vedado o acesso, brincavam ao pião na praça. Mas nem na praça eu lhe conseguia escapar: a sua fachada ocupava todo o lado sul, e eu olhava-o, olhava-o. Acabavam por encarar-me com estranheza («é a tua vez de jogar»), ás vezes batiam-me e eu fugia, entrava ás escondidas no palácio, perdia-me, abria portas, corria corredores, por fim encontrava pontos de referência, sitios conhecidos, e aquietava. Um dia, ao abrir uma porta, deparei com meu pai, que também por vezes ia ajudar o dr. Sá a catalogar a Biblioteca. Eu não conhecia aquela entrada para a Biblioteca e fiquei maravilhado. Mas meu pai não gostou da brincadeira. E á noite ralharam-me. Ralharam-me quase todos os dias por causa do palácio.

Os outros rapazes perguntavam-me, ás vezes, o que havia no tal palácio. Eu encolhia os ombros, calava-me, nunca sabia bem como dizer qualquer coisa a qualquer outra pessoa; e os miudos chamavam-me parvo. Eu ria-me, e fugia para o palácio.

Só as férias passava longe dele. E mesmo assim brincava ao «faz de conta» do palácio: a praia era o terreiro do palácio, a nossa casa era uma miniatura do palácio, tudo existia em função da sua toda-poderosa presença. Custa-me ainda conceber só ter ali passado três anos, como foi na realidade.

Ora com tudo isto existia o tal medo: um dia perder-me-ia, não encontraria a saida, ficaria pelo resto da vida no palácio. Pouco me entusiasmou a história, lida num velho livro de meu pai, do Minotauro. Se eu tinha o meu labirinto, sem qualquer Ariadne para me ajudar a sair... Só. E encarava as paredes, as salas todas iguais, a mudez da morte. Sim, eu sentia-me superior a Teseu.

Nos corredores, ás vezes gritava, sem saber se alguém me ouvia. E nunca aquele intrincado palácio me despertou, por necessidade, qualquer sentido de orientação. Ainda hoje me perco nas ruas, caminho, caminho até encontrar um leve ponto de referência, e, assim, chego a dar voltas extraordinárias. Como as daria naquele velho palácio, de que nunca cheguei a ver a planta.

Viviamos numa vila esquecida no Norte. Por vezes chegavam visitantes, mas meu pai raramente falava com eles. «Não sou guia-intérprete» dizia. Era antipático; mas para ele, que gastara parte da sua vida no estudo daquelas pinturas, era insuportável ver os olhares indiferentes de turistas apressados. Nesses dias fechava-se em casa e eu, timido, dos desasados estrangeiros, fugia olhar, escondido, a marcha gindo se algum me via e chamava. Assim, nunca tive qualquer contacto com aquelas pessoas. O dr. Sá é que os convidava ás vezes para jantar, mas eu nunca lá fui, porque tinha vergonha da filha do dr. Sá. No ultimo ano perdi essa vergonha e já começava a brincar com ela ás escondidas no palácio, encetando assim contactos humanos com o mundo. Mas então, bruscamente, fomos embora e nunca mais voltei ao palácio, nem tornei a ver a pequena Manuela. Foi também por esta altura que comecei a perder o medo ao palácio. Não duvido que, se tivesse ficado lá mais algum tempo, com Manuela, acabaria por o perder de todo. Mas assim não sucedeu.

O medo ao palácio vinha-me ás vezes sob a forma de uma corrente de ar brusca: de onde viria a corente de ar? Vibraria unicamente no meu coração (já nesse tempo era livresco) ou teria existência real? Perseguia a corrente por salas e salas, ofegante já, parava. Onde estaria? Olhava em volta. Com certeza já estivera naquela sala. Pouco a pouco, começava a recordar. Recordava as salas, mas não os caminhos, os meandros dos corredores. Como sair? Ia á janela, via o terreiro cor de cinza, nunca me conseguia orientar assim. Mas o pior eram as salas interiores, escuras e frias...

Assim vivia. Em silêncio. Agora estranho esses frios anos: como poderia estar tão só, tão reduzidamente só? E, no entanto, eu sentia o palácio, eu sentia a presença do palácio sobre tudo o que fazia na minha solidão. Quando brincava ou lia, podia sentir de repente um baque, um silêncio subito: já sabia o que era. Era Ele.

Quando, ao fim de três anos, nos fomos embora, minha mãe suspirou de alivio. «Estávamos ali muito isolados», dizia. Mais isolado me senti ao ir-me embora. E o meu medo de forma alguma desapareceu.

COMPENETRAÇÃO

Zé de Esculca 66

COMPENETRAÇÃO

de JOSÉ AVELINO P. DE ALMEIDA - Estudante - Lisboa

TU Por JOSÉ ALBERTO QUARTAU

(Continuação da 1.ª página)

go, peço-te ajuda. Ajuda-me, ajuda-me a abrir esta minha boca. Ela está a falar-te mas os meus lábios não se movem. Tremem!

Ajuda-me pois eu quero gritar mais alto do que TU. Ser o mais louco dos loucos. Procurar em ti o Paraíso que perdi. O meu Paraíso, o grande Paraíso da minha infância, em que amava e cria nos meus pais. O Paraíso da minha adolescência em que me abri entre mil sonhos platónicos. O Paraíso em que amei uma garota: «Colibri mal emplumado ainda». E com toda a minha alma!

Mas tudo fluiu.

Mar, continuo o mesmo idiota. Que não é capaz de fazer o que lhe apetece. TU... mas TU não me ajudaste! Eu tinha vontade de gritar e não gritei. Queria abraçar-te e não te abracei. Sinto vergonha de mim».

Em Leiba, na minha terra. Minha terra natal! Algures na [serra d'Aire.

Na minha aldeia.

Numa noite como tantas, com o vento a soprar mais forte, eu olço música.

CALOR TARDIO

(Continuação da 1.ª página)

atravessei a rua e marquei definidamente o rumo que seguiria. Dirigi-me a uma fresca esplanada próxima de casa, se não fosse o destino que me apareceu sob a forma de um papel a esvoaçar ao vento. E aqui começa a minha história.

Ia a passar indiferente mas o papel esvoaçou acenando-me, não quis olhar, esvoaçou novamente para a minha frente, olheie-o então com indiferença, mas ainda não contente colou-se-me aos sapatos, os tais que foram ontem engraxados, desta vez prestei-lhe mais atenção, não obstante isso, ia a deitá-lo fora quando o contraste da sua brancura com o escuro da rua me ficou preso á mão, então olhei-o ainda com mais cuidado e vi que era um papel completamente branco, mas que trazia escrita uma grande mensagem. Entusiasmei-me e comecei a decifrá-la. O papel todo branco tinha pertencido ao caderno de um estudante, que enervado com o calor que o prejudicava no estudo, o atirara pela janela. Tinha sido apanhado por um merceeiro que achou lhe fazia jeito para as contas. Mas, no entanto, deixou-o fugir ao atender uma freguesa. Um varredor da rua distraidamente deixou-o preso numa sargeta de onde foi arrancado por um jacto de água fresca da mangueira de lavar as ruas. Depois de secar ao sol, na rua, foi num caixote para o camião do lixo, mas daí voou para a rua, e ali ficara para se dirigir a mim e me contar a sua vida.

Continuo com o papel branco na mão que agora já não diz nada.

Então eu quis ser como os outros da vida do papel, transpirar sem ser só do calor do sol, e comecei a correr á volta do quarteirão.

E' esta a minha história. aquela que eu estava indeciso em vos contar, e que não se passou nem em dia de chuva, nem de vento fustigante, nem de tristeza fria, mas numa tarde de calor pegajoso com céu de moleza.

Não, não vos deixo falar, nem pergunto a vossa opinião porque sei me vai ser desagradável, e com este tempo, isso não sabe bem...

No entanto acrescento em minha defesa: «foi tudo do calor».

ANTÓNIO BARAHONA DE ALMEIDA

OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

Já tenho dezasseis anos, e tanto o pai como a mãe não perdem uma oportunidade de me lembrar de que já estou um homem. Isto, por um lado, e parece que estamos todos de acordo; mas, por outro lado, os meus pais a cada instante me tratam como se eu fosse uma criancinha que não tem querer nem sabe raciocinar. Não sou ouvido para coisa nenhuma, nem mesmo para aquilo que me diz directamente respeito; e, se me atrevo a abrir o bico em assuntos de importancia, ou mandam-me calar ou encolhem os ombros com um sorriso desdenhoso. Ora, eu gostaria que estas coisas mudassem mas não sei o que fazer para isso. Gostaria que o meu pai fosse um camarada, e não levantasse uma barreira entre mim e os meus amigos de um lado, ele e os amigos dele do outro. Gostaria que me convidasse a ir com ele ao café depois de jantar, que fosse comigo á praia aos domingos. Mas não. Ou saímos «em família», ou dão-me licença que saia com a rapaziada minha amiga. Em qualquer dos casos sou sempre o garoto e nunca o companheiro, o igual, o homem com quem se pode conversar, discutir, ouvir a opinião...

RESPOSTA

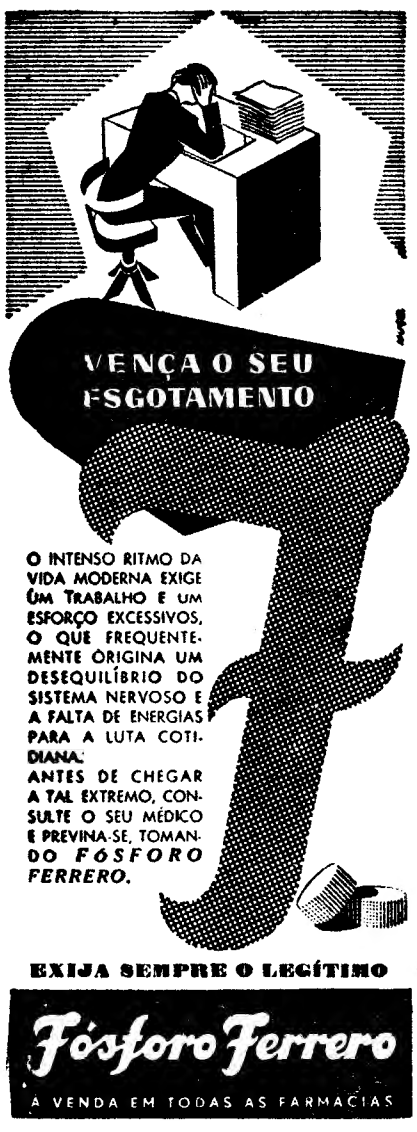
Creio que há um bocado de exagero de ambos os lados. Tu és um bocado tímido e desconfiado, por isso te calas, te isolas, quando o teu desejo é falar e associares-te; e os teus pais certamente também não têm sabido interpretar os teus silêncios e a tua timidez, e estarão convencidos de que preferes a companhia dos teus amigos sem interferências dos «adultos». Pelo que me contas, creio que é isto o que se passa. E o remédio que vejo é tu mostrares-te mais «tu mesmo». Não tenhas medo do teu pai, fala-lhe com naturalidade, sem receio de errar. Se erras, óptimo porque lhe dás uma oportunidade de ele te corrigir ou esclarecer. Se acertas, óptimo também, porque ele pouco a pouco será levado a tomar-te a sério, a compreender que já és um homem, e quando menos esperares encontra-lo-ás disposto a ouvir-te atentamente; e, daí a pedir a tua opinião, é um passo.

Sê tu, também, o primeiro a manifestar o desejo de o acompanhares ao café e a tomares parte, uma vez por outra, no seu grupo de amigos.

Sabes? Muitos pais têm dificuldade em acompanhar o desenvolvimento dos filhos, em compreender que os anos passaram, e vêem-nos sempre crianças.

Se perceberes isto já não te sentirás magoado, deixarás de te irritar. Se te mantiveres calmo, aceitarás melhor as situações, e também mostrarás melhor quem na verdade és.

TIÃO



2 POEMAS DE LUÍS MIRANDA ROCHA

Setembro

Para o Cabral Martins

esta canção de Setembro que eu canto
com a voz embargada pelo choro
no soluço atravessado na garganta
onde passa esta voz prisioneira
é canção deste mar adormecido
na tristeza do Outono por chegar
nas folhas amarelas e no vento
na brisa que alisa os meus cabelos
e alaga meus olhos já tão rasos
é canção resignada destes dias
bem iguais àqueles que hão-de vir
ou ficaram para trás nos outros anos
canção melopeia terno choro
das mãos abandonadas destes braços
do povo encerrado em suas casas
a ouvir lá longe a voz do mar
lá fora o vento nos telhados
é canção do Outono e do Inverno
eu a canto com a voz já nublada
da cinza desta chuva intermitente
da solidão das praias de Setembro

O vento vem do mar

O vento vem do mar vem sobre as ruas
e as casas fechadas pela noite
os gritos vêm da noite sobre a gente
e a gente tem ainda os olhos rasos

as vozes vão chegando apagadas
pelo sono da manhã as vozes mansas
o choro destas vozes sem guitarras
a embalar a morte companheira

e nos ventres das casas esta música
adormece os homens as mulheres
os filhos nos leitos melancólicos
com sonhos de barcos sobre o mar

o vento traz canções que vão morrendo
diluídas na tristeza desta voz
igual à dos mortos nesta hora
no mar ou na terra sepultados

LUÍS MIRANDA ROCHA

PROMETEU E OUTROS MITOS

(Continuação da 1.ª página)

Como vê, desde sempre, desde Ésquilo a Garcia Lorca subsiste a convicção de que o homem pequeno e desamparado vive acorrentado a princípios, ao eterno problema do que é bem fazer e do que é bem dizer, ao invólucro carnal que nos nega ou tenta negar uma liberdade de acção que nos levaria ao desfazer do mito, sem preocupações éticas, nem estéticas. É por isso que eu amo cada vez mais os poetas como Garcia Lorca, que transmudam a realidade, sem no entanto acabar com ela. Já não é mais Prometeu e a sua mesquinhez diante dos deuses, mas sim uma ave luminosa em altos céus que tenta escapar á corrente de ouro que leva atada. Mas como, se esse pássaro de luz é um pequenino diamante de uma estrela, logo a própria estrela? Sendo o homem parte integrante do divino, porque condenar nele os voos e a ascese que lhe assolam a imaginação como exercício benfazejo a afastá-lo do rochedo comprometedor, anátema da sua falta?

Aprenda com os poetas, caro confrade, já que as águas cá por baixo continuam muito turvas.

M. LEONOR XAVIER

(*) Extraído do libro de Poemas de Garcia Lorca — Editorial Losada S. A. — Buenos Aires.

NOTA DA AUTORA: Um certo sr. José Manuel Simenta Mordido escreveu para um certo jornal um conto que, sem ser plágio de três contos meus, é de certo modo irritante pela menção que faz a esses contos e pelo nome que lhe pôs: Festival Xavier.

Diario de Lisboa
Juvenil
DOS JOVENS PARA OS JOVENS